

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E LETRAS - CCHSL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGLe  
MESTRADO EM LETRAS, MODALIDADE PROFISSIONAL**

ZANADO PAVÃO SOUSA MESQUITA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA TERMINOLÓGICA EM LIBRAS NO CURSO DE  
PEDAGOGIA**

Imperatriz - MA

2023

ZANADO PAVÃO SOUSA MESQUITA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA TERMINOLÓGICA EM LIBRAS NO CURSO DE  
PEDAGOGIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Letras.

**Área de concentração:** Linguagem e Literatura

**Linha de pesquisa:** Linguagem, Memória e Ensino.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria da Guia Taveiro Silva

Coorientador: Prof. Dr. Gláucio Castro Júnior

Imperatriz - MA

2023

M582v

Mesquita, Zanado Pavão Sousa

Varição linguística terminológica em libras no curso de Pedagogia / Zanado Pavão Sousa Mesquita. – Imperatriz, MA, 2023.

111 f.; il.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria da Guia Taveiro Silva

Coorientador: Prof. Dr. Gláucio Castro Júnior

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2023 - Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Varição Linguística. 2. Libras. 3. Pedagogia. I. Título.

CDU 81'27:37

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: Raniere Nunes da Silva **CRB13/729**

ZANADO PAVÃO SOUSA MESQUITA

## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA TERMINOLÓGICA EM LIBRAS NO CURSO DE PEDAGOGIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, na área de Linguagem e Literatura, linha de pesquisa, Linguagem, Memória e Ensino.

Aprovada em: 27/04/2023

### BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente  
 **MARIA DA GUIA TAVEIRO SILVA**  
Data: 14/12/2023 22:48:07-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria da Guia Taveiro Silva  
(Orientadora)

Documento assinado digitalmente  
 **GLAUCIO DE CASTRO JUNIOR**  
Data: 14/12/2023 21:43:48-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Gláucio Castro Júnior - UnB  
(Coorientador)

Documento assinado digitalmente  
 **PATRICIA TUXI DOS SANTOS**  
Data: 14/12/2023 19:53:42-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Patricia Tuxi dos Santos - UnB  
(Examinadora externa)

Documento assinado digitalmente  
 **CLAUDIA LUCIA ALVES**  
Data: 15/12/2023 21:22:30-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cláudia Lúcia Alves  
(Examinadora interna)

Dedico este trabalho às comunidades surdas da Região Tocantina do Maranhão, que com muitas mãos enfrentam as barreiras impostas pela sociedade ouvinte e reforçam a resistência surda cotidianamente. O dedico, também, aos surdos graduados e graduandos dos cursos de Ciências Humanas, em especial aos surdos da Pedagogia, residentes na Região Tocantina do Maranhão.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela oportunidade de vivenciar essa experiência acadêmica.

Aos meus familiares, pela paciência e atenção durante esse período.

Agradeço ao coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, *campus* Imperatriz, o professor Dr. Gilberto Freire de Santana, por democratizar o acesso à formação em nível de Pós-Graduação *stricto sensu*, aos professores da Região Tocantina do Maranhão.

Sou profundamente grato a minha orientadora, professora Dr<sup>a</sup>. Maria da Guia Taveiro Silva, por aceitar me orientar e por possibilitar momentos de aprendizado e reflexão sobre a Língua Portuguesa, a variação linguística e a Sociolinguística. Além disso, sou grato pelos conselhos, troca de experiências, saberes e por todo o cuidado dedicado a mim.

Agradeço ao meu coorientador (Surdo), professor Dr. Gláucio Castro Júnior, por aceitar compartilhar comigo um pouco de sua extensa experiência na área da variação linguística e da terminologia na Língua de Sinais, com observações sempre pontuais e pertinentes para a melhoria desta pesquisa.

Sou grato à professora Dr<sup>a</sup>. Cláudia Lúcia Alves, por aceitar ler o meu trabalho e participar da minha banca de qualificação e defesa. Suas ponderações sobre a educação de surdos foram relevantes para esta pesquisa.

Sou grato, também, à professora Dr<sup>a</sup>. Patricia Tuxi dos Santos, pois o seu olhar experiente como lexicógrafa e terminógrafa da Libras contribuiu significativamente para o refinamento desta pesquisa. Sou grato pelas contribuições, pela participação na qualificação e na defesa do meu trabalho, e pela sensibilidade na análise lexical.

Agradeço também à Secretaria Municipal de Educação do Município de Davinópolis – MA, em especial à então secretária de educação Edilene Sipaúba e ao vice-secretário, Valdir Magalhães Fortes, por permitirem a minha ausência no ambiente de trabalho nos momentos pontuais desta pesquisa.

Sou profundamente grato, também, a minha chefe do Departamento Municipal de Educação Inclusiva Gusmão - DEMEI, de Davinópolis - MA, Ana Núbia de Carvalho Souza e à supervisora do DEMEI, a professora Francisca Cavalcante Silva da Silva, por me possibilitarem a realização desta pesquisa sem prejuízo ao meu alunado e a minha carga-horária de trabalho, como também por todo o acolhimento e empatia dedicado a mim.

Agradeço as minhas diretoras das duas escolas em que trabalho, Fabianna Mistty de Oliveira Carvalho e Maria Ivoneide Oliveira dos Reis, por toda a compreensão e apoio neste período.

Sou grato à coordenadora da Educação Especial do município de Açailândia-MA, a professora Ivanilde Sobral de Lima, bem como à professora de Libras, também de Açailândia, Vivyan Steffanie Leite dos Reis da Fontoura, por possibilitarem que os surdos instrutores do município respondessem ao questionário da pesquisa.

Ao Alex Silva Alves, pela indicação da coorientação, meu muito obrigado!

Agradeço à Ízia Folha, pela gentileza em compartilhar comigo os seus textos sobre a Teoria Geral da Terminologia e sobre a Teoria Comunicativa da Terminologia, gratidão!

Agradeço aos professores do curso de Pedagogia do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras - CCHSL, da UEMASUL por contribuírem na minha formação inicial, entre eles: o professor Dr. Francisco de Assis Carvalho de Almada, a professora Dr<sup>a</sup>. Ilma Maria de Oliveira Silva, a professora Dr<sup>a</sup>. Roza Maria Soares da Silva e a professora Ma. Marcella Arraes Castelo Branco.

Agradeço à Comunidade Surda da Região Tocantina do Maranhão, em especial aos surdos de Imperatriz - MA e de Açailândia - MA, por me aceitarem em seu convívio e me oferecerem a possibilidade de conhecer o mundo do Povo Surdo, por meio das experiências visuais proporcionadas pela Língua Brasileira de Sinais - Libras, língua esta carregada de cultura, vida, dinamicidade, heterogeneidade e, ao mesmo tempo, univocidade em seus conceitos e designações.

“(...) cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e lexicais”.

(Biderman, 2004, p. 93)

## RESUMO

Os sinais-termo na educação de Surdos corroboram para que o conhecimento científico e acadêmico seja adquirido pelos Surdos, sobretudo, os do Ensino Superior. No entanto, a ocorrência de sinais-termo variantes pode dificultar a compreensão de determinados termos. Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a ocorrência de variantes linguísticas dos sinais-termo na sinalização de Surdos do curso de Pedagogia de Imperatriz - MA e de cidades adjacentes, de modo a compreender a variação linguística terminológica na Libras<sup>1</sup>. A pesquisa se embasa na hipótese de que há uma diversidade de sinais-termo em Libras no curso de Pedagogia. Para realizar uma pesquisa que abarcasse esta proposta escolheu-se a abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, além de ter o questionário fechado como instrumento de construção dos dados, questionário este distribuído por meio do *google forms* a colaboradores da pesquisa, que foram Surdos, graduados e graduandos, do curso de Pedagogia, das cidades de Imperatriz - MA e Açailândia - MA. Para o desenvolvimento desta pesquisa, são utilizados estudos que contemplam a área de alfabetização, letramento e bilinguismo que se pôde fazer paralelo com a educação de Surdos, tais como: Backer (2001), Quadros (1997), Skliar *et al.* (2016), Street (2014), Strobel (2009, 2018), Stumpf (2005) e Soares (2004, 2005, 2017); dos estudos da variação linguística: Bortoni-Ricardo (2004), Calvet (1972, 2002), Camacho (2011), Coelho *et al.* (2018), Pereira (2012) e Silva (2013); do léxico, como os estudos de Biderman (1998), Cabré (1993), Finatto (1996), Krieger e Finatto (2004); dos sinais-termo na Língua de Sinais: Castro-Júnior (2014), Costa, M.R. (2012, 2020), Costa, F.R. (2018), Faria-Nascimento (2009) e Faulstich (1990, 1995), dentre outros. Os resultados mostram que as variantes linguísticas ocorrem a partir da base paramétrica que compõem o sinal-termo, a saber: a Configuração de Mão, o Ponto de Articulação, a Orientação e Direcionalidade, o Movimento e as Expressões Não-Manuais e Faciais. Cada uma dessas bases paramétricas possui elementos morfossintáticos específicos que corroborarão para que a compreensão do sinal-termo seja evidenciada, proporcionando uma padronização do sentido linguístico perante as variações terminológicas. A relevância dessa pesquisa se dá por poder contribuir com a expansão dos conhecimentos acadêmicos de Surdos graduandos na área educacional tendo a cidade de Imperatriz - MA, e cidades adjacentes, como *locus* da formação acadêmica de Surdos da Região Tocantina do Maranhão. Esta é uma investigação inserida na área de Estudos Literários e Estudos Linguísticos, na linha de pesquisa Linguagem, Memória e Ensino, do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLE), da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), fazendo parte do Grupo de Estudos Linguísticos do Maranhão (GELMA).

**Palavras-chave:** Graduação. Léxico. Sinais-termo. Surdos. Variação Linguística.

---

<sup>1</sup> Os sinais-termo identificados na pesquisa foram catalogados e organizados na Produção Técnico-Tecnológica intitulada “Léxico alfabético semibílingue de sinais-termo do curso de pedagogia”. Link de acesso: <https://mega.nz/file/QiExQIAL#HLSjUh5kLp7ExkFoe3F7hy0vF3I1Gq9LIZIlyHgGTKk>

## ABSTRACT

The signals-term in the Deaf's education corroborate to the acquisition the scientific and academic knowledge by them, especially those in Higher Education. However, the occurrence of variant signals-term can make it difficult to understand certain terms, by them. Thus, this research aims to analyze the occurrence of linguistic variants of signals-term in the signage by Deaf people in the Pedagogy course in Imperatriz - MA and in adjacent cities, in order to understand the terminological linguistic variation in Libras. The research has as hypothesis the existence of diversity of signals-term in Libras in the Pedagogy course. Thus, this research is carried out in a qualitative approach, of an exploratory and descriptive nature, and it has as a data construction instrument a questionnaire, sent to the research collaborators through google forms, to graduates and undergraduates, from the Pedagogy course, from Imperatriz city - MA and Açailândia - MA cities. The results has shown that the linguistic variants occur from the parametric basis that compose the signals-term, namely: Hand Configuration, Point of Articulation, Orientation and Directionality, Movement and Non-Manual and Facial Expressions. For the research development, studies are used that contemplate the literacy area, literacy and bilingualism that could be done in parallel with the education of the Deaf, such as: Backer (2001), Quadros (1997), Skliar et al. (2016), Street (2014), Strobel (2009, 2018), Stumpf (2005) and Soares (2004, 2005, 2017); of the linguistic variation studies: Bortoni-Ricardo (2004), Calvet (1972, 2002), Camacho (2011), Coelho et al. (2018), Pereira (2012) and Silva (2013); the lexicon, such as the studies by Biderman (1998), Cabré (1993), Finatto (1996), Krieger and Finatto (2004); of term signs in Sign Language: Castro-Júnior (2014), Costa, M.R. (2012, 2020), Costa, F.R. (2018), Faria-Nascimento (2009) and Faulstich (1990, 1995), among others. Each one of these parametric bases has specific morphosyntactic elements that will corroborate to the understanding of the signals-term to be evidenced, providing a standardization of the linguistic meaning in the face of terminological variations. Each of these parametric bases has specific morphosyntactic elements that will corroborate the understanding of the signals-term to be evidenced, providing a standardization of the linguistic meaning in the face of terminological variations. The relevance of this research is because it can contribute to the expansion of academic knowledge of Deaf students graduating in the educational area, having the city of Imperatriz - MA, and adjacent cities, as the locus of academic training for Deaf people in the Tocantina Region of Maranhão. This investigation is of the Literary Studies and Linguistic Studies area, of theof research Language, Memory and Teaching line, of the Graduate Program in Letters (PPGLE), of the State University of the Tocantina Region of Maranhão (UEMASUL), of the Linguistic Studies Group of Maranhão (GELMA).

**Keywords:** Graduation. Lexicon. signals-term. Deaf. Linguistic Variation

## LISTAS DE QUADROS

<b>Quadro 01:</b> Lista de sinais-termo encontrados na pesquisa.....	62
<b>Quadro 02:</b> Modelo de ficha terminológica Libras-Português .....	68
<b>Quadro 03:</b> Traçando o perfil do Surdo-colaborador .....	72
<b>Quadro 04:</b> Sinais-termo com variação na Configuração de Mão.....	80
<b>Quadro 05:</b> Possíveis localização sobre o corpo na ASL .....	84
<b>Quadro 06:</b> Sinais-termo com variação no Ponto de Articulação .....	85
<b>Quadro 07:</b> Sinais-termo com variação no Movimento .....	88
<b>Quadro 08:</b> Sinais-termo com variação na Orientação e Direcionalidade .....	90

## LISTAS DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b> Exemplo de variante estigmatizada em Libras - sinal-termo para INDÍGENA ....	33
<b>Figura 02:</b> Exemplo de variante-padrão em Libras - sinal-termo de “Libras” .....	34
<b>Figura 03:</b> Equipe do Projeto Manuário .....	53
<b>Figura 04:</b> “Índice Geral” do Manuário digital do INES .....	55
<b>Figura 05:</b> “Dicionário Onomástico” do Manuário digital do INES com os sinais-nomes dos autores da área da educação .....	56
<b>Figura 06:</b> “Manuário” apresentado pelo professor surdo Valdo Nóbrega criador do nome do Projeto Manuário .....	57
<b>Figura 07:</b> “Dicionário Temático” .....	57
<b>Figura 08:</b> Glossário de Libras da UFSC .....	58
<b>Figura 09:</b> Sinal-termo “Psicologia” .....	59
<b>Figura 10:</b> Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos (Capa dos volumes 1 a 3) .....	60
<b>Figura 11:</b> Exemplo de sinal-termo do Dicionário da Língua de Sinais: a Libras em suas mãos .....	61
<b>Figura 12:</b> Parte do questionário, que busca saber perfil dos Surdos-colaboradores (Seção 1 de 2 do questionário) .....	66
<b>Figura 13:</b> Modelo de questionário a ser desenvolvido com os Surdos-colaboradores .....	69
<b>Figura 14:</b> Organização das CMs – Pimenta (material didático da LSB – Vídeo, s.d.) .....	77
<b>Figura 15:</b> Quadro de Configuração de Mão (Faria-Nascimento, 2009) .....	78
<b>Figura 16:</b> Visiologia tridimensional da CMs e suas conexões .....	79
<b>Figura 17:</b> Proposta de ordenação para o parâmetro movimento .....	87
<b>Figura 18:</b> Ordem para as expressões faciais .....	93
<b>Figura 19:</b> Ordem par o parâmetro: Expressão Corporal .....	93
<b>Figura 20:</b> Aspectos da educação lexicográfica em Douettes (2015) .....	99
<b>Figura 21:</b> Aspectos da educação lexicográfica de Tuxi (2017) .....	100
<b>Figura 22:</b> Modelo da Produção-Técnico Tecnológica .....	101

**LISTAS DE ABREVIACÕES**

<b>ASL</b>	<i>American Sign Language</i>
<b>CM</b>	Configuração de Mão
<b>DOU</b>	Diário Oficial da União
<b>ENMF</b>	Expressões Não Manuais e/ou Faciais
<b>GELMA</b>	Grupo de Estudos Linguísticos do Maranhão
<b>IES</b>	Instituição de Ensino Superior
<b>INES</b>	Instituto Nacional de Educação de Surdos
<b>L1</b>	Primeira Língua
<b>L2</b>	Segunda Língua
<b>LIBRAS</b>	Língua Brasileira de Sinais
<b>LP</b>	Língua Portuguesa
<b>M</b>	Movimento
<b>O/D</b>	Orientação/Direcionalidade
<b>OM</b>	Orientação da Mão
<b>OP</b>	Orientação da Palma
<b>PA</b>	Ponto de Articulação
<b>PPGLe</b>	Programa de Pós-Graduação em Letras
<b>PPT</b>	Produção Técnico-Tecnológica
<b>RM</b>	Relação entre mãos
<b>SV</b>	Sujeito e Verbo
<b>SVO</b>	Sujeito, Verbo e Objeto
<b>TILSP</b>	Tradutor/Intérprete de Libras - Língua Portuguesa
<b>UEMASUL</b>	Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<b>UFSC</b>	Universidade Federal de Santa Catarina
<b>UnB</b>	Universidade de Brasília
<b>VO</b>	Verbo Objeto

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>20</b>
<b>2.1 O léxico na educação de surdos</b> .....	<b>20</b>
2.1.1 Alfabetização e letramento de surdos .....	24
<b>2.2 Estudo da variação linguística</b> .....	<b>28</b>
2.2.1 Variação linguística em Libras .....	28
2.2.2 Discussão das variantes-padrão e estigmatizadas em Língua de Sinais .....	32
<b>2.3 Terminologia e sinal-termo</b> .....	<b>36</b>
2.3.1 Aspectos gerais da terminologia .....	36
2.3.2 O conceito e uso dos sinais-termo .....	42
2.3.3 Variação terminológica em Libras .....	47
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>50</b>
<b>3.1 O tipo da pesquisa</b> .....	<b>50</b>
3.1.1 Definição do público-alvo .....	52
<b>3.2 A geração dos dados</b> .....	<b>52</b>
<b>3.2.1 O levantamento dos sinais-termo</b> .....	<b>52</b>
3.2.1.1 O Manuário Acadêmico e Escolar do Instituto Nacional de Educação de Surdos-INES.....	53
3.2.1.2 O glossário da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC .....	58
3.2.1.3 O Dicionário da Língua Brasileira de Sinais: a Libras em suas mãos .....	60
<b>3.2.2 O uso do questionário, com os colaboradores</b> .....	<b>65</b>
3.2.2.1 A aplicação do questionário.....	66
<b>3.3 Organização das fichas terminológicas</b> .....	<b>67</b>
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>71</b>
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	<b>94</b>
<b>6 PRODUÇÃO TÉCNICO-TECNOLÓGICA: “Léxico alfabético semibilíngue de sinais-termo do curso de Pedagogia”</b> .....	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>103</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>108</b>
<b>Apêndice A - Modelo de ficha terminológica</b> .....	<b>109</b>
<b>Apêndice B - Links de acesso ao questionário</b> .....	<b>110</b>

<b>Apêndice C</b> - Link de acesso ao “ <i>Léxico alfabético semibilíngue de sinais-termo do curso de Pedagogia</i> ” .....	111
---	-----

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo está incluído na linha de pesquisa Linguagem, Memória e Ensino, do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLe), da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), é desenvolvido sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria da Guia Taveiro Silva, professora do Mestrado em Letras, da UEMASUL e coorientado pelo Prof. Dr. Gláucio Castro Júnior, professor do Mestrado e Doutorado Acadêmico em Linguística - PPGL e do Mestrado em Estudos da Tradução - POSTRAD, da Universidade de Brasília - UnB. O estudo insere-se também no Grupo de Estudos Linguísticos do Maranhão (GELMA).

Com a inclusão efetiva dos alunos Surdos no Ensino Superior foi necessário desenvolver obras terminológicas que atendessem a esses alunos em áreas do conhecimento específicas. Uma das principais características dessas obras é a estrutura diferenciada, referente às questões linguísticas, pois a língua de sinais é a língua basilar para que as informações contribuam para a consolidação e o reforço da democratização do conhecimento para os alunos Surdos.

Nesse contexto, nos estudos da linguística aplicada e da abordagem sociointeracionista, na área da educação de Surdos e língua de sinais, tem-se um crescente avanço dos estudos referentes aos dicionários. Estes materiais, por sua vez, podem atender às demandas dos estudantes Surdos, por catalogar os sinais-termo existentes para os termos de áreas específicas, incluindo as variantes linguísticas.

A variação linguística em Libras é um fator linguístico corriqueiro no cotidiano comunicativo das pessoas usuárias desta língua, sendo mais comum ocorrer variação entre pessoas de diferentes regiões do Brasil. No meio escolar e acadêmico, ela ocorre a partir da área de conhecimentos de cada componente curricular ou acadêmico. Além disso, a variação no léxico é corriqueira uma vez que os sinais ganham formas peculiares a depender de quem os sinalizam, deixando a marca pessoal e da comunidade de fala de quem os produz no discurso.

Outro fenômeno que ocorre é a criação de sinais em sala de aula, conforme aponta também o autor Castro-Júnior (2014) há poucos estudos com critérios que possibilitam a classificação e a organização dos sinais-termo, muitos deles são criados em sala de aula, quando, para uma palavra em Língua Portuguesa, não existe um sinal correspondente. Assim percebe-se que estes termos são criados para atender às demandas de sentido e de economia do tempo em determinados componentes curriculares. Estes dois fatores - o sentido do termo no sinal-termo e a economia do uso dos sinais, possibilitam a fluidez e objetividade comunicativas, pois o intérprete de Libras e o aluno Surdo conseguem se comunicar e criar mecanismos de

construção do conhecimento, a partir da necessidade do sinal-termo na área que possui sua ausência.

Segundo Castro-Júnior (2014), a criação de sinais-termo em sala de aula é válida e necessária para os alunos Surdos. No entanto, deve-se divulgar esses sinais-termo para que entre as variantes presentes uma seja eleita como variante-padrão de uso e, assim, serem divulgadas para que outros Surdos de outras regiões consigam ter uma comunicação fluída e objetiva em determinados assuntos do conhecimento escolar e acadêmico. O autor destaca ainda que pode ocorrer a incompreensão dos sinais-termo entre Surdos de uma mesma cidade e que estudam em instituições diferentes corroborando para a falta de univocidade na comunicação, uma vez que a terminologia deve estar a serviço da objetividade e coerência no diálogo de pessoas usuárias de uma língua (Cabré, 1998).

Dessa forma, o interesse do pesquisador nessa temática surgiu a partir da experiência acadêmica e profissional como Tradutor/Intérprete de Libras - Língua Portuguesa - TILSP<sup>2</sup>. Ademais, por ser graduado em Pedagogia (UEMASUL, 2019) e trabalhar na educação. Como TILSP o pesquisador pôde vivenciar o cotidiano de alunos Surdos desde a Educação Bilíngue (espaço em que realizou os Estágios Supervisionados do curso de graduação). Nesses estágios, o pesquisador foi percebendo a variação linguística de léxico e terminologias utilizadas pelos Surdos da cidade. Em uma de suas experiências profissionais, ele atuou como TILSP em uma Instituição de Ensino Superior - IES com alunos Surdos no curso de Pedagogia, o que possibilitou a percepção de ocorrências de variantes dos sinais-termo utilizados pelo pesquisador e pelos Surdos graduandos nesta área. Os Surdos graduandos utilizavam sinais específicos para determinado termo e o pesquisador não os compreendia ou vice-versa. A datilologia<sup>3</sup> era um meio para constatar o termo e o seu sinal-termo e, assim, desenvolver a compreensão necessária.

A hipótese é de que há uma diversidade na variação terminológica em Libras no curso de Pedagogia. Portanto, o objeto desta pesquisa é a variação terminológica da Libras presente no curso de Pedagogia. Com isso, delimita-se a seguinte pergunta de investigação: há variação terminológica em Libras no curso de Pedagogia? Quais?

Assim, faz-se necessário compreender a relação de uso da variação linguística na área da educação para contribuir com a formação de Surdos, a partir da consolidação dos sinais desta

---

<sup>2</sup> Entre as terminologias utilizadas escolheu-se está para referir-se ao profissional Tradutor/Intérprete de LIBRAS-LPB.

<sup>3</sup> Datilologia pode ser entendido como a soletração em Libras dos elementos ortográficos que compõe um vocábulo em Língua Portuguesa.

área, fazendo com que outros pesquisadores possam usufruir dessas análises para o ensino de Surdos em IES ou em outros espaços educacionais. Portanto, a disponibilização do conteúdo desta pesquisa abará os Surdos do curso de Pedagogia bem como outras pessoas interessadas na temática como professores, intérpretes e a comunidade acadêmica em geral, bem como participantes de bolsa de pesquisa e iniciação científicas na área da Libras, por apresentar a diversidade dos sinais-termo para essa área.

Por sua vez, esta pesquisa tem como objetivo analisar a ocorrência de variação linguística dos sinais-termo na sinalização de Surdos do curso de Pedagogia de Imperatriz - MA e de cidades adjacentes. Os objetivos específicos são investigar a ocorrência de variantes linguísticas dos sinais-termo na sinalização dos Surdos-colaboradores; verificar a percepção que os Surdos-colaboradores têm da variação linguística dos sinais-termo no curso de Pedagogia; catalogar os sinais-termo utilizados pelos Surdos-colaboradores desta pesquisa; descrever a variedade de sinais-termo identificados no repertório linguístico dos Surdos-colaboradores e apresentar os sinais-termo identificados, à comunidade surda.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, são utilizados estudos que contemplam a área de alfabetização, letramento e bilinguismo que pudessem fazer paralelo com a educação de Surdos, tais como: Backer (2001), Quadros (1997), Skliar *et al.* (2016), Street (2014), Strobel (2009, 2018), Stumpf (2005) e Soares (2004, 2005, 2017); dos estudos da variação linguística com o foco nas línguas de sinais: Bortoni-Ricardo (2004), Calvet (1972), Calvet (2002), Camacho (2011), Coelho *et al.* (2018), Labov (1972), Pereira (2012) e Silva (2013); do léxico e do termo em línguas orais, como os estudos de Barros (2007), Biderman (1998), Cabré (1993), Finatto (1996), Krieger e Finatto (2004) e Wüster (1998); dos sinais-termo na Língua de Sinais: Castro-Júnior (2014), Costa, M.R. (2012, 2020), Costa, F.R. (2018), Douettes (2015), Faria-Nascimento (2009), Faulstich (1990, 1995), Prometi (2013) e Tuxi (2017). A relevância dessa pesquisa se dá por poder contribuir com a expansão dos conhecimentos acadêmicos de Surdos graduandos na área educacional tendo a cidade de Imperatriz - MA, e cidades adjacentes, como *locus* da formação acadêmica de Surdos da Região Tocantina do Maranhão.

Esta pesquisa é desenvolvida a partir da abordagem qualitativa, sendo de natureza exploratória e descritiva. Para o levantamento dos dados, o instrumento principal é um questionário, com os Surdos-colaboradores. Este foi disponibilizado por meio do *Google Forms*.

O texto está organizado em seis seções. A primeira aborda seu conteúdo introdutório, no qual foi apresentado de maneira geral a hipótese inicial, o objetivo geral e os específicos, o objeto de estudo, a pergunta de investigação, os principais autores que fundamentam a pesquisa,

sua relevância e a abordagem metodológica. A segunda seção apresenta uma breve revisão de literatura, a qual contém os principais pressupostos teóricos da pesquisa. A terceira seção descreve o percurso metodológico utilizado para a concretização do estudo. Na quarta seção descreve as análises dos dados a partir das categorias das bases paramétricas. Na quinta seção encontram-se algumas considerações. Na sexta seção foi apresentada a proposta de Produção Técnico-Tecnológica-PPT. Além dessas seções, há a lista das referências utilizadas na pesquisa e os apêndices.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

A variação terminológica em Libras está relacionada a diversos elementos que dizem respeito à forma da presença Surda nos ambientes em que ela se faz necessária. Sabe-se que a constituição de um vocábulo ocorre a partir da necessidade para a comunidade que interage, mas a terminologia abarca esse vocábulo como um termo de uma área do conhecimento para uso específico dos sinalizantes da língua para a área. Dessa forma, os elementos que podem ser intrínsecos à variação linguística são a aquisição linguística, o léxico com toda a sua constituição, a educação de Surdos (bilíngue ou efetivamente inclusiva – ensino básico ao superior), a alfabetização, o letramento, a presença das variantes-padrão e estigmatizadas em Língua de Sinais e, por fim, o dicionário e glossários em Libras, foco da variação terminológica em Libras presente neste estudo. Estes e outros assuntos serão apresentados neste texto, a partir dos próximos tópicos.

### 2.1 O léxico na educação de Surdos

No contexto educacional brasileiro a educação bilíngue de Surdos é uma conquista da Comunidade Surda. De acordo Strobel (2018), por muito tempo os Surdos foram privados de seus direitos e obrigados a viver à margem da sociedade. Alguns fatores históricos corroboraram para a estigmatização e fortalecimento do preconceito e discriminação do Povo Surdo. Para Skliar *et al.* (2016), o Congresso de Milão, na Itália, ocorrido em 1880, por exemplo, foi um marco negativo na educação de Surdos, pois a partir das resoluções votadas pelos educadores presentes nesse evento os Surdos foram inibidos de utilizarem a Língua de Sinais, sobretudo no espaço educacional.

Ainda, segundo Skliar *et al.* (2016), a partir desse evento, três correntes educacionais se desenvolveram na educação de Surdos: o *oralismo*, a *comunicação total* e o *bilinguismo*. O *oralismo* estimulava o uso da oralização e de métodos orais e auditivos na educação de Surdos; a *comunicação total* utilizava-se de todos os métodos possíveis para ensinar alunos Surdos – uso de aparelhos de amplificação sonora, gestos, mímicas, a própria oralização e o uso da língua de sinais (esta, por sua vez, não era vista como língua de instrução, mas apenas como mais um método no ensino para alunos surdos); o *bilinguismo*, atual método de ensino de Surdos, preconiza a utilização da língua de sinais como língua de instrução, sendo que os alunos Surdos devem adquirir a sua língua materna e natural como primeira língua ou L1, e a língua portuguesa

como segunda língua ou L2 na modalidade escrita. Os Surdos, assim, podem optar pelo desenvolvimento ou não da oralização, a depender do próprio desejo ou de sua família.

Intrínseco ao bilinguismo está a *Pedagogia Surda* que pode ser entendida como um conjunto teórico-metodológico de práticas de ensino vivenciadas a partir da experiência surda na escolarização (Digiampietri; Matos, 2013). As autoras consideram de fundamental importância a presença surda no ensino para que os traços marcados na visualidade sejam a base da mediação pedagógica para os alunos surdos.

Focando na Língua Brasileira de Sinais - Libras como língua de instrução na Educação Bilíngue de Surdos é importante ressaltar os tipos de bilinguismo e as fases de aquisição da linguagem nas quais os Surdos podem adquirir a língua de sinais de maneira mais crítica e natural, de forma a não causar prejuízo para a sua escolarização. Segundo Backer (2001), os tipos de bilinguismo mais recorrentes são: *bilinguismo composto* ou *simultâneo*, *bilinguismo coordenado* ou *sucessivo* e o *bilinguismo sub-coordenado* ou *subtrativo*.

O *bilinguismo composto* ou *simultâneo* ocorre quando a criança apreende duas línguas de forma simultânea. Ele pode ocorrer desde o nascimento ou desde os primeiros anos de idade, porém dentro de um mesmo contexto de aquisição da linguagem. Esse tipo de bilinguismo também pode ser chamado de *bilinguismo aditivo*.

O *bilinguismo coordenado* ou *sucessivo* se dá quando a criança apreende duas línguas em contextos distintos, sendo que ocorre desde o nascimento ou desde os primeiros anos de vida. Por exemplo, ele ocorre quando uma criança muda para um ambiente no qual a língua usada não é a sua língua materna. Vale destacar que a criança já aprendeu parcialmente a sua língua materna e aprende uma segunda língua (ou língua adicional) na infância.

No *bilinguismo sub-coordenado* ou *subtrativo* a criança aprende uma língua adicional “filtrando” essa aprendizagem pela língua materna. A aprendizagem da sua língua materna se dá em contexto minoritário e, por conta disso, a criança aprende mais a língua adicional em detrimento de sua língua materna. Um dos principais impactos linguísticos na criança é o fato de ela ter mais domínio da língua adicional, sendo que o domínio de sua língua materna tende a diminuir.

É importante ressaltar que as crianças surdas adquirem a língua de sinais em estágios específicos de aquisição da linguagem e que, pela modalidade da língua natural – a Libras, as crianças surdas têm implicações diferenciadas na construção do pensamento e modo de ver o mundo. Segundo Quadros (1997), os períodos de aquisição da linguagem pelas crianças Surdas são: *pré-linguístico*, *estágio de um sinal*, *estágio das primeiras combinações* e o *estágio das múltiplas combinações*.

Para Quadros (1997), o período *pré-linguístico* ocorre desde o nascimento até os 14 meses de idade. Em estudo feito por Petitto e Marantette (1991 *apud* Quadros, 1997, p. 70), as crianças surdas possuem semelhanças com as crianças ouvintes nessa mesma fase, pois nos bebês surdos, foram identificadas duas formas de balbucio manual: o balbucio silábico e a gesticulação. O balbucio silábico apresenta combinações que fazem parte do sistema fonético da língua de sinais e a gesticulação, por sua vez, não apresenta organização interna. Pois

os dados apresentam um desenvolvimento paralelo do balbucio oral e do balbucio manual. Os bebês surdos e os bebês ouvintes apresentam os dois tipos de balbucio até um determinado estágio e desenvolve o balbucio da sua modalidade. É por isso que os estudos afirmavam que as crianças surdas balbuciavam (oralmente) até um determinado período (Petitto; Marantette, 1991 *apud* Quadros, 1997, p. 70).

Para Quadros (1997) as crianças surdas e as crianças ouvintes desenvolvem a linguagem semelhantemente no período *pré-linguística*. Esse pode ser um fator para dificultar a identificação da criança surda precocemente pois as duas possuem comportamento linguístico semelhante. A autora continua dizendo que nas crianças surdas a vocalização é interrompida assim como as produções manuais são interrompidas nas crianças ouvintes, pois “o *input* favorece o desenvolvimento de um dos modos de balbuciar” (Quadros, 1997, p. 71).

O período do estágio de um sinal ocorre por volta dos 12 meses da criança surda se estendendo até por volta dos dois anos. Quadros (1997) ressalta que:

As crianças surdas com menos de um ano, assim como as crianças ouvintes, apontam frequentemente para indicar objetos e pessoas. Mas quando a criança entra no estágio de um sinal, o uso da apontação desaparece. Petitto (1987) sugere que nesse período parece ocorrer uma reorganização básica em que a criança muda o conceito da apontação inicialmente gestual (*pré-linguística*) para visualizá-la como elemento do sistema gramatical da língua de sinais (*linguístico*) (Petitto, 1987; Bellugi; Klima, 1989 *apud* Quadros, 1997, p. 71).

Observa-se que a apontação no estágio de um sinal tem um significado linguístico para as crianças surdas uma vez que será a partir da apontação que elas poderão expressar seus pensamentos utilizando-se, nessa fase, da própria apontação, como elemento gramatical e linguístico coerente e coeso. Quadros (1997) apresenta, também, que em crianças surdas filhas de pais surdos o *estágio de um sinal* pode começar a ocorrer por volta dos seis meses e que em crianças ouvintes o período do *estágio de uma palavra* ocorre por volta dos 12 meses de idade.

O *estágio das primeiras combinações* de sinais ocorre por volta dos dois anos da criança surda. Para Fischer (1973) e Hoffmeister (1978) *apud* Quadros (1997), as crianças surdas utilizam a ordem SV – Sujeito e Verbo, VO – Verbo Objeto e, posteriormente, SVO – Sujeito Verbo e Objeto em suas construções frasais. Para a autora, as crianças surdas possuem dificuldade para fazer concordância verbal, pois na língua de sinais existem verbos que não

possuem concordância e são ancorados ao corpo. Por exemplo, os verbos GOSTAR e PENSAR em Libras. Dessa forma, as crianças surdas fazem uso de duas estratégias: a incorporação dos indicadores e a ordem das palavras.

Ainda nesse estágio, as crianças surdas começam a usar o sistema pronominal, porém elas desenvolvem inadequações na combinação pronominal. Segundo a autora, as inadequações no uso dos pronomes ocorrem de forma análoga às das crianças ouvintes. Além disso, as crianças surdas evitam utilizar o sistema pronominal, fenômeno esse que, segundo Quadros (1997), é natural e está diretamente relacionado ao processo de aquisição da linguagem. Segundo a autora, “se as crianças não entenderem a relação indicativa entre a forma apontada e o seu referente, a plurificação da apontação pode tornar-se uma dificuldade na aquisição dos mecanismos gramaticais” (Petitto, 1987 *apud* Quadros, 1997, p. 72).

Por volta dos dois anos e meio a três a criança surda passa pelo período conhecido como *estágio de múltiplas combinações*, também, conhecido como *explosão de vocabulário*. Lillo-Martin (1986) *apud* Quadros (1997) ressalta que a criança surda adquire o domínio de sua língua por volta dos cinco anos, porém no período de explosão dos sinais as crianças surdas conseguem fazer distinções derivacionais e utilizar formas idiossincráticas para diferenciar nomes e verbos.

Nesse período, as crianças surdas começam a utilizar referentes não-presentes no contexto do discurso *empilhando* os referentes não-presentes em um único ponto do espaço. As *supergeneralizações*, também, são uma característica desse período – o uso direcional do verbo em língua de sinais para verbos ancorados (que não aceitam direcionalidade).

Dessa forma, as crianças surdas vão desenvolver a competência linguística e a competência comunicativa por meio de moldes específicos, a partir da modalidade da língua de sinais, a modalidade visual-espacial. Essa modalidade trará implicações na forma de aquisição de uma segunda língua, no Brasil – a Língua Portuguesa. O ensino de Língua Portuguesa para surdos se dá majoritariamente por meio da escrita e normalmente o aluno surdo deve ter domínio de sua língua natural para desenvolver a *competência e o desempenho* linguístico. Citando a definição de competência linguística e o conceito de desempenho criado pelo linguista Noam Chomsky (1965 *apud* Bortoni-Ricardo, 2004) tem-se que “a primeira é abstrata e consiste no conhecimento internalizado de sentenças na língua; o desempenho, por outro lado, consiste no uso efetivo da língua pelo falante” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 73). Houve reformulações nos conceitos de *competência linguística* e foi criado o conceito de *competência comunicativa* que, segundo Hymes (1966 *apud* Bortoni-Ricardo, 2004, 73), inclui não só as

regras para formular as sentenças na língua, mas, também, as “normas sociais e culturais que definem a adequação da fala”.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 73), “a competência comunicativa de um falante lhe permite saber o que falar e como falar com quaisquer interlocutores em quaisquer circunstâncias”. A autora ainda aponta que dois conceitos estão atrelados ao de competência comunicativa: a adequação e a viabilidade. A adequação, por sua vez, tem a ver com o monitoramento da língua e do estilo do discurso proferido. Em situações de maior formalidade o discurso será mais monitorado; em situações de menos formalidade no discurso haverá menos grau de monitoramento. A visibilidade, por sua vez, é denominada pela autora como *recursos comunicativos* sendo os recursos gramaticais, de vocabulário e de estratégias retóricas-discursivas utilizados pelos falantes de uma língua.

De acordo a autora, os indivíduos internalizam sua língua por volta dos 7 a 8 anos de idade e esse utiliza-a de acordo com as regras de adequação social impostas pelo seu domínio social. Cada domínio social possui grau de monitoração estilístico diferente, sendo que o indivíduo deverá utilizar os recursos comunicativos disponíveis ao falante. Bortoni-Ricardo (2004) apresenta também que a escola tem a função de estimular o uso dos recursos comunicativos por meio de tarefas especializadas.

Assim, a partir das discussões levantadas é preciso destacar o papel da alfabetização e do letramento de alunos Surdos tendo como foco o léxico da Libras, patrimônio cultural do povo Surdo. Para a participação na sociedade os indivíduos devem ser autônomos e críticos e a alfabetização dos cidadãos tem sido exigência mínima na sociedade moderna. Os Surdos, por sua vez, necessitam de melhores condições de ensino para se acomodar na sociedade de maneira mais equitativa e igualitária.

### 2.1.1 Alfabetização e letramento de surdos

O termo “alfabetização” tem relação com o termo letramento, porém cada um é relevante na sociedade moderna. Alfabetização pode ser entendida como um dos processos mais importantes na vida de um indivíduo. Cagliari (1989) comenta que o domínio da escrita está centrado nas classes sociais privilegiadas e, que talvez seja por isso que ocorre a valorização da alfabetização pelos indivíduos, pois “representa o compartilhamento do poder e do poder do saber” (Cagliari, 1989, p. 10). Ele ainda diz que “a leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido. O objetivo da escrita [...] é a leitura” (Cagliari, 1989, p. 149). Para o autor, a escola ensina a leitura e a escrita aos alunos em processo de alfabetização,

de maneira a desmotivá-los, e comenta que a escola precisa desenvolver esse processo de maneira a fazer sentido na vida dos alunos.

Os alunos Surdos, por sua vez, apresentam uma defasagem devido a seus familiares que, em sua maioria, não sabem Libras e não os motivam a ler e a escrever, partir das práticas sociais no âmbito familiar.

Neste sentido, a alfabetização é um processo que se inicia muito antes da entrada da escola, nas leituras que o sujeito faz do mundo que o rodeia, através das diferentes formas de interação que estabelece. Se a língua escrita constitui-se “objeto” de uso social no seu contexto, os atos da leitura e escrita com os quais interage podem levá-lo à elaboração de estruturas de pensamento que permitam compreendê-la e paulatinamente apropriar-se dela. Quando chega à escola, o sujeito vai estar em algum momento desse processo de compreensão. Assim, se vier de um ambiente social alfabetizado, já terá certamente pensado sobre este objeto de conhecimento. Contudo, se vier de um ambiente analfabeto ignora-o e precisa fazer da escola o caminho que o outro vem fazendo desde o nascimento (Moll, 1996, p. 70).

Percebe-se, pela concepção de Moll (1996), que a alfabetização de alunos que não possuem a prática da leitura e escrita em suas famílias, será prejudicada. Porém, é importante ressaltar que a alfabetização se dará à medida que o indivíduo se apropriar, por meio da língua, do grau de abstração referencial do mundo a sua volta. A escola deve colaborar para que esse processo mental seja reforçado e acelerado, fazendo com que o indivíduo entenda que a alfabetização e o letramento são peças fundamentais para a sua participação social.

Nesse contexto vale ressaltar que os Surdos, em sua maioria, são filhos de pais ouvintes (Quadros, 1997), esse fator tem implicações com (i) o uso da língua natural, (ii) com a forma de percepção do mundo e da construção de sentido para o ambiente que o cerca, (iii) na interação entre os familiares ouvintes – que em sua maioria não sabem a Libras, com os surdos. Assim, se faz necessário a criação de um ambiente linguístico favorável aos surdos na família, para a escola ser um complemento das vivências em casa.

Alfabetização é um processo contínuo, que acompanha o processo mais amplo de busca e construção de conhecimento inerente a todo ser humano que vive em uma sociedade letrada. [...] a alfabetização não tem início a partir da entrada da criança na escola e na primeira série, como querem alguns, mas vem acontecendo desde que a criança nasce, e, segundo as últimas pesquisas, antes mesmo de ela nascer. (Garcia *et.al*, 2012, p. 13).

Segundo os autores, a alfabetização se dá por meio dos domínios sociais família e escola, e destacam que antes mesmo da criança nascer já tem a alfabetização como um processo inerente. Alfabetizar é vivenciar possibilidades de inclusão na sociedade, por meio do contato com o mundo que o indivíduo possui. Para isso, ele terá que receber informações mínimas sobre o que se passa em sua volta para, então, decodificar a partir do sistema de escrita vigente.

Nesse contexto, a partir da concepção dos autores se percebe que o termo alfabetização está vinculado às práticas de uso da língua antes mesmo de a criança ir para a escola. Assim, é importante salientar que o termo letramento surge a partir do termo alfabetização, para designar o uso da escrita-ortográfica (alfabetização) nas práticas sociais (letramento).

Para Soares (2005, p. 24):

o termo alfabetização designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica. O domínio dessa tecnologia envolve um conjunto de conhecimentos e procedimentos relacionados tanto ao funcionamento desse sistema de representação quanto às capacidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita.

Portanto, a alfabetização é um instrumento de fortalecimento da linguagem humana, pois é um mecanismo de decodificação da experiência da vida dos indivíduos em seus contatos sociais. Ela é peça fundamental para o letramento, este, por sua vez, corrobora para a construção de uma sociedade mais consciente e crítica.

Letramento, então, pode ser entendido como uma forma de “reconhecer e nomear práticas de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita” (Soares, 2004, p. 6).

Ainda, segundo a autora:

É para essa nova dimensão da entrada no mundo da escrita que se cunhou uma nova palavra, letramento. O conceito designa, então, o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita. Assim, para corresponder adequadamente às características e demandas da sociedade atual, é necessário que as pessoas sejam alfabetizadas e letradas; no entanto, há alfabetizados não letrados e também é possível haver analfabetos com um certo nível de letramento (Soares, 2005, p. 50)

Observa-se que o letramento ocorre *para além* da leitura e escrita, é um modo de desenvolver atitudes e capacidades nas práticas sociais objetivando o protagonismo do indivíduo nas relações e nos domínios sociais em que ele está inserido. Cabe ressaltar que o letramento também ocorre a partir de diversos mecanismo e que, talvez, seja necessário falar de múltiplos letramentos ou multiletramentos (Street, 2014), sendo que o letramento é constituído de uma carga ideológica e de relações de poder. Street (2014, p. 43) ressalta que “as pessoas preocupadas com o ‘futuro do letramento’ têm de se perguntar quais são as consequências da aquisição do letramento para grupos sociais e sociedades inteiras”. Nesse sentido, é importante situar o léxico como um elemento linguístico que visa proporcionar a

interação dos falantes de uma língua, por meio das práticas de leitura do mundo a partir da visão do povo em que a língua se insere.

Assim, o léxico faz parte da cultura de um povo e é patrimônio valioso para a referência do mundo que o cerca. Biderman (1998, p. 88) postula que “é a partir das palavras que as entidades podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem”. A autora ainda apresenta que a atividade de nomear o mundo está intrínseca ao desenvolvimento humano e que a nomeação resulta de um processo de categorização. A categorização, segundo a autora, pode ser entendida como “a classificação de objetos feita por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos o meio ambiente” (Biderman, 1998, p. 88). Dessa forma, o processo de categorização instituído pela espécie humana pode também ser compreendido como a divisão de grupos semânticos nos quais as palavras estão inseridas.

Ainda segundo Biderman (1998, p. 89), “podemos afirmar que a maioria das palavras designam campos de conceitos em vez de coisas físicas”. O conceito é diferente da designação, mas precisa ser visto como parte de um todo, pois, segundo a autora:

Pode-se considerar a formação de conceitos como o processo cognitivo primário e a nomeação (designação) como o processo cognitivo secundário. Os conceitos são modos de ordenar ou de tratar os dados sensoriais. Assim sendo, a conceptualização vem a ser o *próprio processo cognitivo* (Biderman, 1998, p. 90 [Grifo da autora]).

Devido à capacidade cognitiva dos seres humanos, é possível interagir entendendo a semântica dos diferentes significados. Conceituar e designar faz parte da reação humana como indivíduos sociais cognoscentes e conceitualizadores pois em uma *dimensão individual* “o léxico é conceptualizado como um conjunto de representações, isto é, de objetos mentais que se consubstanciam nas palavras que esse indivíduo domina e das quais ele se serve” (Biderman, 1998, p. 90).

A autora reforça a relação do léxico, conceito e designação ao dizer que,

(...) o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam esses referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. (...) a geração do léxico se processou através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: a palavra (Biderman, 1998, p. 91-92).

Segundo a autora, o léxico é um mecanismo de expressividade de um povo para acomodar as experiências desse povo de forma ímpar e estruturada. Pode-se perceber, então,

que a presença das práticas da linguagem (criação das palavras e posteriormente desenvolvido pelas práticas modernas de leitura e escrita) canalizadas por meio do léxico possibilitam a continuação da memória de um povo, além de dá possibilidade de transferir a expressividade constituída pelas gerações anteriores para as posteriores. Portanto, a criação do léxico de um povo se dá por meio de interação entre os falantes e se fossiliza na sociedade. A partir dessa interação, haverá ocorrências de variação que delimitarão a compreensão dos falantes, possibilitando mudanças ou permanências linguísticas por meio de vocábulos eleitos ou não para tal fim constituindo assim a variação linguística.

## **2.2 Estudo da variação linguística**

Pensar em mudanças ou permanências linguísticas tem relação direta com a forma do pensamento de um povo, de um grupo ou comunidade e, também, das complexas relações humanas que se dão, sobretudo, pela linguagem e as mais diversas práticas a ela relacionadas. A variação linguística, por sua vez, está no centro da interação humana, pois será por meio da interação que a variação ocorrerá, possibilitando a compreensão dos conceitos e designações de uma determinada área ou mesmo de áreas interseccionais que culminem para a produção do conhecimento. Na Libras, a variação ocorre por meio de mecanismos linguísticos específicos que perpassam a visualidade intrínsecos da comunidade Surda, assunto desta subseção.

### **2.2.1 Variação linguística em Libras**

A Libras é uma língua rica, dinâmica e heterogênea utilizada por pessoas Surdas e não-surdas (fluentes) do Brasil. A partir dela é possível expressar-se de forma natural, a partir do uso adequado dos seus parâmetros e de sua gramática. Como ela é uma língua natural de uma comunidade específica é comum as ocorrências de variantes linguísticas e da própria mudança linguística, assim como ocorre com as línguas orais e com as comunidades de fala de línguas orais, por exemplo.

Nesse contexto, é importante destacar que o Brasil é um país de dimensão continental e que a Libras possui variação linguística em seus níveis linguísticos e sociais. Partindo de uma análise sincrônica, por exemplo, se constatará que a Libras representa o pensamento do Povo Surdo<sup>4</sup> de sua época e que ela evolui conforme a evolução da mentalidade dos seus usuários. Para dar conta de uma análise linguística da Libras é importante situar a Sociolinguística como

---

<sup>4</sup> *Povo Surdo* é entendido aqui como um grupo de indivíduos que compartilham entre si traços identitários que reforçam sua cultura a partir da troca entre seus pares e que possuem similaridades em suas vivências, por meio das suas experiências, sobretudo, visuais.

uma área da linguística que compreende a língua pelo viés da sociedade, pois língua e sociedade são indissociáveis.

O objeto de estudo da linguística não é apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social sob seu aspecto linguístico. Segundo este ponto de vista, não há mais possibilidade de distinguir entre sociolinguística e linguística, e ainda menos entre sociolinguística e sociolinguística da linguagem (Calvet, 2002, p. 143).

Nas palavras do autor, a língua, para a linguística, passa a ser vista não apenas como um de seus aspectos, mas, também, com uma perspectiva social, sociolinguisticamente. Compreende-se assim que a Sociolinguística estuda os aspectos linguísticos presentes em uma comunidade de fala, a partir da validação que o grupo faz de determinados fenômenos linguísticos em comum.

Coelho *et al.* (2016, p. 8) corroboram nesse sentido dizendo que “as regularidades que encontramos na variação são o principal foco de interesse de uma área específica de estudos, que busca desvendar o comportamento de fenômenos variáveis dentro da própria língua e fora dela, em seu contato com a sociedade. Essa é a área da sociolinguística”.

Para esses autores, a Sociolinguística é a área da linguística que procura entender a relação entre os acontecimentos da língua *na* sociedade, não da língua *e* sociedade. Isso se dá devido à concepção de que a Sociolinguística é um ramo de estudo que entende as variáveis que influenciaram determinado aspecto linguístico e as possíveis consequências desse fenômeno na comunidade de fala, em que ocorreu. É importante destacar alguns conceitos que integram a Sociolinguística, sendo eles: *variedade*, *variação*, *variável* e *variante*.

Na concepção de Coelho *et al.* (2016), *variedade* pode ser entendida como uma forma específica de uso da língua em um determinado grupo, pois para os autores se os indivíduos de um determinado grupo forem isolados geograficamente encontrar-se-á a *variedade*. Alguns exemplos de variedade da fala é o gaúcho, utilizado por indivíduos da região sul do país, e a fala sertaneja utilizada pelos moradores do nordeste do país.

A *variação*, por sua vez, pode ser entendida, segundo Coelho *et al.* (2016, p. 16), como um “processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”. A *variável* pode ser entendida, segundo os autores, como a identificação a partir da análise gramatical onde o termo se localiza, ocorrendo as mudanças sintáticas, fonológicas e morfológicas. Por fim, a *variante* ou as *variantes* são as diferentes formas que disputam a variação dentro de uma língua. Na Língua Portuguesa do Brasil um exemplo é a disputa entre as variantes “Tu” e “Você”.

Esses fenômenos estão vinculados aos elementos linguísticos (também chamados de dependentes) e aos aspectos extralinguísticos (chamados de independentes). Resumidamente, os elementos linguísticos são os condicionantes da variação linguística a partir dos aspectos da própria língua. Coelho *et al.* (2016) dizem que podem ser categorizados como os níveis da língua, divididos em: fonológico, morfológico, sintático e discursivo. Já os extralinguísticos são os elementos que compõem os condicionantes independentes categorizados a partir dos fatores históricos, sociais, pela divisão de classe e estilo do discurso.

Com isso, é importante destacar os tipos de variação linguística (vistas de fora da língua) corriqueiros na literatura (Calvet, 2002; Coelho *et al.*, 2016; Bortoni-Ricardo, 2014), sendo eles: a variação regional ou geográfica (variação diatópica), a variação social (variação diastrática), a variação estilística (variação diafásica) e a variação na fala e na escrita (variação diamésica).

Calvet (2002) explica os tipos de variação diastrática, diatópica e diacrônica da seguinte forma:

Um parâmetro social, um parâmetro geográfico e um parâmetro histórico, e a língua conhece variações nesses três eixos: variações diastráticas (correlatas aos grupos sociais), variações diatópicas (correlatas aos lugares) e variações diacrônicas (correlatas às faixas etárias). (...) Mas essas variações não são apenas linguísticas, elas têm ao mesmo tempo uma pertinência social e participam de uma certa “cultura”. (...) Vê-se, portanto, onde se encontra a pertinência dessas diversas variações, através do tempo, do espaço ou dos estratos sociais: elas definem grupos, e isso suscita o problema do que se chamou de uma *comunidade linguística* (Calvet, 2002, p. 111-115[Grifo do autor]).

Para o autor, os tipos de variação citados estão presentes nos contextos sociais sendo estes responsáveis pela validação do seu uso. A variação diacrônica é também conhecida como variação histórica e pode ser dividida em diacrônica (evolução da variação ao longo da história) e sincrônica (variação em um período específico do tempo).

A variação estilística (ou variação diafásica), segundo Bortoni-Ricardo (2014, p. 160), depende do grau de formalidade de acordo com o estilo do falante. Para ela, o estágio de variação estilística ocorre “quando o indivíduo começa a aprender a modificar sua fala em direção às *standards* de prestígio em situações formais”.

Para Silva (2013, p. 46):

Um sinal pode ser utilizado em contextos formais e outro em contextos informais. Às vezes, os sinais usados em contextos informais podem ser totalmente inaceitáveis em contextos formais e vice-versa. As dimensões dos sinais podem ser influenciadas e/ou variadas pelos níveis de registro em uso.

Pesquisando sobre indicadores de formalidade em Libras, Silva (2013) identificou que o grau de formalidade em Libras ocorre semelhantemente ao das línguas orais, pois os falantes<sup>5</sup> da língua de sinais conseguem monitorar sua sinalização, a partir do contexto em que estão inseridos e o momento do discurso. Ele diz que a “diferença entre a dimensão dos sinais é evidente e pode depender da influência dos registros em uso” (Silva, 2013, p. 47).

Na concepção de Coelho *et al.* (2016), a variação diamésica (ou da fala para a escrita) deve ser entendida a partir das próprias diferenças entre a fala e a escrita.

(...) a produção de um texto falado é uma atividade espontânea, improvisada e suscetível à variação nos diversos níveis. Já a escrita constitui-se como uma atividade artificial (não espontânea), *ensaiada* (no sentido de que reservamos tempo e espaço para planejamento, revisões e reformulações), e um pouco *menos variável*, pois no geral está mais vinculada à produção de gêneros sobre os quais há maior pressão de regras normativas e maior monitoramento (Coelho *et al.*, 2016, p. 49 [Grifos dos autores]).

Os autores trazem nesta perspectiva a ideia do monitoramento linguístico que perpassa a variação estilística, pois nessa variação o indivíduo controla seu grau de formalidade/informalidade e uso das palavras presentes em contextos gramaticais mais ou menos densos. Observa-se que o grau de monitoramento é mais acentuado a partir da modalidade escrita da língua, pois, nele, existe uma cobrança pelos falantes de uma língua para que haja univocidade na compreensão dos sentidos. Dessa forma, na variação diamésica<sup>6</sup> esse monitoramento irá se acentuar, haja vista não se escrever como se fala (e vice-versa). O importante é compreender que são duas modalidades distintas que merecem atenção diferentes sem uma subjugar a outra.

Por sua vez, a Libras não possui uma escrita padrão<sup>7</sup> em circulação, e o grau de formalidade ou não se dá, majoritariamente, pelo contexto em uso. Para identificar o contexto da utilização da Libras recorre-se aos registros em vídeos, pois, como dito anteriormente a Libras não possui uma escrita padrão de circulação no país e os vídeos em Libras é a principal ferramenta de acomodação dessa língua visual-espacial. Dessa forma, a ocorrência de variação linguística fica cada vez mais corriqueira, haja vista a necessidade de se eleger uma variante-padrão para a compreensão do sentido e uso do grupo. Nesse movimento são escolhidas,

<sup>5</sup> Entende-se como falantes as pessoas que se expressam por meio de uma língua, não estando limitado aos aspectos da oralização.

<sup>6</sup> A *variação diamésica* diz respeito aos aspectos que diferenciam entre o que é falado e o que é escrito. Coelho *et al.* (2016) diz que um texto falado é uma atividade espontânea, improvisada e que é passível de variação em seus diversos níveis. Por sua vez, a escrita é uma produção mais artificial com maior grau de monitoramento devido as pressões de regras normativas que a envolvem.

<sup>7</sup> Percebe-se que no Brasil a escrita de sinais mais difundida e utilizada, sobretudo no meio acadêmico, é a *Sign Writing*. Porém, uma grande parte dos surdos do país a desconhece.

também, a(s) variante(s) estigmatizada(s) e, portanto, inutilizada(s) ou menos utilizada(s) pelo grupo devido a diversos motivos que serão preferidos pelos seus usuários, assunto este do próximo tópico.

### 2.2.2 Discussão sobre a variante-padrão e estigmatizada em Língua de Sinais

A Libras, principal língua de sinais em circulação no Brasil, faz parte dos *Artefatos Culturais do Povo Surdo* (Strobel, 2018). É a língua pela qual as pessoas surdas se expressam e comunicam seu modo de pensar, canalizando as experiências visuais entre seus pares surdos e entre as pessoas ouvintes que a utilizam.

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, e que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (...) Os sujeitos surdos que têm acesso à língua de sinais e participação da comunidade surda possuem maior segurança, autoestima e identidade surda. Por isso, é importante que as crianças surdas convivam com pessoas surdas adultas com quem se identificam e tenham acesso às informações e conhecimentos no seu cotidiano (Strobel, 2018, p. 53-54).

É por meio da Libras que as pessoas Surdas vão se alicerçar identitariamente em um grupo, e apreender, pelo contato com os pares, a forma de ser surdo e de se comunicar. Nessa comunicação entre os pares e pessoas fluentes em Libras é comum haver incompreensões referentes a determinados sinais, expressões idiomáticas e modos de sinalizar específicos de determinadas Comunidades Surdas do país.

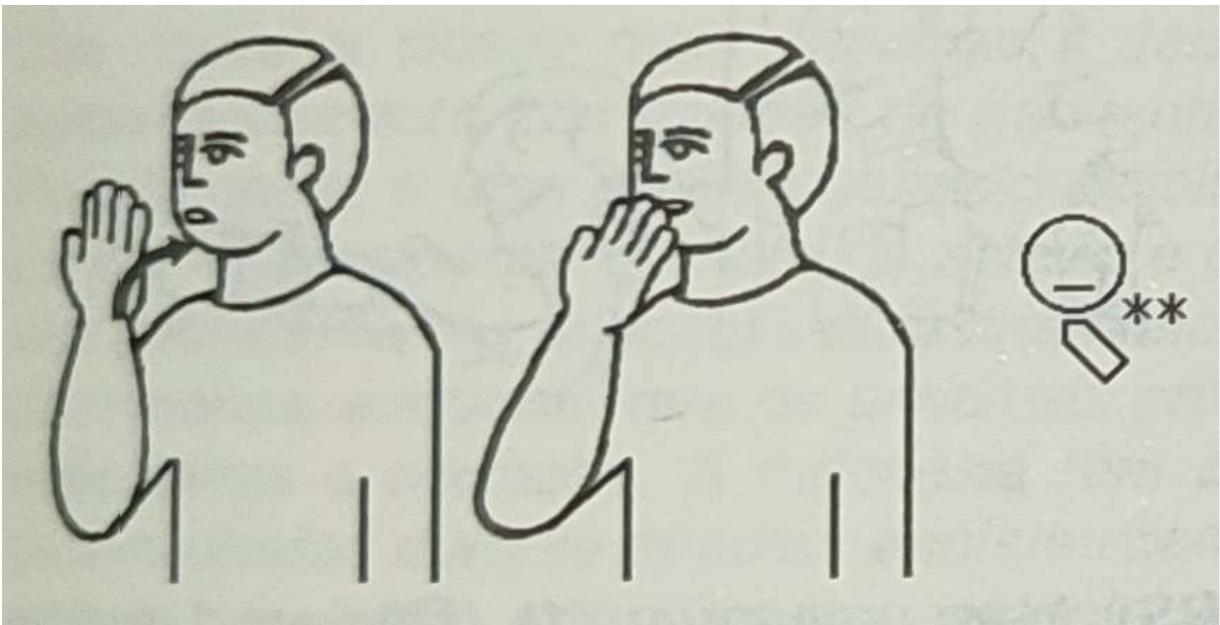
Dessa forma, Silva (2013) apresenta algumas considerações sobre a variante-padrão e as estigmatizadas na língua de sinais. Para o autor é importante que as pessoas que se posicionam contra ou a favor de determinado sinal a ser utilizado em determinado discurso devem ter “conhecimento mínimo sociolinguístico sobre as peculiaridades de uma língua nova como a Libras, de modo a valorizar e respeitar suas variações” (Silva, 2013, p. 34).

Na experiência do autor, ministrando cursos e oficinas de Libras, Silva (2013) apresentou uma situação na qual foram elencados em seu discurso sinais relacionados aos estudos linguísticos, e um dos participantes comentou que alguns dos sinais estavam sendo empregados de maneira inadequada para o momento. Por sua vez, Silva (2013) argumentou com o participante da oficina que os empréstimos linguísticos (no caso dos sinais utilizados pelo autor) são corriqueiros em qualquer língua e que se tratava de sinais já convencionados no contexto em que estavam inseridos (contexto acadêmico). Para o autor, essa situação se

configurou como “um momento em que o entendimento do uso dos sinais e suas variações entraram em choque implicando julgamentos negativos e estigmas” (Silva, 2013, p. 33).

Na Comunidade Surda é comum esse tipo de situação devido a fatores relacionados ao preconceito linguístico que, por sua vez, estão diretamente relacionados ao nível de escolarização dos usuários desta língua, ao gênero, à fatores socioeconômicos, culturais, religiosos dentre outros. É importante destacar que existem Surdos e Surdos e que a Comunidade Surda, que já é uma minoria, pode transferir preconceitos e discriminações da sociedade ouvinte majoritária para os seus interiores.

**Figura 01:** Exemplo de variante estigmatizada em Libras - sinal-termo para INDÍGENA



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 1519)

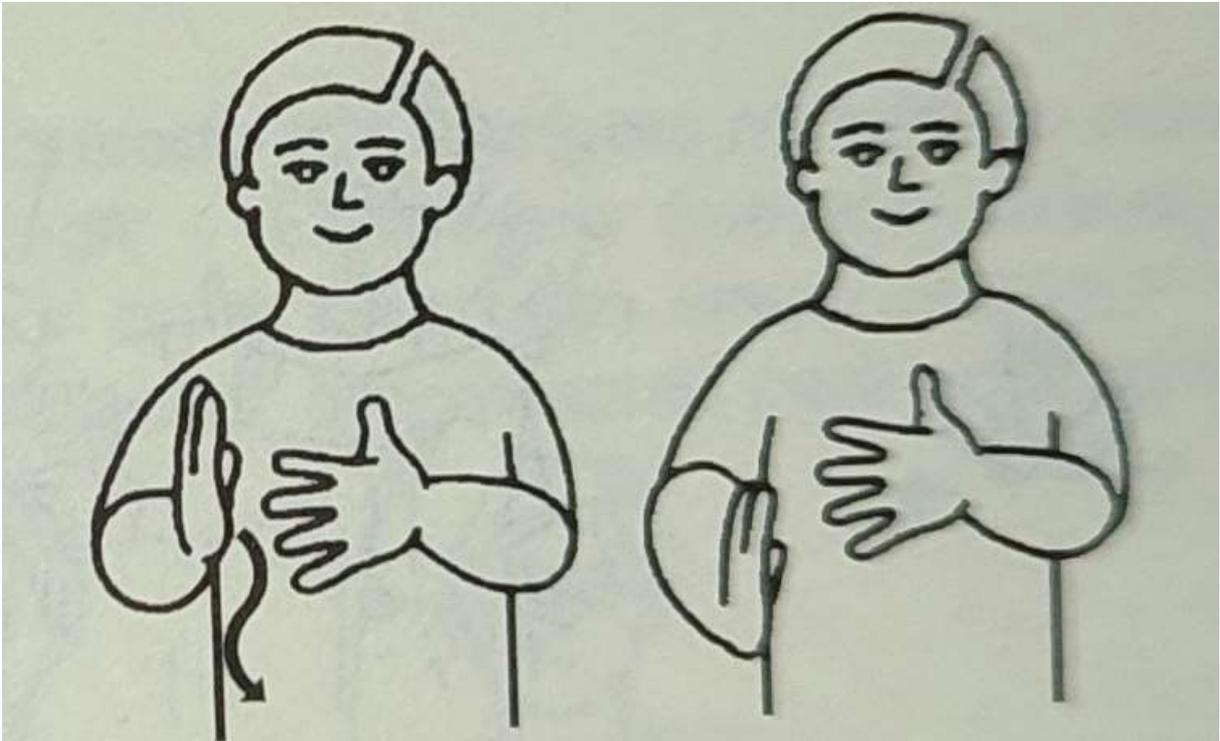
No que tange ao uso do sinal mais prestigiado ou menos prestigiado é importante entender que os valores são dados pela comunidade de fala da língua, mas deve-se seguir a questão da aceitação e do uso adequado da base paramétrica do sinal.

**Variante-padrão**, em termos práticos, para efeito de nosso estudo, será a variante percebida como padrão, aquela que apresenta possibilidades de uso dos parâmetros da Libras que depreende uma característica linguística decorrente da variante linguística que difere das formas variantes que não apresentam estas propriedades paramétricas. É importante lembrar que o termo variante-padrão não é sinônimo de variante-culta, visto que este termo apresenta conotações que efetivamente não se aplicam aos estudos da Libras nesta pesquisa de tese (Castro-Júnior, 2014, p. 28 [Grifo do autor]).

Existe diferença entre a variante-padrão e não padrão na Libras, pois os parâmetros que a constitui são de bases distintas (Configuração de Mão, Ponto de Articulação, Movimento,

Expressão Facial e Corporal, Orientação e Direcionalidade), mas a comunidade de fala elege uma variante para o uso corriqueiro, no entanto, a adoção dessa variante-padrão não inibe a circulação de outras variantes no mesmo grupo. Dessa forma, é relevante aceitar a diversidade linguística na Língua de Sinais, uma vez que esta língua é rica e heterogênea, porém não deixa de ser objetiva e unívoca. Silva (2013, p. 32) considera que é importante que os Surdos conheçam a “variedade padrão de modo a compreendê-la ao estarem inseridos em locais e contextos onde ela é empregada e exigida, como, por exemplo, em situações onde há um relativo grau significativo de formalidade implícito nos discursos”.

**Figura 02:** Exemplo de variante-padrão em Libras - sinal-termo de “Libras”



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 1674)

Dessa forma, a escola e a academia têm um papel primordial na educação de alunos Surdos, pois serão nesses espaços de escolarização e formação que os Surdos adquirirão desempenho linguística pragmático.

**[...] o ensino da variedade-padrão continua a ser um dever da escola e um direito do aluno**, mas não precisa ser necessariamente **substitutivo** e, por isso, não implica a erradicação das variedades não-padrão. As formas alternativas de expressão podem conviver harmoniosamente na sala de aula; cabe ao professor o bom senso de discriminá-las adequadamente, fornecendo ao aluno as chaves para ele perceber as diferenças de valor social entre as variedades que lhe permita depois selecionar a mais adequada, conforme as exigências das circunstâncias da interação (Camacho, 2011, p. 48-49 [Grifo do autor]).

Na concepção do autor é possível identificar que os conceitos de *adequação linguística* e *inadequação linguística* estão fortemente relacionados ao valor social dado a uma variante de prestígio. O/a professor/a deve possibilitar o uso das variedades em sala de aula, mas indicar a mais adequada para os mais diversos contextos sociais em que ela possa ser usada. O que vai canalizar para o uso de uma forma em detrimento de outra será a situação de discurso em que os envolvidos estarão inseridos.

A Libras é expressiva em variedades linguísticas e parece não haver uma variedade-padrão bem definida. Entende-se que essa ausência possa estar atrelada a fatores sociolinguísticos como, por exemplo, a falta de uma oficialização e difusão integral de um único e padrão sistema de escrita; também o fato de as tecnologias ainda recentes não serem acessíveis a todos os públicos, etc. Percebe-se que atualmente a Libras parece ser aos poucos enriquecida, fortalecida e difundida, sobretudo, em função do aumento dos espaços de socialização e inserção dos surdos e usuários da língua em geral, como é o caso dos contextos acadêmicos onde profissionais pesquisadores e estudiosos estudam a língua (Silva, 2013, p. 36).

Percebe-se, segundo o autor, que a Libras não possui uma variedade-padrão normatizadora definida e que os espaços de socialização e interação possibilitam a criação de novas formas de se comunicar em língua de sinais. É indiscutível a relevância do contexto acadêmico para o enriquecimento linguístico da Libras, uma vez que é neste ambiente que se faz uma reflexão mais criticamente da Libras, o que pode contribuir para o uso pragmático mais sistêmico e adequado sem inibir o uso das variedades já existentes.

Para Pereira (2012, p. 30), “[...] as relações de poder definem determinadas variações na língua de sinais como aquelas mais ‘verdadeiras e legítimas’, desprestigiando outras formas”. Soares (2017) diz que a escola é um dos espaços mais excludentes existentes na sociedade e, que neste espaço, muitos dos preconceitos linguísticos são ratificados a partir dos prestígios que as classes dominantes usufruem na sociedade, dentre eles, o prestígio linguístico.

[...] o prestígio de que essas classes gozam, na estrutura social, é estendido a todos os seus comportamentos, entre eles às modalidades de língua que usam, as *variedades de prestígio* (que não se identificam com a **norma-padrão**, como esclarecido nesse verbete do “Glossário”). Já as variedades linguísticas de grupos de baixo prestígio social são vítimas de preconceito linguísticos – *variedades estigmatizadas* –, avaliadas em comparação com as variedades de prestígios e julgadas, naquilo em que são diferentes delas, como “incorretas”, “ilógicas”, deficientes” – marcados com um *estigma*, um modo de falar indigno, desonroso (Soares, 2017, p. 63 e 64 [Grifos da autora]).

A partir da concepção da autora pode-se fazer alguns paralelos com a comunidade surda. Primeiramente, a respeito da Língua de Sinais ser considerada (empiricamente) pelas pessoas ouvintes como inferiores em comparação à Língua Portuguesa, mesmo havendo um intenso

movimento no sentido de valorizá-la – por parte dos surdos e de seus simpatizantes. Como segundo ponto, pode-se observar o preconceito linguístico e a não aceitação de determinados sinais por surdos e ouvintes fluentes em Libras devido serem de determinadas regiões do país ou não serem sinais “confortáveis” (linguisticamente falando) em sua realização querológica<sup>8</sup> (conforto linguístico referente à sinalização ao uso dos parâmetros da Libras), como também por léxicos que partem da iconicidade ou mesmo os que são criados por pessoas não-surdas, ganhando um certo desdém pelos Surdos usuários da Libras.

### 2.3 Terminologia e sinal-termo

O presente subcapítulo discorre sobre os aspectos gerais da terminologia e alguns de seus fundamentos, com o objetivo de contribuir para a compreensão da área de estudo, para, posteriormente, focar nas questões relativas ao sinal-termo e suas implicações para os surdos e, principalmente, para os surdos do curso de Pedagogia. A variação terminológica, também, é discutida aqui. Nela, são elencados os aspectos gerais desse fenômeno da linguagem, a partir da hipótese de que há uma diversidade da variação terminológica em Libras no curso de Pedagogia, mas, nessa parte do texto, a variação de sinais-termo nesse curso ainda não será ressaltada, pois será discutida na análise dos dados. A seguir se dá início a esta discussão a partir dos fundamentos gerais da terminologia.

#### 2.3.1 Aspectos gerais da terminologia

A terminologia é uma área do conhecimento que nasceu a partir da compreensão de que termos necessitam se enquadrar em nichos especializados para que se façam compreendidos para o grupo de usuários que os utilizam. Dessa forma, segundo Barros (2007), a Terminologia é a área de estudo dos termos das áreas de especialidade. Os estudos iniciais desta área se deram a partir das pesquisas de Eugen Wüster por meio da *Teoria Geral da Terminologia - TGT*. Como a pesquisa de Wüster focava nos aspectos da padronização dos termos, essa teoria foi criticada pelos pesquisadores da área, pois, para Cabré (1999), ela não atendia aos aspectos da comunicação devido focalizar a comunicação estandardizada, não a comunicação real. Cria-se, assim, a *Teoria Comunicativa da Terminologia - TCT*.

É importante destacar que a terminologia não é necessariamente uma área de estudo de uma linguagem natural. Wüster (1998) endossa esta concepção ao dizer que:

---

<sup>8</sup> Entende-se por querologia a área da linguística que estuda a constituição basilar da formação dos sinais sendo que o estudo da base paramétrica é imprescindível para agrupar os sinais em áreas específicas na variação terminológica.

Em primer lugar, todo trabajo terminológico utiliza como punto de partida los *conceptos* con el objetivo de establecer delimitaciones claras entre ellos. La terminología considera que el ámbito de los conceptos e el de la denominaciones (= los términos) son independientes. Por esta razón los terminólogos hablan de *conceptos*, mientras que los lingüistas hablan de *contenidos de palabras*, refiriéndose a la lengua general. Para los terminólogos, una unidad terminológica consiste en una *palavra* a la cual se le asigna un concepto como su significado, mientras que para la mayoría de los lingüísticas actuales, la *palavra* es una unidad inseparable compuesta de forma y contenido (Wüster, 1998, p. 21 [Grifos do autor]).<sup>9</sup>

Dessa forma, percebe-se que o conceito, para os terminólogos, diz respeito às denominações dos termos. A unidade terminológica, por sua vez, são os próprios termos que estão imbuídos da entrada do verbete (na perspectiva de uma obra terminológica) e em toda a sua estrutura de denominação para uma área. Os termos são influenciados pela *economia* que se faz necessária na linguagem técnica de uma língua para um grupo de indivíduos. Dessa forma, Lara (2006, p. 191) corrobora na discussão ao dizer que “hay que cuidar que no se confundan rasgos significativos para la ciencia o para la técnica de los objetos que estudiam, com rasgos significativos de la lengua”.<sup>10</sup>

Ainda, tratando da diferença entre termo e palavra e conceito e significado, Wüster (1998), diz que:

Em el language general, lo que importa es expresarse con corrección, es decir, em conformidad a las normas descriptivas, teniendo em cuenta que a cada nivel estilístico le corresponde una norma descriptiva diferente. Em contraste, la terminología se enfoca hacia la utilidad del lenguaje, lo cual se manifiesta a través de las normas prescriptivas (Wüster, 1998, p. 24).<sup>11</sup>

O autor pontua que os linguistas estão incluindo em suas obras de linguagem geral traços da teoria da normalização e planificação da língua. Porém, é importante ressaltar que a linguagem específica necessita de unidade e será confirmada na sua utilidade por meio das normas prescritivas da língua.

---

<sup>9</sup> “Em primeiro lugar, todo trabalho terminológico utiliza como ponto de partida os *conceitos* com o objetivo de estabelecer delimitações claras entre eles. A terminologia considera que o âmbito dos conceitos e das denominações (= os termos) são independentes. Por esta razão os terminólogos falam de *conceitos*, enquanto os linguistas falam de *conteúdo das palavras*, referindo-se à língua geral. Para os terminólogos uma unidade terminológica consiste em uma *palavra* na qual se assegura um conceito como significado, enquanto que, para a maioria dos linguistas atuais, as palavras são uma unidade inseparável composta por forma e conteúdo” (Wüster, 1998, p. 21 [tradução nossa]).

<sup>10</sup> “É necessário que não se confundam os traços significativos para a ciência ou para a técnica dos objetos estudados para os traços significativos de uma língua” (Lara, 2006, p. 191 [tradução nossa]).

<sup>11</sup> “Na linguagem geral o que importa é expressar-se corretamente, quer dizer, em conformidade com as normas descritivas, tendo em conta que a cada nível estilístico corresponde a uma norma descritiva diferente. Em contraste, a terminologia focaliza a utilidade da linguagem na qual se manifesta por meio de normas prescritivas” (Wüster, 1998, p. 24 [tradução nossa]).

Uma característica, também, do termo é que, por ser muito específico nem sempre poderá ser compreendido em sua exatidão. Isso faz parte do princípio da *economia da língua*, pois a agilidade da compreensão por vezes não será abarcada pelo termo. Dessa forma, é importante destacar que “el concepto es un elemento del pensamiento” (Wüster, 1998, p. 39)<sup>12</sup>.

O autor enfatiza que tudo que é analisado e se chega a um conjunto de suas características individuais faz parte da intenção conceitual, e que existe um movimento estratégico para que a denominação de um termo seja extraída dessa intenção.

Em terminología se parte del concepto y se busca su denominación, aunque para identificar y fijar un concepto es indispensable contar con una denominación o con algún otro signo. Se se procede a la inversa, es decir, se se parte del signo para llegar al concepto, el concepto se denominará el *significado* del signo, o también, el *sentido* del signo (Wüster, 1998, p. 39)<sup>13</sup>.

Na TCT o termo deve ser estudado a partir das perspectivas social, cognitiva e linguística, não sendo considerados unidades de um sistema artificial e autossuficiente, pois não existe um termo à margem e isolado das comunicações reais (Cabré, 1993). Nesse contexto, a variação deve ser entendida como um fenômeno natural e os conceitos sofrem influência de fatores socioculturais e linguísticos. Dessa forma, Wüster (1998, p. 44) pontua que “Las relaciones ontológicas entre conceptos sólo son relaciones indirectas. Se dan entre los individuos representados por los conceptos y se basan en el contacto de estos individuos en el espacio o en el tiempo (contigüidad), y em sus conexiones causales”<sup>14</sup>.

Falando ainda sobre a relação do termo e o conceito, Wüster (1998) ressalta que a definição do conceito dependerá do objetivo para o qual ela foi elaborada e que é impossível assegurar uma denominação adequada a um conceito sem haver clarificado e definido previamente este conceito. O autor assevera, ainda, que “un término puede ser una palabra o un grupo de palabras” (Wüster, 1998, p. 71).<sup>15</sup>

É importante ressaltar que, segundo Cabré (1993), a terminologia é uma ciência que utiliza os elementos reais para desenvolver seu trabalho, sendo que ela deve estar a serviço da sociedade para melhorar a qualidade de vida da população que a recebe, ele serve, também, a

<sup>12</sup> “o conceito é um elemento do pensamento” (Wüster, 1998, p. 39 [tradução nossa]).

<sup>13</sup> “Em terminología se parte do conceito e se busca sua denominação ainda que, para identificar e fixar um conceito é indispensável contar com sua denominação ou com algum outro signo. Se se proceder inversamente, quer dizer, se se partir do signo para se chegar ao conceito, o conceito se denominará o *significado* do signo, ou também o *sentido* do signo” (Wüster, 1998, p. 39 [tradução nossa]).

<sup>14</sup> “As relações ontológicas entre conceito são somente relações indiretas. Se dão entre os indivíduos representados pelos conceitos e se baseiam no contato desses indivíduos no espaço ou no tempo (contigüidade), e em suas conexões casuais” (Wüster, 1998, p. 44 [tradução nossa]).

<sup>15</sup> “Um termo pode ser uma palavra ou um grupo de palavras” (Wüster, 1998, p. 71 [tradução nossa]).

ciência, a técnica e a comunicação. A autora apresenta, também, que os terminólogos usam os termos, mas partem dos conceitos para os utilizar – a terminologia se preocupa com o objeto da realidade e o conceito que o representa. Os lexicógrafos, por sua vez, partem das denominações (entrada do dicionário) e a caracterizam funcional e semanticamente.

Assim, a terminologia tem um cunho pragmático, pois:

La terminología, em cuanto materia que concierne a la recopilación, descripción, tratamiento y presentación de los términos propios de los campos especializados em una o más lengua, no es una actividad práctica que se justifique por sí sola, sino que está destinada a resolver necesidades sociales vinculadas a la optimización de la comunicación entre especialistas y profesionales – ya sea directamente o mediante la traducción – o relacionadas con el proceso de normalización de una lengua (Cabré, 1993, p. 36).<sup>16</sup>

Percebe-se que a terminologia está a serviço da sociedade com o intuito de colaborar com os ruídos de comunicação em diferentes áreas. Sabe-se que cada vez mais as áreas de especialidade têm se tornado detalhistas e para isso a terminologia tenta abarcar as necessidades de suas especificidades com eficácia e efetividade. Por sua vez, a terminologia tem como dimensões a linguística, como objeto de trabalho, e a comunicação como o seu próprio instrumento de informação. Vale destacar que nos países desenvolvidos ou em fase de desenvolvimento a terminologia como área de estudo e pesquisa, tem sido considerada como elementar e basilar para uma boa comunicação global, e esforços têm sido feitos para a normalização dos termos e padronização dos conceitos, pois, assim, a comunicação com as exigências da sociedade moderna se tornará mais fluída e ilimitada.

Ainda, para Cabré (1998), a terminologia tem como enfoque a organização, a descrição e ordenação dos termos, e que essas atividades serão decididas segundo a situação da temática de trabalho, segundo a situação linguística e a terminologia do contexto, a finalidade do trabalho e a o tipo de língua objeto da terminologia. Dessa forma, a situação científica e econômica dos países reflete no desenvolvimento terminológico.

A terminologia se propõe conseguir uma comunicação precisa e eficaz na área profissional. Para tanto, os terminólogos refletem em seus trabalhos terminográficos uma determinada visão de mundo e cultura que é o recorte de sua própria cultura como expressão de seu povo. Segundo Cabré (1993), a cultura é um fator preponderante, pois a diversidade da

---

<sup>16</sup> “A terminologia, enquanto matéria que concerne a compilação, descrição, tratamento e apresentação dos termos próprios dos campos especializados em uma ou mais língua, não é uma atividade prática que se justifica consigo mesma, mas esta destinasse a resolver necessidades sociais vinculadas a otimização da comunicação entre especialistas e profissionais - quer seja diretamente ou mediante a tradução – ou relacionada com o processo de normalização de uma língua” (Cabré, 1993, p. 36 [tradução nossa]).

linguagem especializada deve ser respeitada, por exemplo, nos países importadores da terminologia. Portanto, pode-se compreender que a linguística aplicada é a base da terminologia.

A partir dessa contextualização é importante ressaltar que a área dos estudos dos termos e do léxico de uma língua é dividida em *lexicologia e terminologia*. Assim,

Bajo este nuevo prisma, el objetivo de la lexicología consiste en la construcción de un modelo del componente léxico de la gramática, que recoja los conocimientos implícitos sobre las palabras y el uso que los hablantes hacen de ellas, que prevea mecanismos sistemáticos y adecuados de conexión entre el componente léxico y los demás componentes gramaticales, y que prevea la posibilidad real que tienen los hablantes de cualquier lengua de formar nuevas unidades siguiendo pautas estructurales sistemáticas (Cabré, 1993, p. 78).<sup>17</sup>

Percebe-se que o léxico de uma língua é um conjunto de informações de uma língua que deem conta de preservar sua fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. Os conjuntos desses dados presente em uma língua contribui para explicar e expor o conhecimento léxico dos falantes de uma língua. A lexicologia pode ser dividida em duas partes: a lexicologia teórica e a descritiva. A primeira, como já visto, se ocupa do conjunto de informações presentes em uma língua. A segunda, diz respeito à dicionarização do léxico que compõe a língua. Um dicionário é um produto linguístico que contém um conjunto de palavras (ou de outras unidades da língua) para descrever suas informações. Ele pode ser dividido a partir da microestrutura (conjunto de informações sobre as suas entradas) e da macroestrutura (conjunto de entradas presentes no dicionário).

A terminologia, por sua vez, pode ser entendida, segundo Cabré (1993), como (i) um conjunto de princípios e bases conceituais que regem os termos; (ii) um conjunto de diretrizes que se utilizam no trabalho terminográfico; (iii) um conjunto de termos de uma determinada área de especialidade. Ainda, segundo a autora, a terminologia levanta dados de diversas áreas do conhecimento (matérias) para definir seu campo de trabalho, portanto, seu produto resulta em um conjunto de informações interseccional, sem perder de vista a rigorosa seleção, a depender dos objetivos do trabalho terminológico.

---

<sup>17</sup> Diante desta nova perspectiva, o objetivo da lexicologia consiste na construção de um modelo de um componente lexical da gramática que recorra aos conhecimentos implícitos sobre as palavras e o uso que os falantes da língua fazem delas, que prever mecanismos sistemáticos e adequado entre o componente lexical e os demais componentes gramaticais e que prever, também, a possibilidade real que tem os falantes de uma língua para formar novas unidades seguindo pautas estruturais e sistemáticas” (Cabré, 1993, p. 78 [tradução nossa]).

Ademais, “La lexicología se ocupa del estudio de las palabras; la terminología del estudio de los términos” (Cabré, 1993, p. 87).<sup>18</sup> É importante diferenciar termo e palavra, pois podem ser divergentes, mesmo sendo parecidos, dessa forma, segundo Cabré (1993): *palavra* – unidade descrita por um conjunto de características linguísticas sistemáticas que compõem a compreensão dos elementos da realidade; *termo* – unidade de características parecidas com as da palavra, mas utilizada em um domínio de especialidade específica. Vale ressaltar que ambos podem ser esclarecidos pela semântica tendo o contexto como basilar nessa tarefa.

Portanto, na lexicologia, os usuários de um vocábulo/uma palavra são os usuários de uma língua e na terminologia os usuários de um termo são os profissionais de uma área. A terminologia pode aparecer em (i) textos especializados, (ii) discursos técnico-científicos e (iii) textos de caráter fundamentalmente objetivo. Para Barros (2007), o tradutor é um dos principais profissionais que utilizam a terminologia para sua atuação, pois, segundo ela o tradutor necessita estar preparado para identificar termos com conceitos próprios para poder atuar de forma eficaz na busca de equivalentes terminológicos na língua de chegada.

A autora entende a terminologia como “o estudo científico dos termos usados nas línguas de especialidade, ou melhor, empregados em discursos e textos de áreas técnicas, científicas e especializadas” (Barros, 2007, p. 11). As “línguas de especialidade”, na visão da autora, podem ser entendidas como os domínios especializados que se utilizam com maior intensidade de recursos da língua, por meio das particularidades da sintaxe, da pragmática, da semiótica e da própria terminologia. Dessa forma, a linguagem é considerada como língua em uso e a terminologia é considerada como linguagem especializada.

Fernández-Servilla (1974) pontua que a maioria dos termos de uma língua, atualmente, são acrescentados a essa língua por meio da penetração de neologismos criados em outros países e adotados pelos indivíduos. Esse fenômeno se dá devido ao grande avanço das tecnologias e da ciência, sobretudo, em países desenvolvidos, que impõem aos países não desenvolvidos ou emergentes seu modo de fala e seus costumes.

Para esse mesmo autor (1974), os problemas da lexicografia atual ocorrem quando é necessário estabelecer limites entre a terminologia e o que o autor chama de *léxico ordinário* – léxico utilizado no cotidiano dos falantes de uma língua. Nesse sentido, termos técnicos passam a funcionar como um léxico ordinário e o léxico ordinário passa a funcionar com significado tecnicista em uma língua.

O autor complementa ao dizer que,

---

<sup>18</sup> “A lexicología se preocupa do estudo das palavras; a terminologia, do estudo dos termos” (Cabré, 1993, p. 87 [tradução nossa]).

Por más que se pretenda, un diccionario no es – no puede ni debe ser – una obra intemporal no atemporal. Há de tomar cuenta no sólo la evolución de la mentalidade de quienes emplean las palabras y de quienes han de consultar el diccionario. El lexicógrafo debe ser el portavoz del sentir de la comunidad, aunque a veces – caso del diccionario oficial, por ejemplo – se esconda en el anonimato. Es la propia lengua la que debe hablar por boca del lexicógrafo (Fernández-Servilla, 1974, p. 17).<sup>19</sup>

É importante frisar que as entradas de um dicionário – ou de qualquer outro material lexicográfico e terminográfico – são recortes do modo de se expressar dos usuários de uma língua. Assim, deve-se levar em consideração o uso e o desuso do léxico que está a serviço da comunidade, usuária daquele determinado idioma, a partir da necessidade da presença de um determinado vocábulo.

Por fim, é necessário destacar que o contexto e o uso de um determinado vocábulo são um importante indicador da sua “carga terminológica” – se são realmente termos ou não. O uso, então, torna-se o equalizador da relação entre a unidade lexical e o conceito especializado (Barros, 2007), e a frequência de seu uso é uma pista para a sua identificação.

### 2.3.2 O conceito e uso dos sinais-termo

Com o advento das novas áreas do conhecimento avança, também, o número de termos especializados dessas áreas e se faz necessário o uso de dicionários para suprir a necessidade dos seus consulentes e, em especial, para trazer mais entendimento aos contextos e uso de diversos termos presentes em áreas específicas de concentração. As pessoas Surdas, por sua vez, encontram-se em uma desvantagem no que se refere à consulta de materiais terminológicos específicos que tragam compreensão consistente e que satisfaçam às necessidades de uso, do significado linguístico e das designações.

A partir da teoria de Pierce (1975 *apud* Tuxi, 2017), de que os termos apenas têm significados no uso de um determinado grupo, compreende-se que os Surdos precisam de formação e fomento de sinais-termo - sinais para termos de uma área especializada do conhecimento. Além disso, é necessário perceber os sinais-termo já existentes para o respeito à diversidade linguística na comunicação.

Na concepção de Krieger e Finatto (2004), o termo é entendido como uma unidade terminológica, bem como um componente linguístico, cujas propriedades favorecem a

---

<sup>19</sup> “Por mais que se pretenda, um dicionário não é – nem pode nem dever ser – eterno. Deve-se levar em conta não somente a evolução da mentalidade de quem utiliza as palavras e dos consulentes de dicionários. O lexicógrafo deve ser o porta voz do sentir da comunidade, ainda que as vezes – no caso do dicionário oficial, por exemplo – se esconda no anonimato. É a própria língua quem deve falar pelo lexicógrafo” (Fernández-Servilla, 1974, p. 17 [tradução nossa]).

univocidade da comunicação. Para as autoras, é necessário um reconhecimento da funcionalidade dos termos no campo da expressão da comunicação humana, observando os aspectos relacionados à conceituação, identificação e à constituição.

Nesse sentido, os sinais-termo podem ser entendidos como:

1. Termo da Língua de Sinais Brasileira que representa conceitos com características de linguagem, próprias de classe de objetos, de relações ou de entidades. 2. Termo adaptado do Português para a Língua de Sinais Brasileira para representar conceitos que denotem palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas específicas do conhecimento. 3. Nota: a expressão sinal-termo foi criada por Faulstich (2012) e aparece pela primeira vez na dissertação de mestrado de Messias Ramos Costa, denominada *Proposta de modelo de enciclopédia bilíngue juvenil: Enciclolibras* (2012) (Faulstich, 2012 *apud* Castro-Júnior, 2014, p. 28).

Percebe-se que o a nomenclatura “sinal-termo” surge a partir da necessidade de categorizar e qualificar o fenômeno linguístico de descrever e agrupar termos na Língua de Sinais de forma a respeitar suas condições paramétricas e, conseqüentemente, a Cultura Surda que perpassa não apenas a criação dos sinais-termo, mas a utilização e a permanência desses sinais na Comunidade Surda. Os sinais-termo podem ser sinais que partem da Libras ou que tenham relações de adaptação da Língua Portuguesa conforme descrito na citação acima.

Dessa forma, os sinais-termo podem, também, ser entendidos como

uma entidade com características do termo da linguagem especializada da Língua de Sinais Brasileira. Denota conceitos e representações linguísticas tal qual o termo nas línguas orais, pois detém os aspectos e as estruturas de conteúdo específico, que dizem respeito às peculiaridades próprias de cada área especializada (Tuxi, 2017, p. 180).

Diante do exposto, entende-se que o sinal-termo é um item lexical presente em dicionários especializados. Os dicionários em línguas de sinais são mais conhecidos como “sinalários”. Stumpf (2005, p. 36) descreve sinalário como “[um repertório lexicográfico], um conjunto de expressões que compõe o léxico de uma determinada língua de sinais.” Logo, o vocabulário que apresentamos em língua de sinais chamamos, também, de “sinalário”.

Vale destacar que nos dicionários os termos lá registrados são considerados como variante-padrão e que as variantes não são incluídas. Isto pode corroborar para o fortalecimento do preconceito linguístico presente na língua e a estigmatização dessas variantes. Outro fator referente ao dicionário é a questão da falta de conhecimento dos professores para lidar com as descrições e elementos basilares da micro e macroestrutura dessas obras, sem falar da falta de orientação para a escolha de um dicionário que se adeque à proposta pedagógica para ser

utilizada em sala de aula. Esses aspectos corroborarão com a desvalorização dos dicionários por meio do seu público-alvo, os seus consulentes, que podem ser, em sua maioria, alunos que (i) não saberão dar significado a esta obra lexicográfica, (ii) não terão base para refletir e discutir sobre a língua, (iii) não conseguirão utilizar obras lexicográfica ou terminográfica de modo a se apropriarem de sua real potencialidade.

Douettes (2015, p. 50) afirma que “a expressão ‘sinal-termo’ equivale a um sinal que compõe um termo específico da Libras”. Em sua proposta de criação de glossário semibilíngue temático, o autor pontua que, para um glossário é necessário haver, no mínimo, a entrada em Libras ou Língua Portuguesa, ou mesmo em ambas as línguas e o conceito/designação daquele sinal.

É importante frisar que os dicionários fazem parte de obras lexicográficas da língua geral, e os glossários (também denominados de sinalários ou mesmo manuais, em Libras), dizem respeito a obras terminográficas de áreas de especialidade e que têm como principal característica a descrição exaustiva de termos de uma língua ou, no caso da Libras, de sinais-termo. O autor afirma, ainda, que no registro dos sinais-termo em obras terminográficas é essencial que esses sinais sejam analisados a partir da Perspectiva do Surdo respeitando a estrutura da Língua de Sinais e a sua gramática, além de não poder se ancorar na Língua Portuguesa.

Assim, Prometi (2013) e Douettes (2015) apontam que os sinais-termo são imprescindíveis na padronização e utilização de uma linguagem específica que contribua com a aprendizagem de alunos Surdos em diversas áreas do conhecimento. Os autores constataram que o uso desses sinais-termo elencados em suas pesquisas contribuiu na construção do conceito e designações dentro de suas áreas de especialidade respeitando a base paramétrica da Língua de Sinais.

Tuxi (2017) pondera que para que os novos termos perdurem em uma língua é necessário que eles passem por etapas de elaboração, análise e consolidação pois a integração das diversas áreas do saber contribuiu para que as esferas do conhecimento sejam consolidadas. Essa organização terminológica contribuirá para o desenvolvimento de políticas linguísticas de uma língua. A autora considera ainda que o termo contribui para uma “legítima comunicação clara e eficiente de determinado grupo” (Tuxi, 2017, p. 50).

A distinção entre sinal e sinal-termo demonstra que o sinal surge a partir da necessidade linguística da língua comum; por outro lado, o sinal-termo advém da premência de um sinal representar e conceituar os vocábulos na LS, dentro do contexto das áreas específicas e tecnológicas, com base em conceitos abstratos e definições de determinado objeto da área de especialidade (Tuxi, 2017, p. 51).

Percebe-se que o sinal parte da necessidade do repertório lexical comum entre pessoas sinalizantes. Já o sinal-termo está inserido em uma área de especialidade que venha fomentar o uso desse termo técnico para que sejam abarcados seus elementos querológicos, conceituais e de designação.

Sobre a criação de sinais-termo é necessário levar em conta que deve ocorrer a partir da própria Língua de Sinais, por se entender que ela possui uma estrutura morfológica e querológica própria. Dessa forma, Costa M. R. (2012, p. 47), reforça ao dizer que “para criar sinais em Libras, em vista da expansão terminológica que a área do conhecimento exige, utilizamos as palavras comuns da LSB como base para criar novos sinais-termo”. Para Faria-Nascimento (2009), na criação de uma Unidade Terminológica Complexa Sinalizada se utiliza de Unidades Terminológicas Sinalizadas a partir do processo de derivação/morfema-base. As Unidades Terminológicas Complexas Sinalizadas podem ser entendidas como os próprios sinais-termo, e as Unidades Terminológica Complexa são, também, sinais-termo, porém deles se derivam e se predicam novos sinais-termo carregados de conceitos e designações objetivando a objetividade na comunicação técnica.

Dessa forma é importante frisar a função primordial da terminografia no registro de termos especializados na Língua de Sinais:

A Terminografia é a área responsável pelo estudo e pela elaboração de glossários, léxicos, e dicionários especializados de uma determinada área. Com isso, a partir dos estudos da Terminografia, foi possível organizar obras terminográficas monolíngues, bilíngues ou semibilíngues (Tuxi, 2017, p. 108).

Devido à terminografia, pôde-se refletir sobre formas de acomodação dos sinais-termo que atendessem as expectativas dos consulentes surdos em diversas vertentes de acomodação dessa terminologia: monolíngue, semibilíngue ou bilíngue.

Assim, sobre os sinais-termo, Castro-Júnior (2014, p. 43) considera que:

Há palavras do léxico comum que não têm sinal-termo na Libras. Esse é um fator que qualquer falante de Libras constata de forma indiscutível e que motiva processos datilológicos, a datilologia propriamente dita. A falta de sinais-termo que preenchem as necessidades conceituais de palavras pertencentes ao vocabulário científico e técnico (terminografia científica e técnica) deve ser suprida por processos que provêm de fora da Libras, sob pena de o silêncio prevalecer.

Nota-se que a criação de sinais-termo é imprescindível para que a base conceitual seja ressaltada e a fixação de conteúdos e a própria representação social circule de maneira mais objetiva e eficaz pelos Surdos. No entanto, percebe-se, também, que o silenciamento descrito

pelo autor tem relação direta com os empréstimos linguísticos das Línguas Orais para uma Língua de Sinais ou mesmo entre as Línguas de Sinais. Dessa forma, principalmente no primeiro caso, as bases paramétricas podem não ser respeitadas e a representação do sinal-termo pode ficar preso às características culturais que não abarcam a Cultura Surda. Assim, segundo Castro-Júnior (2014, p. 48), “a relação entre termo e objeto é uma relação de referência. Essa referência denotativa é constituída pela significação, que envolve a forma e o conteúdo semântico”.

Para que o significado de um determinado termo seja compreendido, é necessário haver estratégias de organização das informações. Vale ressaltar que o léxico é uma entidade em que se revela a cultura de quem os usa e que ele é formado por suas unidades linguísticas, por signos linguísticos padrão e por suas variantes (Castro-Júnior, 2014). Porém, para a lexicologia, seu valor se dá a partir da sua frequência de uso que possibilita se perceber a ocorrência da variante-padrão e da(s) variante(s). Na terminologia, nem sempre a frequência de uso de um termo será um critério de seleção, já que existem termos pouco utilizados que são imprescindíveis para o entendimento de conteúdo especializado.

Os sinais-termo são [+] social quando as diferenças a serem estabelecidas para as descrições das condições paramétricas estão associadas à percepção do Surdo na organização do vocabulário linguístico de seu grupo social, porque, muitas vezes, os sinais são conhecidos apenas na região em que um grupo sinalizante vive; quanto mais regiões utilizarem o sinal-termo que é [+] social, este se torna sinal-termo padrão (Castro-Júnior, 2014, p. 145)

Nota-se a importância da organização ou consultoria dos usuários da Libras, os Surdos, na construção de repertório terminológico para abarcar uma descrição confiável e segura dessa língua. Na educação de surdos, os sinais-termo são corriqueiramente usados, pois eles são fundamentais para a compreensão de itens lexicais dentro de uma área específica de concentração. Por sua vez, os cursos de licenciatura têm sido uma área de interesse na formação dos Surdos no Brasil, a partir da oficialização da Libras por meio da Lei 10.436/2002 (Brasil, 2002) e da regulamentação dessa língua, obrigando a existência de seu ensino nos cursos de fonoaudiologia e em todos os cursos de licenciatura conforme a Lei-Decreto 5.626/2005 (Brasil, 2005).

Com a participação de Surdos em cursos de licenciatura teve-se a necessidade da criação de sinais-termo para termos que ainda não existiam, facilitando a compreensão desses acadêmicos Surdos e a própria atuação do Tradutor/Intérprete de Libras - Língua Portuguesa/TILSP que os acompanham. Os sinais-termo, por sua vez, corroboram para a

economia e objetividade da informação na sinalização, dispensando outros recursos linguísticos que deixariam a emissão da informação prolixa.

### 2.3.3 Variação terminológica em Libras

No processo de criação e de utilização de sinais-termo para a área educacional surge uma demanda que é muito comum nas Línguas Orais e nas Línguas de Sinais: a variação linguística. A variação linguística pode ser compreendida como o “processo de duas ou mais formas de comunicação, ocorrendo em um mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado” (Coelho *et al.*, 2018, p. 16).

Bortoni-Ricardo (2004) explica que a variação linguística ocorre por fatores socioeconômicos, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho, redes sociais e por questões de origem geográfica. Nesse sentido William Labov em seu livro *Padrões Sociolinguísticos*, publicado inicialmente em 1972, destaca que a sociolinguística se preocupa em estudar as diferentes formas dos indivíduos se expressarem em uma língua e que a ausência dessa heterogeneidade nos falares seria uma *disfunção social*.

Dessa forma, é pertinente realçar que a diversidade linguística presente em uma língua, e a terminologia, também, é o espaço de expressão para a ocorrência da variação linguística, pois “as melhores perspectivas para uma comunicação especializada de melhor qualidade, em qualquer área do conhecimento, constroem-se também a partir do reconhecimento da naturalidade e inerência da variação terminológica como um tipo de variação linguística” (Finatto, 1996, p. 67).

Para que a variação linguística seja analisada, é necessário compreender as nuances e contexto em que os indivíduos estão envolvidos, seus padrões sociais que definirão seu padrão linguístico de uso da fala (sinalização no contexto do sujeito Surdo). Finatto (1996) mostra a variação terminológica como um processo natural das línguas, sendo esta uma das perspectivas da variação linguística para uma comunicação real e eficaz, fenômeno estudado, principalmente, por sociolinguistas.

A sociolinguística está presente no estudo dos falares de sujeitos usuários de uma língua em comum. No caso da Libras, as investigações na perspectiva sociolinguística ocorrem por meio das sinalizações dos usuários Surdos e ouvintes (fluentes) desta língua, sendo este o aspecto de centralização desta pesquisa, analisar as diferentes formas de ocorrências de sinais-termo na área educacional.

Como exemplo do processo de nomeação e inserção da cultura neste ato, Biderman (1998) expõe o caso dos esquimós. Segundo a autora, este povo nomeia sua realidade a partir do grau de experiências presente em um objeto de referência. Como exemplo tem-se a sua experiência com a neve. Este vocábulo recebe termos variantes devido ao grau de importância desse objeto referenciado para eles.

A autora ressalta que esse processo de conceitualização e designação para este vocábulo tem relação com a percepção da representação da neve. Ela comenta também que as denominações de palavras específicas para um mesmo objeto, indicam que esse objeto é muito importante para a comunidade que o nomeia.

Falando sobre o crescimento exponencial de unidades terminológicas em línguas orais Krieger e Finatto (2004) explicam ser este um fenômeno que resulta do acelerado avanço da ciência e da tecnologia, pois essas duas áreas impactam a sociedade ao integrar novos campos e horizontes de conhecimentos. Outra razão que contribui para a formação de novos termos é a globalização. Segundo as autoras, a globalização trouxe o incremento das transações comerciais entre os países, que propiciou a criação dos blocos econômicos, bem como as relações de intercâmbios impostas pelas relações comerciais dos países.

Em todo esse processo de expansão, o interesse pelas terminologias deixou de estar restrito aos especialistas que, como usuários diretos, sempre compreenderam a necessidade de dominar o vocabulário específico de seus campos de competência. Nessa mesma situação estão os estudantes universitários que necessitam incorporar os termos de suas áreas de aprendizagem profissional. Hoje, há uma extensa gama de profissionais também preocupados com a terminologia e que são considerados seus usuários indiretos, como é o caso dos tradutores, intérpretes, documentalistas, redatores técnicos, lexicógrafos e terminógrafos, entre outras categorias de profissionais envolvidos com a linguagem. Igualmente, avança o interesse dos comunicadores pelos termos técnicos, pois a ciência e a tecnologia tornaram-se objetos de larga divulgação, integrando o cotidiano das notícias (Krieger; Finatto, 2004, p. 27).

É interessante observar que a terminologia é de interesse de grupos específicos da sociedade, mas também ela deve ser democratizada para a população pois a partir da divulgação da ciência e da tecnologia a sociedade pôde ser mais ativa nas tomadas de decisão que são de interesse comum. Outro fator relevante é o acesso à terminologia pelos acadêmicos e, nesse ponto, é mister destacar os alunos Surdos da graduação.

De maneira geral, os Surdos das mais diversas áreas do conhecimento presentes nas Instituições de Ensino Superior - IES, são acadêmicos com níveis linguísticos e socioculturais distintos. Por outro lado, tem-se o tradutor/intérprete de Libras que acompanha o acadêmico surdo, profissional este que deve possuir formação em nível superior, mas que não necessariamente formação na mesma área do curso do surdo graduando. Esse fator implica na

tradução/interpretação da Língua Portuguesa para a Libras e, conseqüentemente, na aprendizagem do graduando Surdo.

Por não conhecer um determinado termo na língua oral e o sinal-termo na língua de sinais, o intérprete poderá seguir alguns caminhos: (i) estudar o conceito para se familiarizar com o termo da área; (ii) pesquisar o sinal-termo para o termo desconhecido; (iii) caso não tenha sinal-termo, utilizar um contexto para descrever o termo em Libras; (iv) criar um sinal-termo para o termo e assim *economizar* tempo na sinalização (princípio da economia do tempo). O último caminho (iv) tem sido corriqueiro nas salas de aulas em diversos níveis de ensino, sobretudo, pela facilidade na criação do sinal-termo e na compreensão, por parte dos profissionais da educação de surdos, de que o sinal-termo corrobora significativamente no aprendizado de alunos surdos.

Dessa forma, pode ocorrer a criação de vários sinais-termo para um mesmo termo em Libras, demonstrando a importância daquele termo para a língua (Biderman, 2004). Para Castro-Júnior (2014), isso ocorre com alunos Surdos por todo o Brasil e pode dificultar a compreensão de um determinado sinal-termo e, conseqüentemente, o seu conceito e designação, por surdos de regiões geográficas diferentes. Além disso, Castro-Júnior (2014) postula que a variação deve ser mantida por meio da identificação e divulgação da variante-padrão e as variantes não-padrão em Libras, assim, mais pessoas que tenham interesse poderão conhecê-las e utilizá-las.

Dessa forma o registro da variação linguística terminológica em Libras deve levar em conta a variação regional e a variação lexical tendo em vista o respeito às percepções dos Surdos e ao grau de representação denotado aos sinais-termo e suas variantes. Os Surdos precisam ter embasamento terminológico preciso para conhecer o objeto, o conceito, sua função e como se deu a construção mental do objeto pelos Surdos por meio das condições paramétricas inerentes à Libras.

Deste modo, o que se determina como condição paramétrica entendemos que na realidade é um conjunto de práticas caracterizadas por: i) traços paramétricos da configuração de mão; ii) traços paramétricos de ponto de articulação; iii) traços paramétricos de movimento; iv) traços paramétricos de direcionalidade; v) traços paramétricos de expressão facial e corpora (Castro-Júnior, 2014, p. 239)

Estes traços paramétricos serão identificados e descritos minuciosamente no capítulo 4 desta dissertação. Por hora, nota-se que a totalidade das condições paramétricas apresentadas acima contribuirão para que se tenha variação terminológica em Libras, a partir de traços sintáticos, fonéticos e do conjunto lexical. Isso se dá com a utilização de regras paramétricas dos traços morfológicos.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo é descrita a metodologia utilizada para a realização da pesquisa. Os procedimentos adotados visam ao alcance dos objetivos propostos para esta investigação. Para cumprir os objetivos foi realizada uma pesquisa em dicionários de Língua de Sinais em circulação no Brasil, no meio acadêmico para que os sinais-termo fossem catalogados e, a partir da percepção dos Surdos-colaboradores, fossem descritos como parte de seu repertório linguístico. Posteriormente, foi apresentado um protótipo da proposta dos sinais-termo identificados.

#### 3.1 O tipo da pesquisa

A pesquisa em questão é de abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva. Os procedimentos incluem a pesquisa bibliográfica que tem uma relação direta com a natureza desta pesquisa, com o uso de três obras fundamentais para a geração dos dados. Para Creswell (2010, p. 26), a pesquisas qualitativa “(...) é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social”. Dessa forma, a pesquisa com essa abordagem se ancora no significado individual e na análise da complexidade de uma situação.

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (Chizzotti, 1995, p. 78).

Na presente pesquisa a abordagem qualitativa é a ideal, por possibilitar melhor análise dos sinais-termo coletados e para a exploração de sua utilização e morfologia pelos Surdos-colaboradores da pesquisa. Essa abordagem possibilita que sejam observadas as modificações da atribuição de significados e sentidos, não de forma neutra, pelo sujeito surdo, mas de relações concretas entre o objeto e os indivíduos. Os sinais-termo são os objetos de estudo dessa pesquisa e a partir deles se atribuirá sentido e significado tendo como foco a variação terminológica (Finatto, 1996).

Quanto à natureza da pesquisa, é exploratória e descritiva. Uma pesquisa de natureza exploratória “(...) tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de

intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado” (Gil, 2002, p. 41).

Segundo Gil (2011, p. 28), “(...) são incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar opinião, atitudes e crenças (...)” dos sujeitos envolvidos, e acrescenta que as pesquisas descritivas “(...) têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre as variáveis” (Gil, 2011, p. 46). Sendo assim, estão sendo analisados os sinais-termo da área da educação e identificada a variedade linguística utilizada pelos Surdos-colaboradores da pesquisa, da cidade de Imperatriz - MA e de cidades adjacentes, do curso de Pedagogia. Para isso, estão sendo necessário utilizar métodos que abarquem a especificidade de uma pesquisa com esse objeto de estudo.

A pesquisa bibliográfica, por sua vez, possui a vantagem de poder reunir, a partir das obras analisadas, a maior quantidade de informações possível do fenômeno pesquisado, pois reunir informações que estão descentralizadas pode se tornar impossível em alguns tipos de pesquisa (Gil, 2011). Dessa forma, ter uma bibliografia que reúna as informações que *a priori* estão espaçadas facilita a análise dos dados.

Assim, o método utilizado encontrou-se em Faulstich (1995), a base para as pesquisas referentes à construção dos dados na área da Língua Brasileira de Sinais. Essa autora evidencia o método socioterminológico como uma ramificação da sociolinguística, uma vez que é por ele que se pode identificar a validação ou não dos sinais, a partir das comunidades linguísticas de nativos de uma língua fundamentada nas condições e circulação de uso dos termos, estudando-os sob a perspectiva linguística e de interação social.

Nessa perspectiva, Faulstich (1995) apresenta a necessidade de validação desses novos termos, a partir de uma comunidade linguística que possa validá-los. Nesta pesquisa, destaca-se a necessidade de análise quanto aos sinais-termo usados na Pedagogia, uma vez que existe variação quanto aos usos e sentidos de sinais-termo dessa área pelos Surdos.

A autora destaca, ainda, que a validação de um termo se dá a partir de etapas definidas que contribuirão para a objetividade no processo e para a realização de uma pesquisa terminológica consistente.

Dessa forma, para o desenvolvimento desta pesquisa se faz necessário utilização de três etapas, a partir da base de pesquisas terminológicas definidas por Faulstich (1995), sendo elas:

- (I) definição do público-alvo
- (II) levantamento dos sinais-termo
- (III) organização das fichas terminológicas e análise dos sinais-termo

Assim, apresentam-se as etapas utilizadas nesta pesquisa.

### 3.1.1 Definição do público-alvo

São colaboradores desta pesquisa Surdos graduados e/ou graduandos do curso de Pedagogia. No entanto, planeja-se que os colaboradores sejam maiores de idade, graduados ou acadêmicos do curso de Pedagogia, podendo ser do município de Imperatriz e/ou de cidades adjacentes.

Assim, o principal critério de inclusão dos colaboradores na pesquisa é de ser surdo e ter cursado ou está cursando Pedagogia. O outro critério é de ser estudante de instituição localizada no município de Imperatriz e/ou de cidades adjacentes. Se enquadram no critério de não participação na pesquisa os que tenham feito ou estejam fazendo o curso em instituição fora do contexto mencionado.

A participação na pesquisa é de forma anônima, pois o questionário se encontra no *google forms*. O link do questionário é enviado por WhatsApp e/ou e-mail, e o respondente não precisa se identificar, pois sua resposta fica gravada *on-line*. A identidade dos colaboradores não será revelada; será preservada. Desta forma, sem contato presencial e sem a identificação dos colaboradores, não houve necessidade de submissão do projeto de pesquisa na Plataforma Brasil, no Conselho de Ética, para avaliação de riscos aos colaboradores.

Para traçar o perfil dos colaboradores da pesquisa, os dados conseguidos por meio do questionário são suficientes.

## 3.2 A geração dos dados

A geração dos dados é feita com a participação de colaboradores surdos, respondendo um questionário, e com o uso de três obras da área de Libras, que contêm informações pertinentes para esta pesquisa. Assim, o trabalho de geração dos dados compreende duas etapas principais: o levantamento das informações nas obras, para identificação dos sinais-termo, e o uso do questionário, para respostas dos colaboradores. Dessa forma, serão descritas nas subseções a seguir as etapas realizadas nesta pesquisa.

### 3.2.1 O levantamento dos sinais-termo

Para o levantamento dos sinais-termo foi feita uma coleta nas obras lexicográficas e terminográficas com base na formação do pesquisador, que é pedagogo, e, também, na experiência e prática das atividades desenvolvidas na área, por ele. Dessa forma, foram

levantados 198 termos, sendo que foram analisadas cada uma das obras de forma detalhada (análise termo por termo) com o objetivo de coletá-los.

As três obras difundidas no meio acadêmico no país, e utilizadas nesta pesquisa, são: o *Manuário Acadêmico e Escolar* [online] do Instituto Nacional de Educação de Surdos-INES, o *Glossário* [online] da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC e o *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais: a Libras em suas mãos* (Capovilla *et al.*, 2017).

Assim, apresentam-se detalhes das obras usados no levantamento dos sinais-termo:

### 3.2.1.1 O Manuário Acadêmico e Escolar do Instituto Nacional de Educação de Surdos-INES

O Instituto Nacional de Educação de Surdos é um órgão que funciona no Brasil desde 1857, fundado pelo imperador Dom Pedro II, sendo localizado na capital do Rio de Janeiro (STROBEL, 2009). Este instituto oferece educação para alunos Surdos do maternal à pós-graduação *stricto sensu*. Ele é referência para a educação de Surdos no Brasil. A criação do *Manuário Acadêmico e Escolar* do INES surgiu da necessidade de se oferecer um material de consulta para os estudantes Surdos da instituição bem como da necessidade de registrar e divulgar os sinais que circulavam no Colégio de Aplicação e no Curso de Pedagogia Bilíngue do INES (Ines, 2016). Desde 2011, o projeto de coleta de sinais, construção do *manuário* é coordenado por Janete Mandelblatt e Wilma Favorito. A figura 03 contém fotos da equipe responsável pelo projeto do *manuário*.

**Figura 03:** Equipe do Projeto Manuário



Fonte: INES. *Manuário Escolar e Acadêmico*

A equipe que compõem o projeto é constituída de profissionais e alunos Surdos e ouvintes da instituição. O repertório lexical pesquisado e registrado contempla conceitos e autores pertinentes ao universo escolar e acadêmico. Segundo os dados do projeto, o processo de pesquisa e registro dos sinais-termo abrange três etapas, sendo elas: (i) coleta dos sinais-termo com os alunos, professores e intérpretes da instituição; (ii) reuniões para validar os sinais com os professores da instituição e outros representantes da comunidade acadêmica; (iii) filmagem em estúdio dos sinais validados (Ines, 2016).

O Manuário do INES é dividido em nove (09) seções: (i) Palavra ao visitante; (ii) Sobre o Manuário; (iii) Índice geral; (iv) Dicionário Onomástico; (v) Programas Manuário; (vi) Dicionário temático; (vii) Divulgação na mídia; (viii) Produtos do trabalho e (ix) Memória do manuário. Dessas seções destacam-se as seções (iii), (iv) e (vi).

Nessas seções, encontra-se o repertório lexical construído desde a fundação do Projeto Manuário. No “Índice geral” os sinais estão divididos em letras de A a Z, para que os consulentes possam conferir todos os sinais-termo coletados no projeto, além de estar disponível uma lista (também em ordem alfabética) do repertório lexical. A figura 03 mostra o índice geral do manuário.

**Figura 04:** “Índice Geral” do Manuário digital do INES

Instituto Nacional de Educação de Surdos  
**MANUÁRIO ACADÊMICO E ESCOLAR**

**Índice Geral**

*Clique na letra inicial da palavra desejada*

A	B	C	D
E	F	G	H
I	J	K	L
M	N	O	P
Q	R	S	T
U	V	W	X
Y	Z		

**VISUALIZAÇÃO DE TODAS AS PALAVRAS EM ORDEM ALFABÉTICA**

Aborto  
Aborto (provocado)  
Abuso  
Acre  
Adição  
Adjetivo  
Adulto 1  
Adulto 2

Palavra ao Visitante  
Sobre o Manuário  
**Índice Geral**  
Dicionário Onomástico  
Programas Manuário  
▼ Dicionário Temático  
Áreas do Conhecimento  
Artes  
Biologia  
Ciências Sociais e História  
Cotidiano Escolar e Acadêmico  
Didática  
Disciplinas Escolares (Educação Básica)  
Educação Especial  
Educação para a Saúde  
Esportes e Educação Física  
Estudos da Linguagem  
--Gramática  
----Morfologia  
----Pontuação  
----Classes Gramaticais ou Classes de Palavras  
Estudos de Gênero  
Física  
Geografia  
Literatura  
--Literatura Infantil - Personagens e obras  
Matemática  
Níveis e Modalidades da Educação Brasileira  
Política  
Psicologia  
Produção Textual  
Produção Visual

Fonte: INES. **Manuário Escolar e Acadêmico.**

Na seção (iv), Dicionário Onomástico, estão incluídos os sinais-nomes de autores e teóricos reconhecidos da área da educação. Pode-se ver uma amostra do Dicionário Onomástico na figura 03.

**Figura 05:** “Dicionário Onomástico” do Manuário digital do INES com os sinais-nomes dos autores da área da educação

Instituto Nacional de Educação de Surdos  
**MANUÁRIO ACADÊMICO E ESCOLAR**

Palavra ao Visitante  
Sobre o Manuário  
Índice Geral  
**Dicionário Onomástico**  
Programas Manuário  
▼ Dicionário Temático  
Áreas do Conhecimento  
Artes  
Biologia  
Ciências Sociais e História  
Cotidiano Escolar e Acadêmico  
Didática  
Disciplinas Escolares (Educação Básica)  
Educação Especial  
Educação para a Saúde  
Esportes e Educação Física  
Estudos da Linguagem  
--Gramática  
----Morfologia  
----Pontuação  
----Classes Gramaticais ou Classes de Palavras  
Estudos de Gênero  
Física  
Geografia  
Literatura  
--Literatura Infantil - Personagens e obras  
Matemática  
Níveis e Modalidades da Educação Brasileira  
Política  
Psicologia  
Produção Textual  
Produção Visual  
Química

**Dicionário Onomástico**

SINAIS

**PROGRAMA MANUÁRIO TV INES**

**BIOGRAFIAS / CURIOSIDADES / INFORMAÇÕES**

**SINAIS**

Adorno, Theodor  
Amaral, Tarsila do  
Andrade, Carlos Drummond  
Apple, Michael  
Ariès, Philippe  
Aristóteles  
Bakhtin, Mikhail  
Barbosa, Ana Mae  
Benjamin, Walter  
Bourdieu, Pierre 1  
Bourdieu, Pierre 2  
Campello, Ana Regina  
Candau, Vera  
Chaplin, Charles  
Chartier, Roger  
Chauí, Marilena  
Chomsky, Noam  
Clerc, Laurent  
Da Vinci, Leonardo

Adorno, Theodor  
Amaral, Tarsila do (parte 1)  
Amaral, Tarsila do (parte 2)  
Andrade, Carlos Drummond  
Apple, Michael  
Ariès, Philippe  
Aristóteles  
Bakhtin, Mikhail  
Barbosa, Ana Mae  
Bébian, Auguste  
Benjamin, Walter  
Berthier, Ferdinand  
Bourdieu, Pierre  
Campello, Ana Regina  
Candau, Vera  
Chaplin, Charles  
Chartier, Roger  
Chauí, Marilena  
Chomsky, Noam

Fonte: INES. **Manuário Escolar e Acadêmico**

Nessa seção, além do acesso aos sinais-nomes pode-se ter acesso a biografia dos autores, curiosidade e informações da vida e legado deixado por cada teórico elencado com o acesso ao vídeo disponível também na TV INES, programa televisivo do INES em que possui um quadro chamado também de “Manuário” para apresentar a vida e obra de autores da área da educação.

**Figura 06:** “Manuário” apresentado pelo professor surdo Valdo Nóbrega criador do nome do Projeto Manuário



Fonte: INES. **Manuário Escolar e Acadêmico.**

A seção (vi) “Dicionário Temático” o repertório lexical do Manuário está dividido em 24 (vinte e quatro) subseções que abarcam diferentes áreas como a política, estudos da linguagem, ciências humanas e naturais, produção visual e sinais do cotidiano escolar. A figura 05 mostra o manuário acadêmico e escolar.

**Figura 07:** “Dicionário Temático”

Instituto Nacional de Educação de Surdos  
**MANUÁRIO ACADÊMICO E ESCOLAR**

**Palavra ao Visitante**  
Sobre o Manuário  
Índice Geral  
Dicionário Onomástico  
Programas Manuário  
▼ Dicionário Temático  
  **Áreas do Conhecimento**  
  Artes  
  Biologia  
  Ciências Sociais e História  
  Cotidiano Escolar e Acadêmico  
  Didática  
  Disciplinas Escolares (Educação Básica)  
  Educação Especial  
  Educação para a Saúde  
  Esportes e Educação Física  
  Estudos da Linguagem  
  --Gramática  
  ----Morfologia  
  ----Pontuação  
  ----Classes Gramaticais ou Classes de Palavras  
  Estudos de Gênero  
  Física  
  Geografia  
  Literatura  
  --Literatura Infantil - Personagens e obras  
  Matemática  
  Níveis e Modalidades da Educação Brasileira  
  Política  
  Psicologia  
  Produção Textual  
  Produção Visual  
  Química

**Áreas do Conhecimento**

**EM ORDEM ALFABÉTICA**

- Antropologia
- Biologia
- Ciências
- Didática
- Educação Especial
- Estudos Surdos
- Filosofia 1
- Filosofia 2
- Geografia
- História
- Linguística
- Matemática
- Psicologia
- Química
- Sociologia

Fonte: INES. **Manuário Escolar e Acadêmico.**

Vale ressaltar que assim como as outras seções destacadas esta, também, foi dividida em ordem alfabética, bem como suas subseções. A coleta dos sinais-termo foi feita especificamente nessas três seções. Vale destacar também que, segundo informação no site do Manuário, devido à pandemia decorrente da covid-19 as gravações foram suspensas no estúdio do INES e tiveram que ser feitas de forma remota, pelos bolsistas do projeto, o que fugiu um pouco do padrão de gravação feita no estúdio do INES. Assim, a informação é de necessidade de regravação dos sinais com a volta da normalidade das atividades presenciais.

### 3.2.1.2 O glossário da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC

Segundo Strobel (2009), a Universidade Federal de Santa Catarina foi pioneira na oferta do curso de Licenciatura e Bacharel em Letras-Libras no Brasil, oferecendo turmas para os dois cursos referidos, a partir de 2009. Dessa forma, ressalta-se que a UFSC é uma instituição de renome no país, para a formação de Surdos e ouvintes para o ensino e a tradução/interpretação de Libras-Língua portuguesa.

Além disso, a UFSC é uma influenciadora no que diz respeito à criação e ao uso de sinais-termo da área acadêmica, por concentrar em sua instituição professores Surdos e ouvintes de todo o país bem como de pesquisadores interessados na criação de sinais-termo que possam suprir as demandas conceituais dos Surdos que estudam na instituição desde graduação até a pós-graduação *stricto sensu* a nível de mestrado e doutorado. Na figura 06 pode-se ver o menu do glossário.

**Figura 08:** Glossário de Libras da UFSC

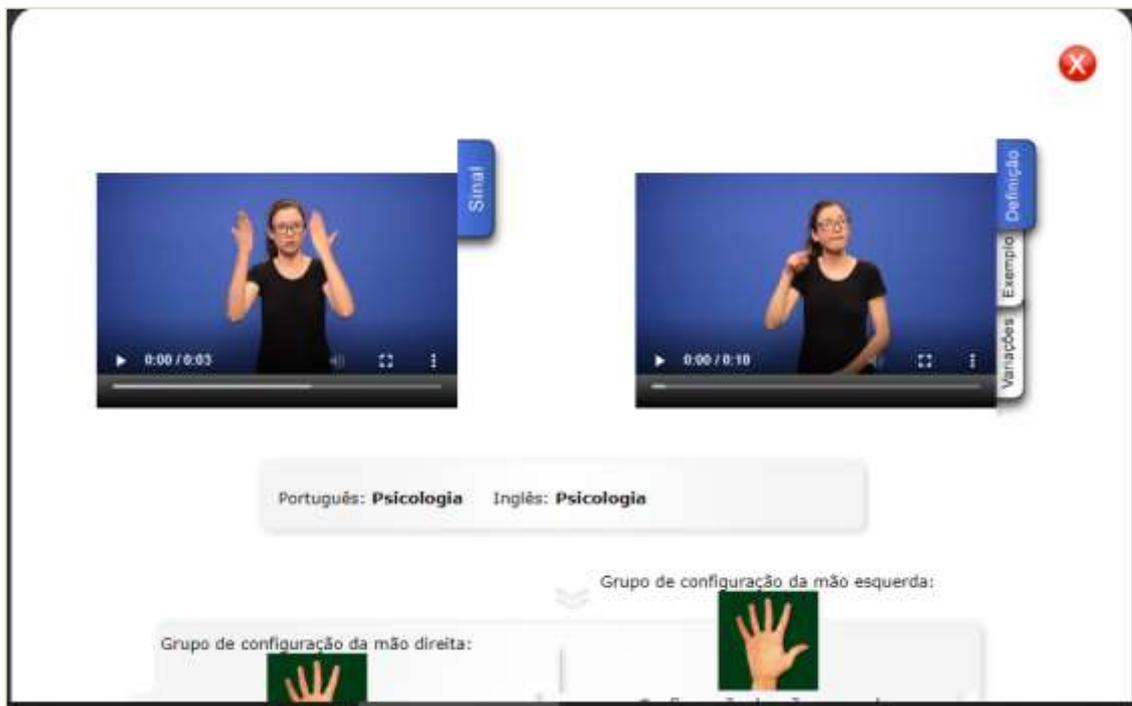


Fonte: UFSC. **Glossário Letras-Libras.**

O glossário da UFSC está dividido em 05 (cinco) seções: (i) Letras-Libras, (ii) Arquitetura, (iii) Cinema, (iv) Psicologia, (v) Literatura. Vale destacar que ele possui uma seção indicando que haverá novas seções incluídas e que pessoas de todo o país podem colaborar contatando-os para o envio de novos sinais. A busca pelos sinais neste glossário se dá de três formas: pela busca da Configuração de Mão do sinal em Libras, pela busca do termo em português na ordem alfabética ou pela busca do termo em inglês também em ordem alfabética.

No glossário os sinais são apresentados, definidos, exemplificado o contexto de utilização e apontados as variações que podem ocorrer da variante apresentada inicialmente. Além disso, no mesmo site é possível ver a descrição querológica do sinal com a configuração da mão direita ou esquerda (ou ambas), localização do sinal e a escrita do sinal.

**Figura 09:** Sinal-termo “Psicologia”



Fonte: UFSC. **Glossário Letras-Libras**

O Glossário da UFSC é supervisionado pela professora surda Dra. Marianne Rossi Stumpf, pela coordenadora da equipe de glossário e doutoranda em Estudos da Tradução Janine Soares de Oliveira e pelo programador responsável, o graduando em Ciências da Computação Ramon Dutra Miranda. Ao longo de sua criação o projeto recebeu contribuição de mestres e doutores de diferentes áreas como descrito na aba “Equipe”.

### 3.2.1.3 O Dicionário da Língua Brasileira de Sinais: a Libras em suas mãos

A obra lexicográfica “Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos” foi elaborada por Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo e Antonielle Cantarelli Martins, e se apresenta como um fruto de um vasto programa de pesquisa lexicográfica da Libras e cognição de Surdos iniciado em 1989 no laboratório de Neuropsicolinguística Cognitiva Experimental (Capovilla, *et al.*, 2017, p. 21). Ele representa também o desdobramento de um conjunto de obras anteriores publicadas pelos autores. Entre elas destacam-se, segundo Capovilla, *et al.*, (2017, p. 21), as seguintes:

- O *Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas* (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2012a, 2012b).
- O *Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira* (Capovilla; Raphael, 2006).
- A *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira*, volume 1, 2, 3, 4 e 8 (Capovilla; Raphael, 2004a, 2004b, 2005a, 2005b, 2005c).
- O *Manual ilustrado de sinais e sistemas de comunicação em rede para surdos* (Capovilla; Raphael; Macedo, 1998).

**Figura 10:** Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos (Capa dos volumes 1 a 3)



Fonte: Capovilla *et al.* (2017)

Segundo os autores, a obra lexicográfica em questão documenta os sinais de Libras em entradas lexicais. Cada entrada fornece:

- (1.) O(s) verbete(s) em Português correspondente(s) ao sinal.
- (2.) O(s) verbete(s) em Inglês correspondente(s) ao(s) verbete(s) em Português.
- (3.) A soletração digital do(s) verbete(s) em Português correspondente ao sinal.
- (4.) A classificação gramatical do(s) verbete(s) em Português correspondente(s) ao sinal.
- (5.) De um a três exemplos do uso funcional adequado de cada verbete em Português em frases bem formadas.
- (6.) A escrita visual direta do sinal por meio do sistema de escrita SignWriting.
- (7.) A descrição escrita detalhada da forma do sinal (i.e., a análise de sua composição SubLexical-InfraVocabular do nível SematosÊmico-Signumlcular).
- (8.) A ilustração gráfica da forma do sinal.
- (9.) A descrição escrita detalhada do significado do sinal.
- (10.) Uma a três ilustrações gráficas do significado do sinal.
- (11.) A análise da composição Sublexical do sinal no nível MorfÊmico.
- (12.) A análise da etimologia e da iconicidade do sinal.

**Figura 11:** Exemplo de sinal-termo do Dicionário da Língua de Sinais: a Libras em suas mãos



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 2594)

A partir da verificação das obras mencionadas obteve-se os sinais-termo, listados no quadro 01.

**Quadro 01:** Lista de sinais-termo encontrados na pesquisa

<b>SINAIS-TERMO COM VARIANTES IDENTIFICADA</b>		
1 - Abstrato	67 - Exercício/Atividade	133 - Pronome Demonstrativo
2 - Acessibilidade	68 - Faculdade	134 - Pronome Possessivo
3 - Adjetivo	69 - Filosofia	135 - Psicologia
4 - Advérbio	70 - Física	136 - Psicomotor
5 - África	71 - Formatura	137 - Psicose
6 - Afrodescendente	72 - Geografia	138 - Psicossomática
7 - Aluno	73 - Greve	139 - Poema/Poesia
8 - Alfabetização	74 - Google	140 - Pós-Graduação
9 - Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem	75 - Governo/Governador/ Governante	141 - Pôster
10 - Antônimo	76 - Gramática	142 - Questionário
11 - Analfabeto	77 - História	143 - Química
12 - Aprovado	78 - Hipótese	144 - Pré-Escola
13 - Argumentação/Argumento	79 - Humanista/Humanismo	145 - Prefeitura
14 - Artes	80 - Identidade	146 - Presidente
15 - Aula Virtual	81 - Inclusão	147 - Primeiro Semestre
16 - Autismo/Autista	82 - Indígena	148 - Profissional
17 - Autor	83 - Informática	149 - Psiquiatria
18 - Autobiografia	84 - Inscrição	150 - Recuperação Escolar
19 - Avaliação	85 - Interjeição	151 - Redação
20 - Bibliografia	86 - Internet	152 - Regras
21 - Bimestre	87 - Intervalo/Recreio	153 - Reitor
22 - Biologia	88 - Introdução	154 - Relatório
23 - Blog	89 - Jean Piaget	155 - Regimento
24 - Boletim Escolar	90 - Letra	156 - Representante
25 - Bolsa De Estudo	91 - Lev Vygotsky	157 - Reprovação Escolar
26 - Braille	92 - Libras	158 - Resumo
27 - Bullying	93 - Língua/Idioma	159 - Reunião
28 - Cadeirante	94 - Linguagem	160 - Revisão
29 - Cadeira de Rodas	95 - Linguística	161 - Semestre
30 - Capitalismo	96 - Literatura	162 - Seminário

31 - Ciências	97 - Livro	163 - Série Escolar
32 - Comunidade	98 - Luta	164 - Servidor Público
33 - Concurso Público	99 - Machismo	165 - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – Senai
34 - Coerência	100 - Manifestação	166 - Significado
35 - Coesão	101 - Método	167 - Sigmund Freud
36 - Cognição	102 - Metodologia	168 - Signwriting
37 - Conceito	103 - Política	169 - Síndrome de Down
38 - Concreto	104 - Preconceito	170 - Sintaxe
39 - Concordância Verbal	105 - Magistério	171 - Slide
40 - Conectivo	106 - Matemática	172 - Sociedade
41 - Conjunção	107 - Matrícula	173 - Sócrates
42 - Corrupção	108 - Meta/Objetivo	174 - Substantivo
43 - Cultura	109 - Mestrado	175 - Surdocego
44 - Democracia	110 - Microsoft Windows	176 - Sustentabilidade
45 - Didática	111 - Ministério	177 - Supervisor
46 - Direção/Diretor/a	112 - Ministério da Educação	178 - Supletivo
47 - Discriminação	113 - Ministro	179 - Teatro
48 - Dissertação	114 - Monitor	180 - Tecnologia
49 - Doutorado	115 - Múltiplas Deficiências	181 - Teste
50 - Educação a Distância	116 - Municipal	182 - Teoria
51 - Educação Infantil	117 - Município	183 - Texto
52 - Efetivo	118 - Museu	184 - Tradicional/Tradição
53 - Ensino de Pós-Graduação	119 - Música	185 - Tradutor
54 - Ensino Fundamental	120 - Narcisista	186 - Trauma Psicológico
55 - Ensino Infantil	121 - Nacional	187 - Tribo Indígena
56 - Ensino Médio	122 - Neuropsicologia	188 - Uniforme
57 - Ensino Superior	123 - Orientador	189 - Universidade
58 - Entrevistar	124 - Palavra	190 - Universidade Pública
59 - Escravo	125 - Passeata	191 - Verbete
60 - Escrita de Sinais	126 - Pedagogia	192 - Verbo
61 - Especialização	127 - Pierre Bourdieu	193 - Vestibular
62 - Estágio	128 - Plataforma Virtual	194 - Vocabulário
63 - Estudos Sociais	129 - Platão	195 - Word
64 - Epistemologia	130 – Plural	196 - Youtube

65 - Estrofe	131 - Preposição	197 - Zona Rural
66 - Ética	132 - Pronome	198 - Zona Urbana
<b>SINAIS-TERMO COM POSSÍVEL VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA</b>		
1 - Antropologia	28 - Educação Profissional	55 - Psicologia da Aprendizagem
2 - Aula Remota	29 - Ego	56 - Psicologia Educacional
3 - Autonomia	30 - Empoderamento	57 - Psicologia Escolar
4 - Banca	31 - Escola Estadual	58 - Pós-Doutorado
5 - Banca Avaliadora	32 - Escola Federal	59 - Pen-Drive
6 - Behaviorismo	33 - Escola Privada	60 - Psicopedagogia
7 - Biblioteca	34 - Escola Infantil	61 - Publicar
8 - Biografia	35 - Escola Pública	62 - Respeito
9 - Burocracia	36 - Exclusão	63 - Recurso
10 - Calendário	37 - Feminismo	64 - Reforço Escolar
11 - Calendário Acadêmico	38 - Fonoaudiologia	65 - Segundo Semestre
12 - Capes	39 - Gestão	66 - Semântica
13 - Carga Horária	40 - Graduação	67 - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - Senac
14 - Cego	41 - Id	68 - Significante
15 - Censura	42 - Ideologia	69 - Signo
16 - CNPq	43 - Igualdade	70 - Síndrome
17 - Cidadania	44 - Instituição	71 - Sinônimo
18 - Colação de Grau	45 - Letramento	72 - Socialismo
19 - Comunismo	46 - Língua Materna	73 - Surdo
20 - Curso de Extensão	47 - Merenda/Lanche	74 - Sociologia
21 - Desenho	48 - Mito	75 - Superego
22 - Desigualdade	49 - Oficce	76 - Theodor Adorno
23 - Desrespeito	50 - Oficina/Laboratório de Atividades	77 - Trimestre
24 - Diário Oficial da União (D.O.U.)	51 - Página	78 - Universidade Privada
25 - Edital	52 - Paulo Freire	79 - WhatsApp
26 - Educação Especial	53 - Portaria	-
27 - Educação de Jovens e Adultos	54 - Pragmática	-

Fonte: Pesquisa

A escolha desses sinais-termo se deu devido à afinidade de seu conceito e denominação com a área da educação no curso de Pedagogia. São sinais-termo que podem perpassar diversas áreas, o que se torna uma característica do curso em questão, pois é um curso abrangente, que envolve áreas como: artes, tecnologia, letras e linguística, cinema, onomástica, ciências humanas e naturais, entre outras.

### **3.2.2 O uso do questionário, com os colaboradores**

O questionário é um instrumento fundamental na pesquisa para o levantamento dos sinais junto aos colaboradores. O termo questionário é definido por Gil (2011, p. 121),

(...) como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamentos presente ou passado e etc. (Gil, 2011, p. 121).

Nessa perspectiva, o questionário pode ser o questionário aberto ou fechado. Para esta pesquisa o questionário utilizado foi o questionário fechado para facilitar a construção dos dados. Entre as vantagens na utilização de questionários, Gil (2011, p. 122) aponta as seguintes:

- a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio;
- b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores;
- c) garante o anonimato das respostas;
- d) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente;
- e) não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado.

O questionário é uma ferramenta ideal para o levantamento de dados em pesquisas educacionais. Ele auxilia na construção dos dados de maneira eficaz para posterior análise das respostas de pessoas de diferentes localidades, parte que interessa nesta pesquisa, pois os Surdos-colaboradores são oriundos do município de Imperatriz - MA e/ou de cidades adjacentes. Este instrumento também possibilita a imparcialidade do pesquisador nas respostas dos surdos-colaboradores, pois, sabe-se que em pesquisas em que se utiliza a entrevista (estruturada ou semiestruturada) pode ocorrer interferência nas opiniões, comportamentos e crenças dos entrevistados.

O questionário utilizado contém os sinais-termo, concernentes ao contexto educacional. Os sinais-termo-base do questionário foram obtidos nas três obras consultadas. Ele contém todos os sinais com o devido questionamento, que poderão ser indicados como de uso regular,

pelos informantes. Porém, os informantes podem indicar sinal distinto dos apresentados no questionário. A indicação pode ser por meio do envio do *link* ou do vídeo, que se pode encontrar armazenado no *Youtube* ou em outro ambiente virtual.

### 3.2.2.1 A aplicação do questionário

O questionário encontrado no *google forms* é respondido pelos colaboradores. As respostas são catalogadas para análise.

Para o levantamento do perfil dos colaboradores, ele contém questões relacionadas a idade, sexo, nível socioeconômico, formação acadêmica, função laboral e tempo de serviço. É perguntado se o Surdo-colaborador é oriundo de família de pessoas não-surdas ou de pessoas Surdas, se é de zona urbana ou rural, se estudou em escolas de não-surdos ou escola de Surdos, há quanto tempo utiliza a língua de sinais e se em seu cotidiano sente dificuldade em lidar com as variantes de sinais utilizadas por intérpretes, familiares ou amigos usuários de Libras.

**Figura 12:** Parte do questionário, que busca saber perfil dos Surdos-colaboradores (Seção 1 de 2 do questionário)

QUESTIONÁRIO	
Prezado(a) surdo-colaborador(a), é um prazer ter você contribuindo com esta pesquisa. O ideal é que ao responder este questionário você seja o mais sincero(a) possível. Não se preocupe com suas respostas, porque você não será identificado(a).	
zanado.mesquita@uemasul.edu.br (não compartilhado) Alternar conta	
*Obrigatório	
Traçando o perfil do surdo-colaborador(a)	
1 - Qual sua idade? *	4 - Qual sua formação acadêmica? *
Sua resposta	Sua resposta
2 - Qual seu sexo? *	5 - Qual sua função laboral? *
<input type="radio"/> Masculino <input type="radio"/> Feminino	Sua resposta
3 - Qual a sua média salarial mensal? *	6 - Há quanto tempo você trabalha nesta função? *
<input type="radio"/> 1 salário mínimo <input type="radio"/> De 2 a 3 salários mínimos <input type="radio"/> 3 a 5 salários mínimos <input type="radio"/> Acima de 5 salários mínimos	Sua resposta
	7 - Seus pais ou responsáveis são surdos? *
	<input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não
	8 - Você é oriundo da zona urbana ou rural? *
	<input type="radio"/> Zona rural <input type="radio"/> Zona urbana

9 - No Ensino Fundamental você estudou em escolas de/para surdos? \*

Sim

Não

---

10 - No Ensino Médio você estudou em escolas de/para surdos? \*

Sim

Não

---

11 - Você aprendeu Libras com quantos anos? \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

---

12 - Há quanto tempo você utiliza língua de sinais? \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

---

13 - Em seu cotidiano você sente dificuldade em lidar com as variantes de sinais \*  
utilizadas por intérpretes, familiares ou amigos usuários de Libras?

Sim

Não

Próxima Limpar formulário

Fonte: Pesquisa<sup>20</sup>

Para o levantamento das variantes-padrão dos sinais-termo utilizados pelos colaboradores, com base nos sinais-termo obtidos nas três obras consultadas, está sendo usado o questionário respondido por eles. Os sinais-termo identificados como de uso regular pelos Surdos-colaboradores e os distintos indicados por eles, são registrados nas fichas terminológicas.

### 3.3 Organização das fichas terminológicas

Após as respostas dos Surdos-colaboradores ao questionário a variante-padrão e a(s) não-padrão, se passa a construção das fichas terminológicas, pois este é o mapeamento final que contribuiu para a construção da Produção Técnico-Tecnológica - PTT. Nas fichas terminológicas serão descritos os sinais-termo, os conceitos/designações, usos e imagens das variedades encontradas (Apêndice C).

<sup>20</sup> Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSePW562GwPE8PmiI43nUuEOLvpDu1H273raP1W11eB-uO38w/viewform>.

A ficha terminológica é um elemento de grande importância na organização de repertórios de terminologias e um dos itens fundamentais para a geração de um dicionário. Pode ser definida como um registro completo e organizado de informações referentes a um dado termo. Nela, consta informações indispensáveis, tais como a fonte textual de coleta de um termo, segmento de textos onde esse termo ocorre, seus contextos de uso, informações sobre variantes denominativas, sinônimos, construções recorrentes que o acompanham. A ficha também reúne informações operacionais ao trabalho, tais como nome responsável pela coleta, dados do registro e revisão e etc. (Krieger; Finatto, 2004, p. 136).

Observa-se que a ficha terminologia é uma “certidão de nascimento do termo” ou pelo menos o seu registro. Nela, terão as principais informações pertinentes a sua existência, e preenchê-la faz parte de uma das etapas cruciais em um trabalho que pretende ser terminológico para dar seriedade ao método socioterminológico.

Abaixo, segue o exemplo de ficha terminológica proposto por Faulstich (1990) e adaptado por Prometi (2013), a ser utilizada nesta pesquisa.

**Quadro 02:** Modelo de ficha terminológica Libras-Português

LIBRAS - PORTUGUÊS	
ent.	foto
var.	em foto, se tiver
cat.	sempre marcado
gêñ.	depende se inanimado não marcará gênero, se for animado haverá marcação de gênero
def.	em glosa
cont.	em glosa
imagem	figura ou desenho
Fonte imagem	fonte onde tirou a figura ou desenho

Fonte: Prometi (2013, p. 53)

Para compreender a ficha terminológica da Libras-Português é necessário ressaltar que a sua principal diferença para a ficha terminológica do Português-Libras é a entrada do termo que, na ficha Libras-Português será por meio de imagem, podendo ser também por vídeos. Assim, segue a compreensão da ficha terminológica:

Ent. = Entrada do sinal em Libras;

Var. = Variação do Sinal (sendo de preferência por imagem);

Cat. = Categoria nas classes gramaticais;

Gên.= Gênero do sinal;  
 Def. = Definição do sinal;  
 Cont. = Contexto de uso do sinal;  
 Img. = Imagem do sinal;  
 Fonte da Imagem.

A ficha terminológica de Prometi (2013) foi o modelo de ficha utilizada nesta pesquisa. Para tanto, vale destacar que ela foi utilizada após as respostas dos Surdos-colaboradores ao questionário. No questionário, os Surdos-colaboradores puderam escolher o sinal-termo de uso recorrente em sua sinalização, a partir da área de concentração educacional, como mostra a figura 13, a seguir.

Outro detalhe que justifica a utilização da ficha terminológica de Prometi (2013), na direção Libras - Português, é que os sinais-termo foram coletados diretamente da Libras. Portanto, partiu-se dessa perspectiva - a Libras como língua base do levantamento dos dados - as análises dos sinais-termo e a identificação de sua variante-padrão e variantes.

**Figura 13:** Modelo de questionário a ser desenvolvido com os Surdos-colaboradores

**Sinais-termos e comunicação**

As perguntas a seguir são referentes aos sinais-termos encontrados nesta pesquisa.  
 Marque apenas uma opção como resposta para cada sinal-termo.

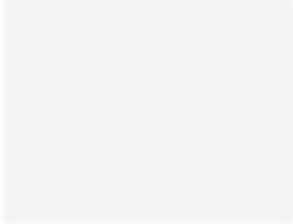
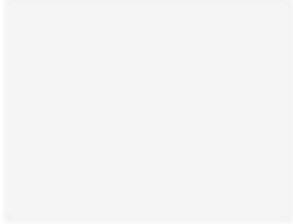
1 - Sinal-termo: ABSTRATO \*

(I) Variação

(II) Variação

(III) Variação

(IV) Variação

	
<input type="radio"/> (v)Variação	<input type="radio"/> (vi)Variação
	
<input type="radio"/> ( ) Não conheço nenhum dos sinais- termos para o termo apresentado	<input type="radio"/> ( ) Conheço e utilizo outro sinal- termo para o termo apresentado e gostaria de informar ao pesquisador

Fonte: Pesquisa<sup>21</sup>

Vale destacar que os Surdos-colaboradores não tiveram de assinar Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, porque não houve necessidade de identificação de nenhum deles. Este estudo não requer contato presencial com o pesquisador, pois as informações são obtidas anonimamente.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/1D4bSP OkIF4bigHg6OjwCfQvxIRbB-fe1YXqpN1UEbTU/edit>. Acesso em: 22/02/2023.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise e discussões dos dados desta pesquisa é necessário compreender a base paramétrica que constitui os sinais-termo que serão analisados. A Libras é uma língua de modalidade visual-espacial e essa característica trará implicações na constituição querológica dos sinais. Entende-se por querologia a área da linguística que estuda a constituição basilar da formação dos sinais sendo que o estudo da base paramétrica é imprescindível para agrupar os sinais em áreas específicas na variação terminológica.

Desse modo, é importante destacar que a base paramétrica dos sinais e dos sinais-termo da Libras se embasa nos cinco parâmetros desta língua sendo eles: a Configuração de Mão (CM), o Ponto de Articulação (PA), a Orientação e a Direcionalidade (O/D), o Movimento (M) e as Expressões Não Manuais e/ou Faciais (ENMF). Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 51), os parâmetros da Libras citados (também conhecido como pares mínimos), são divididos em primários e secundários.

Para as autoras, os parâmetros primários são a CM, PA e M e os secundários são, a O/D e ENMF. Os parâmetros Configuração de Mão, Ponto de Articulação e Movimento foram propostos por Stokoe (1960) considerando que a Configuração de Mão (CM) é a forma que a mão assume durante a realização de um sinal; o Ponto de Articulação ou Locação da Mão (L) é o local onde o sinal é feito, podendo ser no corpo (cabeça, mão/braço, tronco) ou próximo a ele, ou no chamado espaço neutro, área localizada à frente do corpo; o Movimento (M) ocorre caso o sinal tenha movimento ou não, servindo como traço distintivo entre itens lexicais (nomes e verbos) e relacionando-se à direcionalidade do verbo.

Inicialmente, Stokoe (1960) não considerou a Orientação e Direcionalidade da palma da mão e as Expressões Não Manuais e Faciais (Quadros; Karnopp, 2004). No entanto, Battison (1974), e posteriormente, outros pesquisadores, convencionaram esses dois componentes como base paramétrica da constituição da Língua de Sinais. Vale destacar que Stokoe (1960) e Battison (1974) pesquisavam a Língua Americana de Sinais (a *American Sign Language - ASL*), e que os estudos para validar esta língua de sinais como língua de status equiparado ao inglês, nos Estados Unidos da América, proporcionaram a abertura para a validação de diversas Línguas de Sinais ao redor do mundo, entre elas, a Libras.

Para Battison (1974), a Orientação e Direcionalidade da palma da mão (O/D), ocorre quando a palma da mão, no momento da realização do sinal, percorre uma determinada direção. Segundo Brito (1995), existe seis tipos de Orientação e Direcionalidade da Mão: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita e para a esquerda. Ainda, segundo a autora,

as Expressões Não Manuais e Faciais (ENMF) são os movimentos da face dos olhos, do tronco ou da cabeça e marcam a construção sintática além de diferenciar itens lexicais.

A análise desta pesquisa se deu com o foco na base paramétrica a partir da revisão da compreensão dos parâmetros da Libras. Foram analisadas as respostas dos Surdos-colaboradores ao questionário e os sinais serão categorizados a partir do uso da condição paramétrica em cada parâmetro formador dos sinais-termo identificado como variante, apresentando, também, o sinal-termo, da Pedagogia, mais utilizado pelos Surdos, como a variante-padrão.

Para registro desses sinais-termo foi necessário seguir os princípios da educação lexicográfica para trabalhos lexicográficos e terminográficos em Língua de Sinais. Dessa forma, Castro-Júnior *et al.* (2022) puderam que:

Já existem registros de propostas de sistematização do léxico de sinais, mas reconhecemos que é preciso saber mais nesse campo, para que a compreensão dos vários processos linguísticos da língua de sinais possibilite registro dos sinais-termo que apresentem variantes e que promova mudança linguística na Libras (Castro-Júnior, *et al.*, 2022, p. 25).

A educação lexicográfica em trabalhos lexicográficos e/ou terminográficos tem relação com a perspectiva surda na forma do registro do sinal. É importante ressaltar que a educação lexicográfica tem relação direta com o letramento lexicográfico que os sujeitos surdos podem ter principalmente na graduação, pois se os surdos tiverem contato com produtos terminográficos (sobretudo os que reúnem vocábulos de uma área) desde os primeiros dias de aula, eles conseguirão consolidar os conceitos e designações e, portanto, fortalecer seu aprendizado e letramento acadêmico. Ou seja, no Ensino Superior os sinais-termo também fazem parte da continuação do letramento do acadêmico Surdo, não se restringindo apenas ao sinal-termo “preso” sem significado, mas predicar-se-á seu conceito e designações a partir do seu contato com as terminologias.

Os Surdos-colaboradores desta pesquisa pode ser categorizados a partir do seguinte quadro:

**Quadro 03:** Traçando o perfil do Surdo-colaborador

<b>Perguntas</b>	<b>Surdo-colaborado I</b>	<b>Surdo-colaborador II</b>	<b>Surdo-colaborador III</b>	<b>Surdo-colaborador IV</b>
------------------	---------------------------	-----------------------------	------------------------------	-----------------------------

<b>Qual sua idade?</b>	27	33	33	Não informou
<b>Qual seu gênero?</b>	Feminino	Masculino	Feminino	Não informou
<b>Qual sua média salarial mensal?</b>	De 2 a 3 salários mínimos	1 salário mínimo	1 salário mínimo	Não informou
<b>Qual sua formação acadêmica?</b>	Pedagogia	Pedagogia e Pós-graduação em Docência em Libras	Pedagogia	Não informou
<b>Qual sua função laboral?</b>	Professora de Libras	Instrutor de Libras	Instrutora de Libras	Não informou
<b>Há quanto tempo você trabalha nesta função?</b>	1 ano	5 anos	10 anos	Não informou
<b>Seus pais ou responsáveis são surdos?</b>	Não	Não	Não	Não informou
<b>Você é oriundo da zona urbana ou rural?</b>	Zona Urbana	Zona Rural	Zona Urbana	Não informou
<b>No Ensino Fundamental você estudou em escolas de/para Surdos?</b>	Sim	Não	Sim	Não informou
<b>No Ensino Médio você estudou em</b>	Sim	Não	Não	Não informou

<b>escolas de/para Surdos?</b>				
<b>Você aprendeu Libras com quantos anos?</b>	4 anos	12 anos	9 anos	Não informou
<b>Há quanto tempo você utiliza a Língua Brasileira de Sinais?</b>	Há 23 anos	Há 21 anos	Há 24 anos	Não informou
<b>Em seu cotidiano você sente dificuldade em lidar com as variantes de sinais utilizadas por intérpretes, familiares ou amigos usuários de Libras?</b>	Sim	Não	Não	Não informou

Fonte: Pesquisa

Constata-se que o Surdo-colaborador IV não respondeu nenhuma das perguntas referente ao perfil dos informantes. Isso pode ter ocorrido devido ao fato de que o questionário ser extenso e dividido em quatro partes, sendo que a primeira parte é dividida em duas seções (i) Traçando o perfil do Surdo-colaborador e o Questionário das letras A ao E; (ii) Questionário das letras F ao O; (iii) Questionário das letras P a Z e (iv) Questionário com sinais-termo com possíveis variações. Talvez, o Surdo-colaborador (iv) começou por uma das partes que achou mais viável para ser respondida não dando relevância a esta primeira parte inerente às informações pessoais.

Vale ressaltar que o questionário foi enviado aos Surdos identificados como graduados ou graduandos da Região Tocantina. Esse dado foi levantado junta as Comunidades Surdas local de Imperatriz e Açailândia-MA, constatando-se que apenas nessas duas cidades haviam Surdos com esta formação e que os Surdos saiam dessas cidades para outras cidades com o objetivo de trabalharem, uma vez que havia uma supersaturação da área do ensino de Libras entre os surdos.

Destaca-se que, em Imperatriz - MA, sete Surdos são formados em Pedagogia e desses, conseguiu-se contatar apenas seis. Dessa última quantidade apenas três Surdos responderam o questionário. De Açailândia - MA seis surdos são formados ou graduandos em Pedagogia e desses conseguiu-se o contato com quatro surdos, sendo que apenas um surdo respondeu. Esperava-se que cerca de doze Surdos respondessem este questionário. A partir do levantamento e análise das respostas dos quatro Surdos-colaboradores foi possível chegar a variação terminológica conforme descrita assim com a divisão de sua condição paramétrica.

#### **4.1 Sinais-termo com variável da condição de uso paramétrico da Configuração de Mão**

É notável na Libras que a motivação em grande parte é morfológica e está relacionada aos processos de formação e, por isso, assimila-se uma base paramétrica ou núcleo morfoquirológico que funciona similar ao radical em LOs e os seus respectivos componentes que variam e formam significados distintos. Contudo, Castro-Júnior (2014) avança nessa discussão ao apresentar as condições paramétricas ou traços linguísticos que são associadas a uma base paramétrica da condição de uso paramétrico.

Sobre isso, esclarece:

As condições paramétricas e sua ordem de sinalização refletem na base paramétrica escolhida, seguido de um processamento cognitivo e mental da informação que refletem no termo escolhido. Tem-se assim, por fim, os meios de representação do que é aquilo na Libras, por meio de diferentes processos linguísticos complementando o conhecimento e contribuindo para a língua, por meio da expansão lexical. No âmbito de estudo de léxico e terminologia, a compreensão das condições paramétricas traz no seu cerne a complexidade de sua análise, por isso é importante o estudo de sua ocorrência em cada parâmetro da Libras. A sinalização de um sinal-termo compõe uma cadeia paramétrica que se estende por todo o processo e define as condições paramétricas que depende das relações paramétricas existentes entre os componentes. Cada componente possui suas próprias características e atributos, que podem ser, de um modo geral, a forma, relações linguísticas, variações, restrições linguísticas, dentre outros, ou seja, devem se conhecer as condições que existem por trás da forma, para que na constituição dessa cadeia paramétrica não ocorram interpretações equivocadas, que certamente não possibilitarão a compreensão de todo o conjunto e não permitirão uma sistematização e registro do sinal-termo (Castro-Júnior, 2014, p. 87).

A Configuração de Mão é uma das bases paramétricas principais na Libras, pois, a partir dela, se tem a criação e utilização dos sinais. Dessa forma, o trabalho de Xavier e Barbosa (2014) constatou que a CM, podem variar entre nativa e de inicialização. Para os autores, a CM nativa são aquelas feitas sem a influência da Língua Portuguesa - LP e a CM de inicialização tem relação com o empréstimo linguístico da LP na realização dos sinais. Em seu trabalho ainda foi constatado que os surdos têm resistência no uso e difusão de sinais inicializados e que apresentam maior aceitação em sinais que sejam criados a partir de aspectos gramaticais da Libras.

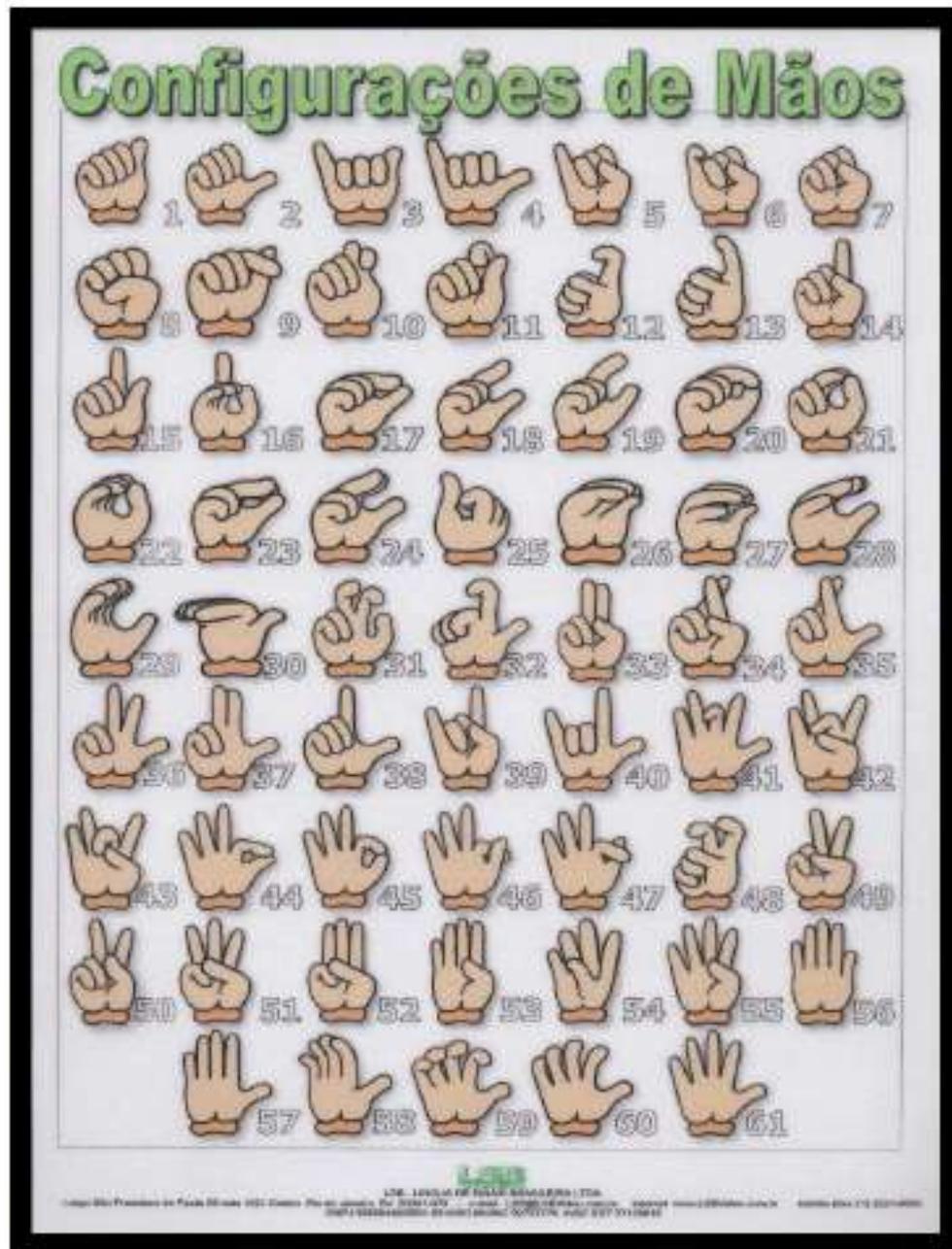
Ainda, Xavier e Barbosa (2014), perceberam que a os Surdos tem maior prevalência no uso de sinais com CM que utilize apenas uma das mãos e que o uso do polegar em sinais que seu uso pode ser opcional traz uma dependência lexical, como nos sinais de NORMAL, BRINCAR e CHOCOLATE. Quanto à utilização do dedo mínimo, por exemplo, os autores identificaram que acontece variação em sinais que demonstram a sua intensificação, como no sinal de SACRIFÍCIO. Eles pontuam, também, que os sinais podem ser *simétricos* e *assimétricos*, que são sinais produzido com a mesma CM nas duas mãos (mão de apoio e mão dominante) e sinais com CM diferentes para a mão de apoio e para a mão dominante, respectivamente.

Segundo Costa (2012), é imprescindível que a criação de um sinal-termo seja ordenada a partir da CM em Língua de Sinais. Para ele, será este elemento que corroborará para que o sinal seja aceito e difundido nas comunidades surdas, pois respeitará os aspectos linguístico, a cultura e identidade Surda.

Os parâmetros Formacionais ou Primários dizem respeito aos elementos que remetem diretamente ao uso das mãos, ficando restrito a essa parte do corpo. O primeiro deles aponta para a Configuração de Mãos, aqui tratada como sendo o formato que as mãos assumem numa gama de possibilidades, que não envolve o uso das formas específica adotadas para letras e números. Essas formas específicas compõe o segundo e o terceiro grupo, sendo o Alfabeto manual ou Datilologia e os Números, respectivamente (Costa, M.R., 2020, p. 58).

Observa-se que, para o autor, as CMs não se limitam apenas às letras do alfabeto manual em Libras e aos números em Libras, pois pode haver constituições de formação dos sinais a partir de sinais nativos da Libras que tenham relação direta, por exemplo com aspectos icônicos e/ou convencionais do grupo de seus falantes.

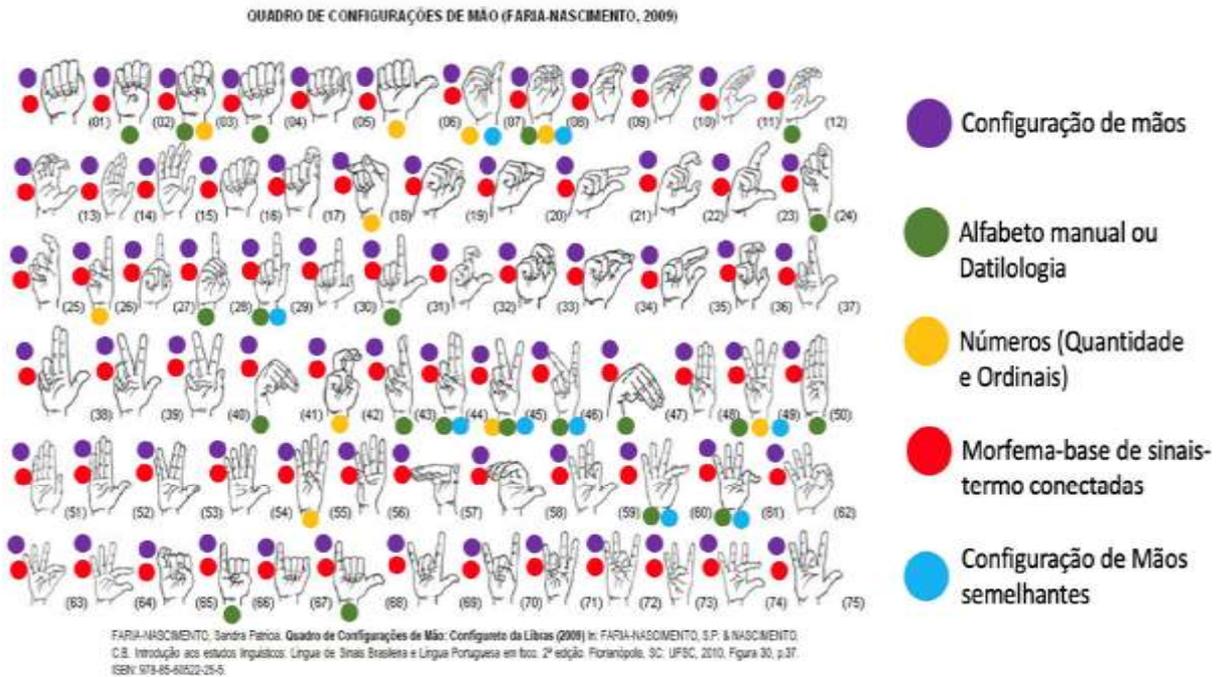
**Figura 14:** Organização das CMs - Pimenta (material didático da LSB – Vídeo, s.d.)



**Fonte:** Pimenta (LSB, s.d.)

Segundo Costa (2012), cada vez mais se tem a criação de sinais-termo para termos que passaram por longos períodos de inexistência e que este movimento se dá devido à comunidade surda, junto a pesquisadores da área, propor, convencionar e difundir estes sinais-termo. Por esta razão algumas CMs que antes não existiam passaram a existir.

**Figura 15:** Quadro de Configuração de Mão (Faria-Nascimento, 2009)



Fonte: Costa, M.R. (2020), adaptado de Faria-Nascimento (2009)

Explicando esta categorização das CMs, Costa (2020), ressalta:

Na cor lilás, classifico as CMs propriamente ditas, sem semelhança com nenhum sinal da Libras, como por exemplo CMs do Alfabeto Manual (datilologia) e Números. É a categoria que representa a línguas de sinais de modo geral, onde é possível utilizar uma CM que dê origem a vários outros tipos de sinais, como por exemplo a CM 51. A partir dela podemos realizar o sinal de CASA, ESTUDAR, IGREJA, LIVRO e outros mais. Na cor verde temos as CMs que coincidem com o Alfabeto Manual (datilologia) da LSB. A cor amarela representa o grupo de CMs que fazem parte dos números. Nesta categoria, além de representar sinais numéricos, é possível produzir uma infinidade de outros sinais com a mesma CM e posição de dedos, como, por exemplo, a CM 26. Com essa CM podemos fazer o sinal do numeral 1 (um), bem como os sinais: IDEIA, PONTO entre dezenas de outros sinais. A cor vermelha representa as CMs que podem dar origem a outras CMs e, por fim, o grupo de CMs representadas pela cor azul, que equivale ao grupo de CMs semelhantes, mas que se diferem apenas por um pequeno detalhe de orientação da palma da mão e/ou movimento como por exemplo “ f e t (60 e 61)”, “ g e q (29)”, “ k, h e p (46)” (COSTA, M.R. 2020, p. 62).

É possível notar que, segundo o autor, as CMs podem participar de mais de uma categoria, cabendo ao sinalizante escolher em qual categoria se enquadrará a CM para verificar e atribuir o seu uso, obedecendo as regras propostas. Ainda, segundo o autor, as CMs podem fazer parte de três grandes grupos de sinais.

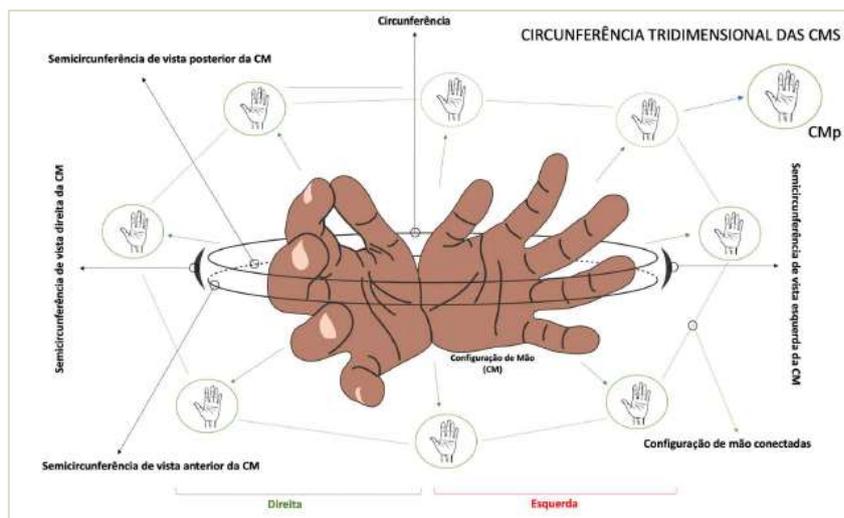
O primeiro grupo é o grupo de sinais das configurações de mãos que podem ser feito com apenas uma mão, como o sinal de DESCULPA. O segundo grupo, são os dos sinais que podem ser feitos com duas configurações de mãos, como o sinal de ESTUDAR, e o terceiro

grupo são os dos sinais que são realizados a partir de informações conectadas, as CMs/Morfema Base que levam à formação de sinais constituídos por morfemas-base conectados, como é o caso do sinal para CACHO-DE-UVA, em que as mãos estão na mesma CM mas conectados com a representação imagética do referente.

Para Costa, F.R. (2018, p. 81), a CM “corresponde às diversas formas que as mãos podem assumir no momento da realização do sinal”. O autor aponta que nos estudos de Quadros e Karnopp (2004 *apud* Costa, F. R., 2018), foram encontradas 46 CM, mas no Núcleo de Aquisição de Língua de Sinais da UFSC já foram encontradas cerca de 134 CMs. Analisando os sinais com a mesma CM, denominado pelo autor como casos de homonímia ou sinais idênticos, o autor identificou que existem sinais que a base paramétrica para a sua consolidação se dará pela diferenciação de elementos lexicais minuciosos, como no caso dos sinais de CONFUSÃO e COMPLICAR e os sinais de ACIMA DO PESO e OBESO. Nesses casos, o que diferenciará será, além do contexto em que serão utilizados, as Expressões Não-Manuais e Faciais.

Para compreender a CM é necessário relacioná-la com os aspectos da visologia tridimensional. Costa, M.R. (2020), traça as características desse fenômeno linguístico a partir da seguinte figura:

**Figura 16:** Visiologia tridimensional da CMs e suas conexões



Fonte: Costa (2020, p. 64)

Para compreender a visologia da CM é necessário imaginar uma circunferência em volta das mãos. A partir disso tem-se as seguintes divisões: semicircunferência de vista posterior, relacionada a porção traseira da CM; a semicircunferência de visão anterior, visualização da

porção dianteira da CM. Além dessas duas, há, também, as semicircunferências de vista do lado direito e a do lado esquerdo.

Para a análise dos dados desta pesquisa foram categorizados no quadro 04 os sinais-termo com variação na Configuração de Mão e suas análises, como segue.

**Quadro 04:** Sinais-termo com variação na Configuração de Mão

<b>Sinal-termo</b>	<b>Link de Acesso</b>
África	<a href="https://youtu.be/wZ0ppz8miU4">https://youtu.be/wZ0ppz8miU4</a>
Alfabetização	<a href="https://youtu.be/6F29qxLsUOk">https://youtu.be/6F29qxLsUOk</a>
Arguição/Argumento	<a href="https://youtu.be/8F9GmJjy23I">https://youtu.be/8F9GmJjy23I</a>
Bibliografia	<a href="https://youtu.be/rkW2ciQI1DQ">https://youtu.be/rkW2ciQI1DQ</a>
Bimestre	<a href="https://youtu.be/rcZ_8kONfsE">https://youtu.be/rcZ_8kONfsE</a>
Boletim Escolar	<a href="https://youtu.be/g1zZyCqom7I">https://youtu.be/g1zZyCqom7I</a>
Braile	<a href="https://youtu.be/cUTCA-MgCPY">https://youtu.be/cUTCA-MgCPY</a>
Cadeirante	<a href="https://youtu.be/Oivht7ZsQoQ">https://youtu.be/Oivht7ZsQoQ</a>
Cadeira de Rodas	<a href="https://youtu.be/5ku-HFdfGSo">https://youtu.be/5ku-HFdfGSo</a>
Capitalismo	<a href="https://youtu.be/z858U0EbZlc">https://youtu.be/z858U0EbZlc</a>
Conjunção	<a href="https://youtu.be/nTnvr2-Lqrw">https://youtu.be/nTnvr2-Lqrw</a>
Educação Infantil	<a href="https://youtu.be/JsyfsTeLRUY">https://youtu.be/JsyfsTeLRUY</a>
Ensino Superior	<a href="https://youtu.be/YkhJcUPef3I">https://youtu.be/YkhJcUPef3I</a>
Exercício	<a href="https://youtu.be/Q7xbEYnhvl0">https://youtu.be/Q7xbEYnhvl0</a>
Faculdade	<a href="https://youtu.be/5mF48Vf-IPs">https://youtu.be/5mF48Vf-IPs</a>
Formatura	<a href="https://youtu.be/TpS2XYm4m7E">https://youtu.be/TpS2XYm4m7E</a>
Google	<a href="https://youtu.be/YYslrnazQ_4">https://youtu.be/YYslrnazQ_4</a>
Greve	<a href="https://youtu.be/R8p3qVq9x5g">https://youtu.be/R8p3qVq9x5g</a>
História	<a href="https://youtu.be/6k-gSJrmXcA">https://youtu.be/6k-gSJrmXcA</a>
Identidade	<a href="https://youtu.be/KAhBrPK8DrQ">https://youtu.be/KAhBrPK8DrQ</a>
Inclusão	<a href="https://youtu.be/DGMULNGQBDA">https://youtu.be/DGMULNGQBDA</a>
Indígena	<a href="https://youtu.be/gzYvgJd17kE">https://youtu.be/gzYvgJd17kE</a>
Internet	<a href="https://youtu.be/jrmxhpg1T0Y">https://youtu.be/jrmxhpg1T0Y</a>
Introdução	<a href="https://youtu.be/PIJL7FmXrsc">https://youtu.be/PIJL7FmXrsc</a>
Lev Vygotsky	<a href="https://youtu.be/yb6uDgR0tc0">https://youtu.be/yb6uDgR0tc0</a>
Língua/Idioma	<a href="https://youtu.be/fxUzKiRn6OE">https://youtu.be/fxUzKiRn6OE</a>
Linguagem	<a href="https://youtu.be/imvgBXkKI-8">https://youtu.be/imvgBXkKI-8</a>
Literatura	<a href="https://youtu.be/siW1vehfuy8">https://youtu.be/siW1vehfuy8</a>

Luta	<a href="https://youtu.be/3OnuFGHq154">https://youtu.be/3OnuFGHq154</a>
Manifestação	<a href="https://youtu.be/m_jTNY6hreo">https://youtu.be/m_jTNY6hreo</a>
Matemática	<a href="https://youtu.be/GkKn9waYjDk">https://youtu.be/GkKn9waYjDk</a>
Matrícula	<a href="https://youtu.be/W6s9hV0xQzw">https://youtu.be/W6s9hV0xQzw</a>
Microsoft Windows	<a href="https://youtu.be/nVN2bMpduP0">https://youtu.be/nVN2bMpduP0</a>
Ministério	<a href="https://youtu.be/-P9HGuN8MSM">https://youtu.be/-P9HGuN8MSM</a>
Ministério da Educação	<a href="https://youtu.be/We0rf2EpOQU">https://youtu.be/We0rf2EpOQU</a>
Município	<a href="https://youtu.be/K4KfZnjZyhE">https://youtu.be/K4KfZnjZyhE</a>
Música	<a href="https://youtu.be/pcfvcv26rpbI">https://youtu.be/pcfvcv26rpbI</a>
Nacional	<a href="https://youtu.be/B_DVgdFMzvw">https://youtu.be/B_DVgdFMzvw</a>
Orientador	<a href="https://youtu.be/wOZf3sjMi_0">https://youtu.be/wOZf3sjMi_0</a>

**Fonte:** Pesquisa

Pode-se constatar que, conforme as respostas dos Surdos-colaboradores da pesquisa, os sinais-termo variaram na CM a partir categoria das CM descrita por Xavier e Barbosa (2014), mas que eles podem variar entre sinais-termo nativos ou com inicialização do nome na língua oral, no caso a Língua Portuguesa.

Observou-se que foram inicializados na CM os seguintes sinais-termo: ÁFRICA variante (i); BIMESTRE - variante (i); BOLETIM ESCOLAR - variante (i); podendo estar inserido na categoria de sinais com CM nativa, também, haja vista ser um sinal composto em que se utiliza os sinais de ESCOLA + Sinal icônico para o formato do papel em que se entrega o boletim + a Letra “B”; FACULDADE - variante (iii); FILOSOFIA - variante (iv); GOOGLE - variante (iv); GREVE - variante (ii); HISTÓRIA - variante (i); IDENTIDADE - variante (ii); INTERNET - variação (i); INTRODUÇÃO - variante (i); LEV VYGOTSKY - variante (i); LÍNGUAGEM - variante (ii), sendo que este é um sinal composto por LÍNGUA + AQUISIÇÃO, podendo também ser um sinal nativo, a partir de seu morfema final; LITERATURA - variante (i); LUTA - variante (i); MATEMÁTICA - variante (i); MICROSOFT WINDOWS - variante (iii); NACIONAL – variante (ii), sendo que o sinal é composto por Letra “N” + TERRITÓRIO, podendo fazer parte também dos sinais nativos pelo seu último sinal que o compõem como um morfema.

Ainda, constatou-se que os seguintes sinais-termo fazem parte da categoria de sinais nativos: ALFABETIZAÇÃO - variante (i); ARGUMENTO - variante (i); BIBLIOGRAFIA - variante (i); BRAILE - variante (i); CADEIRANTE - variante (i); CADEIRA DE RODAS - variante (i); CAPITALISMO - variante (iii); CONJUNÇÃO - variante (iii); EDUCAÇÃO INFANTIL - variante (iv); ENSINO SUPERIOR - variante (iii); EXERCÍCIO - variante (ii);

FORMATURA - variante (i); INCLUSÃO - variante (i); INDÍGENA - variante (ii); LÍNGUA/IDIOMA - variante (i); MANIFESTAÇÃO - variante (i); MATRÍCULA - variante (i); MINISTÉRIO - variante (i); MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - variante (i); MUNICÍPIO - variante (ii); MÚSICA - variante (i); ORIENTADOR - variante (ii).

#### 4.2 Sinais-termo com variável da condição de uso paramétrico do Ponto de Articulação

O Ponto de Articulação PA, por sua vez, é também considerado parâmetro formacional ou primário do sinal e, conseqüentemente, do sinal-termo. Para Xavier e Barbosa (2014), os sinais podem variar a partir da localização de sua lateralidade, seu centro, sua localização intermediária, de localização mais alta e localização mais baixa. Os traços de formalidade e informalidade podem influenciar a variação no PA.

O PA é compreendido como a região onde é realizado o sinal. Segundo Ferreira-Brito e Langevin (1995 *apud* Costa, F.R., 2018, p. 83) o PA pode ser dividido em:

**Cabeça:** topo da cabeça, testa, rosto, parte superior do rosto, parte inferior do rosto, orelha, olhos, nariz, bochecha, queixo.

**Tronco:** pescoço, ombro, busto, estômago, cintura, braços, braço, antebraço, cotovelo, pulso.

**Mão:** palma, costas das mãos, lado do indicador, lado do dedo mínimo, dedos (anelar, médio, indicador, polegar, mínimo), ponta dos dedos, etc.

**Espaço neutro** (espaço livre localizado à frente do corpo).

Costa, M.R. (2020) descreve oito regras para a marcação da visologia corporal, a partir do Ponto de Articulação do sinal. São elas:

**(i) - Locação principal dos sinais - locação anterior:** os sinais são realizados no espaço neutro a partir do plano anterior do corpo, sejam eles no lado esquerdo ou direito. Exemplos de sinais: AVIÃO, (com a mão esquerda ou direita), LEMBRAR, TELEFONE e VIAJAR.

**(ii) - Locação espacial na linha sagital mediana para fusão da CM direita com a CM esquerda:** sinais produzidos no plano medial, no espaço neutro. São realizados de frente ao corpo tendo como referência o nariz. Os sinais não são realizados especificamente do lado direito ou esquerdo, mas une as duas mãos (esquerda e direita). Exemplos de sinais: PRESO, CORAÇÃO, HUMANO, VERDADE e FIEL.

**(iii) - Locação espacial direita ou esquerda para realização autônoma de sinais com a CM direita ou com a CM esquerda:** os sinais são produzidos em qualquer um

dos grupos de CMs (CM, Alfabeto Manual, Números, CM isoladas ou CM agrupadas ou levadas à constituição de morfema-base conectadas). Exemplos de sinais: IMPORTANTE e VER.

- (iv) - **Locação no braço direito ou esquerdo para a realização dos sinais no ponto Proximal, Medial ou Distal:** os sinais deste grupo são aqueles produzidos no braço, antebraço ou na mão direita ou esquerda. Exemplo de sinais: PASTA, FORTE e ESTUDAR.
- (v) - **Locação no corpo direito ou esquerdo para realização dos sinais no ponto de movimento:** sinais que exigem movimento corporal do tronco humano do emissor.
- (vi) - **Locação circular horizontal - para a esquerda e para a direita:** os sinais são realizados no plano horizontal, na direita ou esquerda, em um espaço neutro, permitindo-se movimentar-se para a direita ou para a esquerda.
- (vii) - **Locação circular vertical - para cima e para baixo:** os sinais são realizados no espaço neutro, no plano horizontal, mas, deve-se fazer suas devidas marcações. Sinais bastante utilizados neste grupo de locações são as marcações dêiticas (sinais utilizados para realizar apontamentos ou pronomes): EL@, AQUEL@, ESS@, ALI etc.
- (viii) - **Locação facial anterior:** sinais com expressões faciais e produzidas em alguma parte da face.

Na perspectiva de Liddell e Johnson (2000 apud Xavier, 2006), os sinais podem ser reproduzidos a partir de “articuladores passivos” em três regiões diferentes, sendo elas:

- a) Sobre o corpo.
- b) Sobre alguma região da mão passiva.
- c) No espaço de sinalização, ou seja, na região em frente a cabeça e ao torso do sinalizador.

Em seus estudos da *America Sign Language - ASL*, de Liddell e Johnson (2000), constatou que c) incluem-se, no mínimo, 20 áreas fonologicamente distintas, listadas no quadro a seguir:

**Quadro 05:** Possíveis localização sobre o corpo na ASL

<b>Localizações sobre o corpo possíveis na ASL</b>	
<b>BH</b> ( <i>back of head</i> ): região posterior da cabeça	<b>CN</b> ( <i>chin</i> ): queixo
<b>TH</b> ( <i>top of head</i> ): topo da cabeça	<b>NK</b> ( <i>neck</i> ): pescoço
<b>FH</b> ( <i>forehead</i> ): testa	<b>SH</b> ( <i>shoulder</i> ): ombro
<b>SF</b> ( <i>side of forehead</i> ): lado da testa	<b>ST</b> ( <i>sternum</i> ): esterno
<b>NS</b> ( <i>nose</i> ): nariz	<b>CH</b> ( <i>chest</i> ): peito
<b>CK</b> ( <i>cheek</i> ): bochecha	<b>TR</b> ( <i>trunk</i> ): tronco
<b>ER</b> ( <i>ear</i> ): orelha	<b>UA</b> ( <i>upper arm</i> ): parte superior do braço
<b>MO</b> ( <i>mouth</i> ): boca	<b>FA</b> ( <i>forearm</i> ): antebraço
<b>LP</b> ( <i>lip</i> ): lábio	<b>AB</b> ( <i>abdomen</i> ): abdômen
<b>JW</b> ( <i>jaw</i> ): mandíbula	<b>LG</b> ( <i>leg</i> ): perna

**Fonte:** Liddell e Jhonson (2000 *apud* Xavier, 2006, p. 65)

Dessa forma, os sinais podem ser descritos, fonologicamente ou querologicamente, a partir de traços do ponto de contato, pois, segundo Liddell e Johnson (2000), os sinais devem ser diferenciados a partir dos seus pontos de contato: regiões de realização do sinal localizadas ao lado da região principal ou em regiões superior e inferior. Além dessas, deve-se diferenciar também quando o sinal é realizado na mão passiva, ou seja, descrever em qual região da mão está sendo feito o sinal (na mão, nos dedos, no polegar e outros) e especificações na localização principal (dentro, no dorso, na extremidade radial e outros).

Xavier (2006) tece considerações sobre a questão de quando o sinal é descrito no espaço. Segundo ele, o sinal pode expressar traços relacionados: (i) a que distância perpendicular a mão está localizada em relação ao corpo; (ii) o grau de afastamento da mão em relação a linha medial do corpo; (iii) em que altura a mão se situa em relação às localizações principais que se encontram ao longo da região central do corpo.

Liddell e Johnson (2000), descrevem estes traços a partir da seguinte representação: Proximidade - Descolamento Ipsilateral - Localização Central. No traço *proximidade*, Liddell e Johnson (2000) trazem algumas subcategorias, sendo elas: (i) proximal [p] - indica uma localização a poucos centímetros de uma região sobre o corpo; (ii) medial [m] – indica uma localização em frente ao corpo cuja distância é aproximadamente equivalente a de um cotovelo horizontalmente posicionado; (iii) distal [d] - indica uma localização à frente do corpo cuja

distância a de um braço semi-estendido e horizontalmente posicionado; (iv) estendido [e] – indica uma localização em frente ao corpo cuja distância é equivalente a de um braço totalmente estendido e horizontalmente posicionado.

Os autores apontam dois traços para o deslocamento ipsilateral ao descrever que existem dois graus de afastamento da linha medial que intersecciona com o corpo, sendo eles: paralelo ao peito, notado pelos autores como [1] e paralelo à extremidade do ombro, notado, pelos autores, como [2]. Já a *localização central* ocorre quando existem pontos de articulação sobre o corpo como descrito no quadro 04 (Possíveis localização sobre o corpo na ASL).

A partir dessas considerações pode-se sistematizar as variações dos sinais-termo conforme as respostas dos Surdos-colaboradores.

**Quadro 06:** Sinais-termo com variação no Ponto de Articulação

Sinal-termo	Link de Acesso
História	<a href="https://youtu.be/6k-gSJrmXcA">https://youtu.be/6k-gSJrmXcA</a>
Linguagem	<a href="https://youtu.be/imvgBXkKI-8">https://youtu.be/imvgBXkKI-8</a>
Linguística	<a href="https://youtu.be/uMpl2nlwg80">https://youtu.be/uMpl2nlwg80</a>
Magistério	<a href="https://youtu.be/iOHutpAckDU">https://youtu.be/iOHutpAckDU</a>

Fonte: Pesquisa

Tendo como base a categoria descrita por Liddell e Johnson (2000), pode-se encontrar variação no PA de sinais realizados sobre o corpo: LINGUAGEM - variante (ii); LINGUÍSTICA - variante (i); sinais-termo realizados sobre alguma região da mão passiva: MAGISTÉRIO - variante (ii); e sinais-termo realizados no espaço de sinalização, ou seja, na região em frente a cabeça e ao torso do sinalizador: HISTÓRIA - variante (i).

### 4.3 Sinais-termo com variável da condição de uso paramétrico do Movimento

O parâmetro Movimento (M) possibilita a compreensão do sinal a partir de suas especificidades. Segundo Castro-Júnior (2014), o movimento pode ser analisado levando em consideração o tipo, a direção, a maneira e a frequência do sinal. O autor descreve que, o *tipo*, refere-se a variações do movimento das mãos, pulsos e antebraços; ao *movimento* interno dos pulsos ou das mãos e aos movimentos dos dedos. Referente à *direção*, segundo Castro-Júnior (2014), os sinais podem ser unidirecionais, bidirecionais ou multidirecionais. Na categoria *maneira* do sinal está localizada a qualidade, a tensão e a velocidade, tendo a possibilidade de

haver sinais mais rápidos, mais tensos, mais frouxos, enquanto a *frequência* indica se os movimentos são simples ou repetidos.

Assim, é possível concluir que existem um conjunto de sinais-termo que englobam a propriedade paramétrica da condição de uso paramétrico do movimento na criação e na identificação de seus referentes por meio deste mecanismo que ativam as unidades lexicais e as unidades terminológicas na constituição do termo em Libras (Castro-Júnior, 2014, p. 230).

Percebe-se que o movimento possibilita a identificação de aspectos linguísticos que diferenciam os sinais. Na pesquisa de Castro-Júnior (2014), foi identificada a diferença entre o movimento de EMIGRAÇÃO (Inicialização da letra “E” + sinal de MULTIDÃO) e IMIGRAÇÃO (Inicialização da letra “I” + sinal de MULTIDÃO). O autor explica que a identificação de seus referentes ativa as unidades lexicais e as unidades terminológicas, diferenciando-as.

Xavier e Barbosa (2014) apontam que, aparentemente, os surdos dão preferência a sinais que possuem movimento. Em sua pesquisa, os autores ainda apontam que existem movimentos criados por pessoas ouvintes que não ganham aceitabilidade entre os surdos, como é o caso do sinal do número “8” e da letra “S”, que possuem a mesma configuração de mão, mas que se diferenciam por estar com a mão balançando e com a mão parada, respectivamente. Essa situação entra na relação de variante estigmatizada pelos surdos, sobretudo, os surdos mais militantes.

Segundo Costa. M.R. (2020), o parâmetro *movimento* é complexo e pode envolver uma vasta gama de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso, os movimentos direcionais no espaço bem como um conjunto de movimentos no mesmo sinal. Os movimentos podem acontecer no espaço ou sobre o corpo e podem ganhar linhas retas, curvas, movimento sinuoso, circulares, semicirculares e ser realizado em várias direções e posições.

Faria-Nascimento (2009) propõe um ordenamento para o parâmetro Movimento, como segue:

**Figura 17:** Proposta de ordenação para o parâmetro movimento

ORDEM PARA O PARÂMETRO: MOVIMENTO	
<b>DIREÇÃO</b>	
	para frente > para trás
	para baixo > para cima
	para direita > para esquerda
	para diagonal (direita) > para diagonal (esquerda)
	do centro > para fora
<b>MODO</b>	
	- simultâneo > alternado
<b>FREQUÊNCIA</b>	
	- pontual > repetido
<b>TIPO</b>	
	- descritivo: de nó ou de laço; de figuras geométricas; de símbolos: cruz etc.
	- trajetória: linear > trêmulo > balançado (horizontalmente (negativamente), verticalmente (afirmativamente) > oscilado > ondulado > curvo > arqueado > circular > giratório > espiralado > ziguezagueado
<b>INTENSIDADE</b>	
	lento / fraco > rápido / forte
	do menos-movimento > mais-movimento;
	do movimento mais simples > movimento mais complexo;
	do movimento mais curto > movimento mais longo;
	Mov. inicial > Mov. final
	dos dedos, do punho, do braço e antebraço

**Fonte:** Faria-Nascimento (2009, p. 203)

Segundo a autora, o M possui diversas características: *direção*; *modo*; *frequência*; *tipo* e *intensidade*. Ela, ainda, pontua que nem todos os aspectos que constituem este parâmetro são, necessariamente, visíveis. A autora, apresenta, também, que a *direção* parece ser a parte mais visível do M e que o movimento inicial será sempre o primeiro a ser considerado e incluído no repertório lexicográfico, como *default*, seguindo a sequência do interlocutor para o espaço. “Para pares mínimos cuja única diferença entre eles seja a direção do movimento no espaço neutro, tomam como ponto de partida a UL registrada com a mão direita como *default*” (Faria-Nascimento, 2009, p. 202).

A partir dessas considerações e das respostas dos Surdos-colaboradores, pode-se categorizar e identificar variação no movimento dos seguintes sinais-termo:

**Quadro 07:** Sinais-termo com variação no Movimento

<b>Sinais-termo</b>	<b>Link de Acesso</b>
Aula Virtual	<a href="https://youtu.be/XqpCD6mxgcs">https://youtu.be/XqpCD6mxgcs</a>
Coessão	<a href="https://youtu.be/gq1KKLA18zk">https://youtu.be/gq1KKLA18zk</a>
Filosofia	<a href="https://youtu.be/vKw-njappY">https://youtu.be/vKw-njappY</a>
Formatura	<a href="https://youtu.be/TpS2XYm4m7E">https://youtu.be/TpS2XYm4m7E</a>
História	<a href="https://youtu.be/6k-gSJrmXcA">https://youtu.be/6k-gSJrmXcA</a>
Inscrição	<a href="https://youtu.be/DL7rFPY6DXI">https://youtu.be/DL7rFPY6DXI</a>
Jean Piaget	<a href="https://youtu.be/ryujnwCcBEY">https://youtu.be/ryujnwCcBEY</a>
Lev Vygotsky	<a href="https://youtu.be/yb6uDgR0tc0">https://youtu.be/yb6uDgR0tc0</a>
Língua/Idioma	<a href="https://youtu.be/fxUzKiRn6OE">https://youtu.be/fxUzKiRn6OE</a>
Literatura	<a href="https://youtu.be/siW1vehfuy8">https://youtu.be/siW1vehfuy8</a>
Livro	<a href="https://youtu.be/8gwU33IUwLw">https://youtu.be/8gwU33IUwLw</a>
Magistério	<a href="https://youtu.be/iOHutpAckDU">https://youtu.be/iOHutpAckDU</a>
Matemática	<a href="https://youtu.be/GkKn9waYjDk">https://youtu.be/GkKn9waYjDk</a>
Microsoft Windows	<a href="https://youtu.be/nVN2bMpdUP0">https://youtu.be/nVN2bMpdUP0</a>
Ministro	<a href="https://youtu.be/tWtlfbeaS04">https://youtu.be/tWtlfbeaS04</a>

**Fonte:** Pesquisa

Seguindo a proposta de Faria-Nascimento (2009), os sinais-termo selecionados pelos Surdos-colaboradores podem ser categorizados fazendo parte de variação referentes à direção: INSCRIÇÃO - variante (ii); LEV VYGOTSKY - variante (i); LIVRO - variante (i); ao tipo: AULA VIRTUAL - variante (ii); COESÃO - variante (i); FILOSOFIA - variante (iv); FORMATURA - variante (i); HISTÓRIA - variante (i); LITERATURA - variante (i); MAGISTÉRIO - variante (ii); MINISTRO - variante (iv); à frequência: JEAN PIAGET - variante (i); LÍNGUA/IDIOMA - variante (i); MATEMÁTICA - variante (i); à intensidade: MICROSOFT WINDOWS - variante (iii). Vale ressaltar que não foram encontrados sinais-termo com variação no modo (simultâneo>alternado).

#### 4.4 Sinais-termo com variável da condição de uso paramétrico da Orientação/ Direcionalidade

A orientação da palma da mão é um dos parâmetros diferenciadores, a partir de seu par mínimo. Na proposta de Faria-Nascimento (2009), a organização da orientação das palmas das mãos (OPs) está dividida em: Orientação da Palma (OP), Orientação da Mão (OM) e Relação entre mãos (RM).

A OP pode ser direcionada para a direita ou para a esquerda e dividida em: para baixo, para cima, para frente, para trás (ou dentro), para a esquerda e para a direita. Na OM, que também pode ser para a direita e para a esquerda, pode ocorrer apontando para a direita, apontando para a esquerda, apontando para frente, apontando para trás (ou para dentro), apontando para cima e apontando para baixo. Na RM a mão direita pode estar acima da mão esquerda, a mão esquerda pode estar acima da mão direita, a mão direita pode estar à frente da mão esquerda, a mão esquerda pode estar à frente da mão direita, as mãos podem estar lado ao lado, cruzadas pelos dedos, tocando a(s) palma(s), tocando o(s) dorso(s), tocando o(s) pulso(s), tocando o(s) dedo(s), cruzadas pelos pulsos, tocando-se pelo pulso e dedo, entrelaçadas pelos dedos, tocando-se pelas laterais das mãos, tocando-se pelas pontas dos dedos, cotovelo tocando o dorso da mão, tocando entre os dedos e enganchados pelos dedos.

Ainda, para Faria-Nascimento (2009, p. 199),

A OP será neutralizada até que a única diferença entre uma UL ou UT e outra seja apenas a OP, ou seja, quando estiver em relação de par mínimo com outra unidade, pois está intimamente ligada à CM, e incluí-la como critério básico para ordenação paramétrica significa multiplicar o número de CMs pelo número de OPs para encontrar o número de opções possíveis para cada CM.

Nota-se que a orientação da palma da mão é imprescindível para a compreensão do sinal como um todo, pois faz parte da composição básica do sinal. Dessa forma, é importante também destacar que a OP e a CM estão intrinsecamente relacionadas, uma vez que uma possibilita a outra a identificação de processos semânticos que corroboram para o processo de variação linguística.

Nesse sentido, Castro-Júnior (2014) descreve a composição lexicográfica do termo MITO. Segundo o autor, o primeiro sinal-termo para MITO pode ser feito a partir do sinal de METÁFORA que é um empréstimo da *American Sign Language* - ASL, porém com os dedos médio e polegar unidos. O segundo sinal-termo para MITO pode ser feito com a mão esquerda passiva com dedos polegar e indicador estendidos, palma para dentro, na lateral, parado e a mão

direita dominante aberta, palma para baixo, fazendo movimento retilíneo para cima e para baixo.

No primeiro sinal-termo para MITO, semelhante ao sinal de METÁFORA (na ASL e na Libras), tem o sentido de “explicação de narrativas utilizadas pelos povos para fatos da realidade e fenômenos da natureza” e no segundo sinal-termo para MITO tem relação com a “interpretação de narrativas simbólico-imagética, que tem relação com a forma da cultura de um povo em explicar e demonstrar os fatos e fenômenos por meio da ação e do modo de ser das personagens” (Castro-Júnior, 2014, p. 233).

Dessa forma, percebe-se que a orientação da palma da mão dominante que diferencia o sinal de METÁFORA e de MITO corrobora para que a compreensão seja realizada e o conceito adequado seja inferido. Silva (2013, p. 41) diz que “a orientação da mão corresponde a um componente imprescindível da formação dos sinais que está relacionada à disposição da palma da mão. A função deste parâmetro é de diferenciar os sinais conforme o direcionamento da mão”.

Dessa forma os sinais-termo identificados com variação linguística nesta pesquisa a partir dessa base paramétrica da Orientação e Direcionalidade estão listados no Quadro 07.

**Quadro 08:** Sinais-termo com variação na Orientação e Direcionalidade

<b>Sinal-termo</b>	<b>Link de Acesso</b>
Ambiente Virtual de Aprendizagem	<a href="https://youtu.be/v_IXo3xpAzk">https://youtu.be/v_IXo3xpAzk</a>
Bibliografia	<a href="https://youtu.be/rkW2ciQI1DQ">https://youtu.be/rkW2ciQI1DQ</a>
Cadeira de Rodas	<a href="https://youtu.be/Oivht7ZsQoQ">https://youtu.be/Oivht7ZsQoQ</a>
Coerência	<a href="https://youtu.be/IJwdxpVsau4">https://youtu.be/IJwdxpVsau4</a>
Lev Vygotsky	<a href="https://youtu.be/yb6uDgR0tc0">https://youtu.be/yb6uDgR0tc0</a>
Libras	<a href="https://youtu.be/w2G-5h6BDYc">https://youtu.be/w2G-5h6BDYc</a>

**Fonte:** Pesquisa

Obedecendo a proposta de categorização desta base paramétrica por Faria-Nascimento (2009), é percebido a seguinte divisão de variação na Orientação e Direcionalidade da palma da mão a partir da Orientação da Palma (OP): BIBLIOGRAFIA - variante (i); CADEIRA DE RODAS - variante (i); AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM - variante (i); da Orientação da Mão (OM): LEV VYGOTSKY - variante (i); e da Relação entre mãos (RM): COERÊNCIA - variante (ii); LIBRAS - variante (ii).

#### 4.5 Sinais-termo com variável da condição de uso paramétrico das Expressões Não-Manuais e Faciais

As Expressões Não Manuais e Faciais - ENMF são imprescindíveis para a Libras, pois a partir delas os sinais ganharão a intensidade requeridas no discurso. É importante ressaltar que as ENMF, também, corroboram com a construção de discursos coerentes e coesos e que fazem parte da gramática da Libras e da base paramétrica a ela relacionadas.

Xavier e Barbosa (2014) denominam as ENMF de “marcações não manuais” e apresentam fenômenos semelhantes que ocorrem na língua de sinais australiana - Auslan com a Libras a partir dos estudos de Johnston e Schembri (2007 *apud* Xavier; Barbosa, 2014). Para os autores, a presença das “marcas não manuais” na Libras varia entre os usuários desta língua, assim como na Auslan, pois essas marcações dependem do “julgamento de obrigatoriedade” ou não, a partir da pessoa sinaliza.

Nesse sentido, Silva (2013, p. 42) diz que:

As expressões não-manuais, ou expressões faciais, estão relacionadas com fatores paralinguísticos. Esse parâmetro funciona a partir da ação de movimento de certas partes do rosto e/ou corpo, como: bochechas, cabeça, sobrancelhas, nariz, lábios, tronco e outras partes do corpo. São elementos necessários capazes de alterar o sentido de uma sentença ou item lexical. Por exemplo, na Libras, a sentença: EL@^HOMEM TER MOTO, sinalizada com as sobrancelhas levantadas para cima pode inferir uma interrogação. Já se for sinalizada com o movimento da cabeça de cima para baixo ou com uma expressão do rosto suavemente neutra, pode inferir uma afirmação. Esses elementos não manuais podem ser empregados para esclarecer ou intensificar o sentido de um sinal enunciado.

As Expressões Não-Manuais e Faciais estão inseridas na categoria de parâmetros secundários da Libras. Por meio das ENMF, para os sinais que necessitam dela, será construído e distinguido os sentidos dos enunciados do discurso e ela funcionará como um norteador geral para a compreensão do discurso. Elas são relevantes, então, para que junto aos outros fatores linguísticos as sentenças ganhem coerência.

Nesse sentido, Corina *et al.* (1999 *apud* Castro-Júnior, 2014) explicam que as ENMF são separadas em, no mínimo, duas classes, sendo: (i) expressões faciais com funções sintáticas, condicionais e relativas, por exemplo, utilizando expressões específicas; (ii) expressões faciais que marcam sentenças adverbiais, co-ocorrendo e modificando sinais verbais. Ainda, segundo a autora, há pelo menos quatro diferenças entre expressões faciais de cunho linguístico e de cunho afetivo, sendo relacionadas ao uso da musculatura facial: ENMF (i) com início e fim rápido, (ii) com uso de músculos específicos e individualmente recrutados, (iii) com uso no âmbito linguístico e (iv) com uso a partir da exigência.

Na organização de uma história, as expressões da face sempre revelam características emocionais ou reações específicas diferentemente de quando relacionadas à morfologia ou à sintaxe da língua. As expressões afetivas somadas às mudanças de direção do olhar revelam os sinais referentes ao que se está relatando. Indicam também o papel do narrador ou de “quem está falando” quando a história é recontada. As expressões afetivas e a direcionalidade do olhar, dentro desse discurso, delimitam, portanto, o escopo do que está sendo dito (Anater, 2009, p. 88).

É importante destacar que um único parâmetro não será suficiente para que o sinal seja levado a sua compreensão. Observa-se também que, segundo a autora, a ENMF, por vezes, está atrelada a direção do olhar, um traço não manual que traz em si uma diferença estrutural para a composição da sentença e do discurso em Libras.

Para Castro-Júnior (2014), há a necessidade de os surdos conhecerem as diversas facetas da Língua de Sinais para divulgar a norma-padrão que a compõe. Em sua análise, o autor constatou que os Surdos, sujeitos de sua pesquisa, conseguiram utilizar-se das ENMFs, adequadamente, a partir do grau de escolaridade, pois está variável (o grau de escolaridade) evidenciou o comportamento social do grupo de sinalizantes de sua pesquisa.

Segundo Faria-Nascimento (2009), as expressões faciais podem ser divididas em *expressões faciais mais fechadas* e *expressões faciais mais abertas*. As *expressões faciais mais fechadas* estão relacionadas a sentimentos mais negativos, como bravura, tristeza, desconforto, preocupação. Já as *expressões faciais mais abertas* estão associadas a sentimentos mais positivos, como alegria, tranquilidade, prazer. Ainda, segundo a autora, as sobrancelhas são de extrema relevância para a compreensão das expressões faciais nas duas categorias propostas. As sobrancelhas mais franzidas representam *expressões faciais mais fechadas* e as sobrancelhas arqueadas representam as *expressões faciais mais abertas*.

Assim, a autora propôs uma ordem para o parâmetro expressão facial, como segue:

**Figura 18:** Ordem para as expressões faciais

**ORDEM PARA O PARÂMETRO: EXPRESSÃO FACIAL**

ULs sem expressão facial > ULs com expressão facial (mais fechada > mais aberta)

- a) sobranceiras franzidas > arqueadas;
- b) olhos fechados > olhos semi-abertos > olhos abertos > olhos arregalados;
- c) arcada dentária cerrada > arcada dentária batendo os dentes > arcada dentária aberta e aparente;
- d) batendo a língua entre os lábios > língua ou ponta da língua para fora;
- e) lábios cerrados (mastigar) > lábios protuberantes (beijo/ bico) > lábios semi-abertos (soprando / expirando / inspirando / abrindo e fechando) > simulando fala > lábios estalando > lábios abertos > bocejo;
- f) bochechas sugadas > bochecha distendida pela ponta da língua > bochechas infladas.

**Obs.:**  
 - As EFs mais fechadas estão associadas a sentimentos negativos.  
 - As EFs mais abertas estão associadas a sentimentos positivos.

**Fonte:** Faria-Nascimento (2009, p. 207)

A autora separa as expressões faciais da expressão corporal. Em suas análises evidencia-se que há uma dificuldade em identificar os tipos de expressões corporais, mas que é possível perceber que as expressões corporais podem estar relacionadas à posição e ao movimento da cabeça, dos ombros, do tronco e da cintura.

Dessa forma, a autora organizou um ordenamento para este parâmetro, como segue:

**Figura 19:** Ordem para o parâmetro: Expressão Corporal

**ORDEM PARA O PARÂMETRO: EXPRESSÃO CORPORAL**

sem EC > com EC

da esquerda ou do centro > para a direita (de dentro para fora)  
 da direita ou do centro > para a esquerda (de fora para dentro)  
 para frente > para trás  
 para baixo > para cima

As expressões corporais podem seguir, também, a seqüência de ordenação dos PAs. Se a EC for articulada nos ombros, seguirá a ordem estabelecida dos PAs até que se chegue aos ombros.

**Fonte:** Faria-Nascimento (2009, p. 209)

Nesse sentido é importante ressaltar que, de acordo a resposta dos Surdos-colaboradores, não foram encontrados sinais-termo que variam na base paramétrica das ENMF. Porém, dois sinais tiveram ENMF (não variantes) identificadas, sendo os sinais de GREVE e LUTA. Esses sinais podem fazer parte das categorias de sinais com expressões faciais mais fechadas relacionadas a sentimentos mais negativos.

## 5 CONCLUSÃO

Os sinais-termo são indispensáveis na educação de Surdos e, para os Surdos graduados e graduandos na área da educação são imprescindíveis para a consolidação dos conhecimentos acadêmicos. Dessa forma, esta pesquisa procurou analisar a ocorrência de variação de sinais-termo, a partir da sinalização de Surdos do curso de Pedagogia de Imperatriz - MA e de cidades adjacentes.

A Libras é uma língua dinâmica e variável a partir do contato entre seus usuários e é necessário realçar a diversidade linguística sem deixar de lado a necessidade de objetividade e univocidade para uma comunicação efetiva (Finatto, 1996). Entende-se que a variação terminológica e a univocidade na comunicação corroboram consideravelmente para a educação de Surdos, uma vez que é importante os Surdos conhecerem a vasta variação linguística presente no país, mas sem desprezar a necessidade de uma forma gramatical que possibilite a compreensão linguística em todo o território nacional (Castro-Júnior, 2014).

A investigação da ocorrência dos sinais-termo nesta pesquisa se deu, inicialmente, pela percepção do pesquisador na comunidade Surda local. A partir de suas vivências, foi possível elencar sinais-termo com variação linguística do curso de Pedagogia identificadas nas três obras analisadas e, ainda, pontuar sinais-termo com probabilidade de ocorrência de variação.

Para verificar a percepção que os Surdos-colaboradores têm da variação linguística dos sinais-termo do curso de Pedagogia, foi elaborado um questionário no *google forms* e divulgado entre os Surdos-colaboradores da pesquisa, para ser respondido por eles. O questionário foi dividido em quatro partes devido ser extenso e denso para a plataforma na qual ele foi acomodado, o *google forms*, mas sem prejuízo para a pesquisa.

Percebeu-se que os municípios de Imperatriz e Açailândia possui a maior quantidade de surdos graduados e graduandos em Pedagogia, da Região Tocantina, e, a partir desses municípios os Surdos migram para municípios e cidades adjacentes devido à supersaturação na profissão entre os próprios Surdos.

A partir da resposta ao questionário, foi possível catalogar os sinais-termo utilizados pelos Surdos-colaboradores desta pesquisa. Assim, identificou-se e analisou-se, por meio da base paramétrica da realização do sinal, os sinais-termo que compunham a categoria de variante-padrão e de variante(s) não-padrão. Nesta etapa, as fichas terminológicas foram preenchidas para dar validação ao processo de registro e validação dos sinais-termo para, depois, serem descritos e seguir os próximos passos propostos para esta pesquisa (Faulstich, 1995).

A descrição dos sinais-termo se deu a partir da análise dos dados. Nela foi descrita a variedade dos sinais-termo identificados no repertório linguístico dos Surdos-colaboradores, a partir dos elementos basilares da constituição do sinal - a base paramétrica -, que puderam ser categorizados em sinais com variação na base paramétrica da Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA), Orientação e Direcionalidade (O/D), Movimento (M) e Expressões Não Manuais e Faciais (ENMF).

Por fim, foram apresentados os sinais-termo identificados à comunidade surda, por meio do “*Léxico alfabético semibilíngue de sinais-termo do curso de Pedagogia*”, sendo esta uma das formas de Produção Técnico-Tecnológica exigidas no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLE) da UEMASUL. O léxico alfabético citado é identificado como um marco da educação lexicográfica na área educacional.

É importante pontuar que a educação lexicográfica em Libras diz respeito às formas e aos procedimentos estratégicos e rigorosos de padronização e catalogação de sinais-termo, que visam dar atenção aos detalhes da constituição dos sinais para, então, serem divulgados na comunidade surda ou para quem interessar.

Reitera-se que o material construído tem o papel de marcar uma proposta de educação lexicográfica dentro do espaço de ensino para futuros pesquisadores, que irão lidar com este tema e, também, para uso dos professores com os discentes surdos, e dos pesquisadores para a formação de tradutores e intérpretes, por meio deste padrão de registro terminológico. Portanto, com o material construído comprovou-se que o uso de variantes na terminologia em Libras tem relevância e contribuem para a produção do conhecimento acadêmico.

Diante do exposto, considera-se que o objetivo desta pesquisa foi alcançado, pois foi possível identificar a ocorrência de variação de sinais-termo no curso de Pedagogia, por meio das respostas dos Surdos-colaboradores ao questionário. Ressalta-se que a cidade de Imperatriz-MA se manteve como o *lócus* de maior quantidade de Surdos formados em Pedagogia e que Açailândia-MA tem a segunda maior incidência de surdos com essa graduação. Portanto, a análise da condição paramétrica seguiu, também, uma proposta regional evidenciando, pela amostra analisada, a sinalização dos surdos da Região Tocantina.

Assim, procurou-se acessibilizar a variante linguística terminológica do objeto de estudo proposto com o objetivo de colaborar com a expansão dos conhecimentos acadêmicos, a partir do campo semântico que o sinal-termo está. Sabe-se que, pela falta de acesso à informação os alunos Surdos das mais diversas modalidades possuem dificuldades em assimilar, ratificar e utilizar os conhecimentos científicos apresentados, pois os conteúdos, em sua maioria, são na língua majoritária falada no Brasil, a Língua Portuguesa.

Portanto, os Surdos, sobretudo os acadêmicos e formados na área da educação, necessitam do conhecimento terminológico da sua área de formação para que este conhecimento seja subsídio de suas práticas de ensino. Assim, este estudo que não tem natureza interventiva procura colaborar direta ou indiretamente com o público-alvo desta pesquisa.

## **6 PRODUÇÃO TÉCNICO-TECNOLÓGICA: “*Léxico alfabético semibilíngue de sinais-termo do curso de Pedagogia*”**

Como Produção Técnico-Tecnológica-PTT, foi criado um léxico alfabético para registrar e disponibilizar os dados construídos ao longo da pesquisa, ou seja, a(s) variante(s) de sinais-termo da área da educação utilizada pelos Surdos-colaboradores, seguindo as etapas de descrição da Ficha Terminológica, destacando-se a variante linguística dos sinais-termo em imagem e com acesso ao vídeo, por meio do link do *Youtube* e do *QR Code*. A PTT foi intitulada “*Léxico alfabético semibilíngue de sinais-termo do curso de Pedagogia*” e nela seguiram-se os procedimentos da educação lexicográfica necessária para o registro de termos na Libras (Castro-Júnior, 2014).

Considera-se léxico alfabético um léxico de uma língua que esteja preocupado com a exposição do léxico, de modo a possibilitar o acesso dos consulentes a determinados termos de uma língua, de forma ordenada. Denominou-se esta PTT de semibilíngue por entender que a entrada de acesso a este léxico não está em Libras, mas em Língua Portuguesa, seguida de sua imagem em Libras e do vídeo para verificação da base paramétrica do sinal-termo e suas variantes.

Douttes (2017, p. 82) coloca sua compreensão do conceito de repertório semibilíngue ao dizer que “o repertório semibilíngue, quer dizer, a entrada das palavras encontra-se em Língua Portuguesa, e os verbetes exibem os sinais-termo e definições em Libras, que se constitui numa língua de modalidade visual”. Dessa forma, encontrou-se no método de acomodação dos sinais-termo em vídeo (no *Youtube*) uma possibilidade de representar a Libras em ação.

Para a organização de repertórios lexicográficos e terminográficos digitais, sugere-se um repertório interativo com vídeos ou animação que possa representar a língua de sinais “em ação” e, até, se possível, “em uso”. Elaborar um repertório lexicográfico digital com imagens inanimadas significa desperdiçar a ferramenta tridimensional que esse recurso oferece à representação das línguas de sinais. Significa impedir o consulente de ter acesso amplo e irrestrito à representação da Libras (Faria-Nascimento, 2009, p. 220).

Pelo fato de a Libras ser uma língua visual a tecnologia possibilitou a utilização de vídeos para o seu registro e, conseqüentemente, divulgação da base paramétrica, de maneira adequada. O vídeo tem sido o mais utilizado, nesse quesito, e possibilita surdos dos mais diversos níveis linguísticos a terem acesso a informações das mais diversas áreas.

Assim, consta-se que existem diferentes formas de consulentes surdos e que esta diversidade se apresenta como um grande desafio para a produção dos lexicógrafos e terminógrafos.

Alguns surdos oralizados preferem ler as definições em Língua Portuguesa como os ouvintes. Surdos bilíngues podem preferir glossários bilíngues (com definições em LP e em Libras), diferente do glossário semibilíngue. Surdos monolíngues, falantes nativos de Libras, sem dúvida, irão preferir glossários monolíngues. A tipologia dos melhores tipos de glossário é um desafio à pesquisa (Douettes, 2015, p. 219).

Esse desafio implica diretamente como, dito anteriormente, na elaboração de obras da terminologia e lexicologia, pois, a depender do público-alvo se terá um produto específico que pode agradar a um grupo em detrimento de outro. O glossário (ou *glossário conceitual* conforme caracteriza o autor), tem sido o principal fruto do trabalho dos terminógrafos, e a sua principal característica é descrever o conceito de um termo, seu contexto de utilização e a variedade linguística presente em um termo, a sua variação terminológica.

Quem elabora um glossário possui grandes desafios, pois

um elaborador de glossário ou de dicionário bilíngue português-língua de sinais brasileira e vice-versa precisa conhecer as duas línguas para, necessariamente, representar os léxicos de acordo com os conceitos em harmonia. Harmonizar as línguas é combinar seus sistemas, de tal forma que, no léxico, o resultado apareça no bilinguismo explícito em conformidade conceitual entre os itens lexicais. Nesse caso, não basta traduzir a língua de sinais para o português ou o português para a língua de sinais porque poderá prevalecer, na língua de sinais, palavras soletradas manualmente (Faulstich, 2013, s/p *apud* Prometi, 2013, p. 50)

Considera-se o extenso e cuidadoso labor de um profissional da terminografia na elaboração de insumos lexicais para a promoção da política linguística de grupos minoritários, haja vista a necessidade de respeitar as características desses grupos e de fomentar um trabalho que traga o acesso intercultural para quem os deseja conhecer. Outro detalhe é a construção mental do conceito de uma língua, pois essa construção não se dá por base da língua de contato, mas a partir de regras próprias dos usuários de uma determinada língua.

Porém, no caso de essa organização bilíngue envolver uma língua visual, é preciso investigar que modelo pode responder, da melhor forma possível ao desempenho de um bilinguismo que leve em conta as duas modalidades de línguas, como oral-auditiva (o português) e a visual-espacial (a Libras). A justificativa está no fato de o português, para o aprendiz surdo, ser uma segunda língua, porque a primeira é a língua de sinais e, por isso, a forma de organizar os conceitos é diferente (Faulstich, 2010, p. 178 *apud* Prometi, 2013, p. 49).

O fato da Língua Portuguesa ser a segunda língua das pessoas Surdas do Brasil, na modalidade escrita e em alguns casos na modalidade oral<sup>22</sup>, implica na forma de expressão dessa língua pelos Surdos. Muitos Surdos têm dificuldades na escrita e na compressão da Libras e, dessa forma, a recepção linguística da Língua Portuguesa é dificultada pela sua base fonológica.

Nesta pesquisa procurou-se utilizar a educação lexicográfica na elaboração do repertório lexical alfabético dos sinais-termo. Como educação lexicográfica, descrita por Castro-Júnior (2014), na construção do Glossário VarLibras, o autor utilizou-se da datilologia do sinal-termo, cor da camisa preta para variante-padrão e cor da camisa vermelha para a variante não-padrão. Para o produto desta pesquisa não foi utilizada a datilologia como um mecanismo de metadescrição do sinal-termo.

**Figura 20:** Aspectos da educação lexicográfica, em Douettes (2015)



Fonte: Douettes (2015, p. 211)

Observa-se a forma de distribuição de cores de camisa para cada descrição da microestrutura do glossário de Douettes (2015). Ele pontua: “distribuimos, assim, o uso das vestimentas: a) camiseta azul para os 93 sinais-termo; b) camiseta preta para 93 descrições; c) camiseta marrom para 93 exemplos; d) camiseta vermelha para 10 variações linguísticas; e)

<sup>22</sup> Refere-se aos surdos oralizados em Língua Portuguesa.

camisa social azul-claro para a apresentação do glossário visual no DVD” (Douettes, 2015, 118).

Na proposta de micro e macroestrutura de organização de glossário em Libras, Tuxi (2017) dividiu da seguinte forma:

**Figura 21:** Aspectos da educação lexicográfica, de Tuxi (2017)



Fonte: Tuxi (2017, p. 173)

A blusa preta é utilizada para a entrada do verbete, a blusa de cor verde é utilizada para o registro de sua definição, a blusa amarela é utilizada no registro do contexto, a blusa de cor vermelha é utilizada no registro de sua variante, quando houver. Os círculos nas cores verde, azul e vermelho são da possibilidade de busca e a sign writing, abaixo da entrada, representa o registro do sinal escrito em Libras. Para esta PTT utilizar-se-á a proposta de Tuxi (2017), entendendo que a variante-padrão será registrada com camisa preta e a(s) variante(s) registrada de camisa vermelha.

Os sinais-termo serão compreendidos como variante-padrão, a partir da resposta dos Surdos-colaboradores ao questionário (maior frequência no uso do sinal-termo), os sinais foram gravados, pelo pesquisador, com camisa preta e fundo *chroma key* azul; para os sinais-termo entendidos como variante não-padrão, os sinais-termo foram gravados com camisa vermelha e fundo *chroma key* azul. O uso do link do *Youtube* e do *QR Code* possibilita a visualização dos

sinais-termo, a partir de suas condições paramétricas básicas, pois a Libras é uma língua dinâmica e possibilitar aos consulentes a visualização do sinal, por meio do vídeo, é dar acessibilidade ao conhecimento acadêmico aos consulentes – surdos e ouvintes interessados na área. Vale destacar que a plataforma de acomodação dos sinais-termo em vídeo se deu pelo *YouTube* e desta plataforma o *QR Code* do sinal-termo foi gerado para possibilitar o acesso.

Escolheu-se essa forma de acomodação das informações desta pesquisa (*Léxico alfabético semibilíngue*) para ser desenvolvido como PTT, por ser uma forma de circulação de informação que pudesse acomodar os sinais-termo, sistematicamente, a partir da percepção dos Surdos-colaboradores desta pesquisa.

Dessa forma, segue o modelo da PTT:

**Figura 22:** Modelo da Produção -Técnico Tecnológica



Fonte: Pesquisa

É importante ratificar que o modelo acima apresenta um dos sinais-termo que teve mais de uma variante identificada. O seu posicionamento numérico se deu devido ao fato de serem variantes que tiveram maior ocorrência (variante 1) para menor ocorrência (variante 2), segundo as respostas dos surdos-colaboradores ao questionário, sendo que a variante-padrão foi a que teve uma incidência superior de escolhas comparando às variantes e, por isso, foi eleita e catalogada como variante-padrão. Porém, para esta pesquisa decidiu-se permanecer com a mesma cor de camisa para o termo que teve mais de uma variante identificada, diferenciando, apenas, a numeração e a ordem de sua posição. Os termos com mais de uma variante identificada foram: **ÁFRICA, BIBLIOGRAFIA, CONJUNÇÃO, EXERCÍCIO, HISTÓRIA, LEV VYGOSTKY, MATEMÁTICA e MATRÍCULA.**

Dessa forma, a PTT será consolidada para dar acesso aos consulentes do léxico ao conhecimento proposto nesta pesquisa. Os Surdos necessitam de materiais de consulta que sejam acessíveis em sua língua para, assim, reforçarem a sua participação na sociedade de maneira equânime e igualitária às pessoas ouvintes e/ou sem deficiência. Assim, espera-se que ela seja útil e contribua para o desenvolvimento linguístico desse público.

## REFERÊNCIAS

- ANATER, G. I. P. **As marcações linguísticas não-manuais na aquisição da língua de sinais brasileira (Libras):** um estudo de caso longitudinal. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- BACKER, C. **Foundations of bilingual education and bilingualism.** Clevedon: Multilingual Matters, 2001.
- BARROS, L. A. **Conhecimentos de terminologia geral para a prática tradutória.** São José do Rio Preto, SP: NovaGraf, 2007.
- BATTISON, R. Phonological deletion in American Sign Language. **Sign Language Studies**, v. 5, p. 1-19, 1974.
- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da Palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2. p. 81-118, 1998.
- BRASIL. **Lei Nº 10.436 de 24 de abril de 2002.** Dispõem sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm)>. Acesso: 13 de Mar. de 2020.
- BRASIL. **Decreto Nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso: 13 de mar. de 2020.
- BRITO, L. F. **Por uma gramática de línguas de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1995.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004.
- CABRÉ, M. T. **La terminologia: teoria, metodologia, aplicaciones.** Barcelona: Editora Antártida, 1993.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & linguística.** São Paulo, Scipione, 1989.
- CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola, 2002. 176 p.
- CAMACHO, R. G. Norma culta e variedades linguísticas. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v. 11.
- CAPOVILLA, F. C; RAPHAEL, W. D; TEMOTEO, J. G; MARTINS, A. C. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos.** 1. ed. 1ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. 1024 p.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A.C.; **Novo Deit: Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Volume 1 (2ª ed., 1, pp. 1-1401).** São Paulo, SP: Edusp, 2012a. (ISBN: 978-85-314-1330-8).

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A.C.; **Novo Deit: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Volume 2** (2ª ed., 1, pp. 1313-2620). São Paulo, SP: Edusp, 2012b. (ISBN: 978-85-314-1331-5).

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado de Língua Brasileira de Sinais**, Vol 1: Sinais de A a L (3ª ed., Vol. 1, pp. 1 – 1832) São Paulo, SP: Edusp, 2006. MEC - FNDE, 1820 p. (ISBN: 85-314-0668-4).

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: O mundo do surdo em Libras**, Vol. 3: Sinais de Libras e a vida em família, relações familiares e casa, e Como avaliar o desenvolvimento da competência de leitura de sentenças (processamento sintático e semântico) de escolares surdos do Ensino Fundamental ao Médio (pp. 1-857). São Paulo, SP: Edusp, 2005a. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fundação Vitae, Capes, CNPq, e Fapesp. (ISBN: 85-314-0855-5).

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: O mundo do surdo em Libras**, Vol. 4: Sinais de Libras e o universo da comunicação, eventos e religião, e Como avaliar a competência de leitura (processamento quirêmico e ortográfico) de escolares surdos do Ensino Fundamental ao Médio (pp. 1-1010). São Paulo, SP: Edusp, 2005b. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fundação Vitae, Capes, CNPq, e Fapesp. (ISBN: 85-314-0870-9).

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: O mundo do surdo em Libras**, Vol. 8: Sinais de Libras e o mundo das palavras de função gramatical, e Como acompanhar o desenvolvimento da competência de leitura (processos quirêmicos, semânticos e ortográficos) de escolares surdos do Ensino Fundamental ao Médio. São Paulo, SP: Edusp, 2005c. Fundação Vitae, Capes, CNPq, e Fapesp. (ISBN: 85-314-0902-0).

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: O mundo do surdo em Libras**, Vol. 1: Sinais de Libras e o universo da Educação, e Como avaliar o desenvolvimento da competência de leitura de palavras (processos de reconhecimento e decodificação) em escolares surdos do Ensino Fundamental ao Médio (pp. 1-680). São Paulo, SP: Edusp, 2004a. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fundação Vitae, Capes, CNPq, e Fapesp. (ISBN: 85-314-0849-0, ISBN: 85-7060-276-6).

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: O mundo do surdo em Libras**, Vol. 2: Sinais de Libras e o universo das artes e cultura, esportes, e lazer, e Como avaliar o desenvolvimento da compreensão de sinais (vocabulário em Libras) de escolares surdos de 1ª a 8ª série do Ensino Fundamental (pp. 1-827). São Paulo, SP: Edusp, 2004b. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fundação Vitae, Capes CNPq, e Fapesp. (ISBN: 85-314-0849-0, ISBN: 85-7060-276-6).

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MACEDO, E.C. **Manual ilustrado de sinais e sistema de comunicação em redes para surdos**. São Paulo, SP: Editora do Instituto de Psicologia da USP, 1998. (ISBN: 85-86736-01-5).

CASTRO-JÚNIOR, G. **Projeto varlibras**. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Programa de Pós-graduação em Linguística. Brasília, 2014.

CASTRO-JÚNIOR, G.; PROMETI, D.; ANDRADE, B.L.L.; MARINHO, E. J. A importância da educação lexicográfica na formação de pesquisadores, professores e

intérpretes de libras. In: MACHADO, F.; TUXI, P. MARTINS, T. (Orgs.). **Lexicologia, terminologia e línguas de sinais: um trilhar no universo dos estudos linguísticos e tradutórios**. Jundiaí [SP]: Paco, 2022.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N.; MAY, G. E. **Para conhecer sociolinguística**. 1. ed., 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

COSTA, M. R. **Enciclobras: produção sistematizada de sinais-termo em Língua de Sinais Brasileira em novos eixos temáticos: LSB e LGP** (“Proposta Enciclopédica: EncicloSigno em contexto”). Tese Doutorado. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Brasília, 2020.

COSTA, F. R. **Variação linguística na Língua Brasileira de Sinais - Um estudo a partir de narrativas autobiográficas surdas**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis, SC, 2018.

COSTA, M. R. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: Enciclobras**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Brasília, 2012.

DIGIAMPIETRI, M. C. C.; MATOS, A. H. **Pedagogia Visual, Pedagogia Bilíngue e Pedagogia Surda: faces de uma mesma perspectiva didática?** In: ALBRES, N. A.; NEVES, S. L. G. (orgs.). **Libras em estudo: política educacional**. São Paulo: FENEIS, 2013.

DOUETTES, B. B. **Tradução na criação de sinais-termo religiosos em Libras e em uma proposta para organização de glossários terminológicos semibilíngues**. 2015. 440f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. **Representações lexicais da Língua Brasileira de Sinais. Uma proposta Lexicográfica**. Brasília: UnB/Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP, 2009.

FAULSTICH, E. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação**. Brasília: Centro Lexterm, 1995. 31p.

FAULSTICH, E. **Metodologia para projeto terminográfico**. Brasília, 1990. p. 206-217.

FERNÁNDEZ-SERVILLA, J. **Problemas de lexicografía actual**. Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo, Series Minor, XIX. Bogota: 1974.

FINATTO, M. J. B. **Unidade e variação na língua portuguesa: a variação em terminologia**. Revista Internacional de Língua Portuguesa, Lisboa, n.15, p.64-68, 1996.

GARCIA, R. L. (Org.); OLIVEIRA, A. M. M.; SAMPAIO, C. S.; PEREZ, C. L.V.; ZACCUR, E.; ESTEBAN, M. T. **Alfabetização dos alunos das classes populares: ainda um desafio**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

INES. **Dicionário Digital**. Disponível em: <http://www.manuario.com.br/home.html>. Acessado em 13 de mar. de 2020.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, M. G. Dicionários para o ensino de língua materna: princípios e critérios de escolha. **Revista Língua e Literatura**. V. 6/7, n. 10/11, UFRGS, 2004/2005.

LARA, L. F. **Curso de lexicologia**. México, D. F.: El Colegio del México, 2006. 248 p.

LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R.N. American Sign Language: The Phonological Base. In: VALLI, C.; LICAS, C. (orgs). 2000. **Linguistics of American Sign Language**: an introduction. Washington, D.C.: Clerc Books/Gallaudet University Press, 1989.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MOLL, J. **Alfabetização possível**: reinventando o ensinar e o aprender. Porto Alegre: Mediação, 1996.

NASCIMENTO, C. B. **Terminografia em Língua brasileira de Sinais**: proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente, em mídia digital. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Brasília, 2016.

PEREIRA, K. A. **Variação linguística da libras no contexto da educação de surdos**. Dissertação de mestrado em educação. Universidade Federal de Pelotas, 2011.

PROMETI, D. **Glossário bilíngue da língua de sinais brasileira**: criação de sinais dos termos da música. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Brasília. 2013.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SILVA, R. C. **Indicadores de formalidade no gênero monólogo em Libras**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis-SC. 2013.

SKLIAR, C. (Org). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 8ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.

STREET, B. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno. 1º ed. São Paulo: Parábola, 2014.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4 ed. 1 reimp. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2018.

STROBEL, K. L. **História da Educação de Surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de Licenciatura em Letras-Libras na modalidade a distância. Florianópolis, 2009.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema Signwriting:** línguas de sinais no papel e no computador. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em Informática na Educação, 2005.

SOARES, M. B. **Linguagem e escola:** uma perspectiva social. 18 ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, M. B. **Alfabetização e letramento:** caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

SOARES, M. B. **Letramento e alfabetização:** as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação* [online]. 2004, n. 25, pp. 5-17. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000100002>>. Epub 09 Out 2006. ISSN 1809-449X. Acessado em: 13 ago. 2021.

STOKOE, W. Sign Language structure: an outline of the communication systems of the American deaf. In: **Studies in Linguistics:** occasional papers. Buffalo: Department of Anthropology and Linguistics, 1960. (Vol. 8).

TUXI, P. **A terminologia na língua de sinais brasileira:** proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue. Tese de doutorado em linguística. Universidade de Brasília, 2017.

UFSC. **Glossário Letras-Libras.** Disponível em: <https://www.glossario.libras.ufsc.br/#> . Acessado em: 13 de mar. 2020.

WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica.** Universitat Pompeu Fabra. Institut Universitari de Linguística Aplicada, 1998.

XAVIER, A. N. **Descrição fonética-fonológica dos sinais da Língua de Sinais Brasileira (Libras).** Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2006.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, P.A. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da Libras. **D.E.L.T.A.**, Campinas-SP, 30.2, 371-413, p. 371-413, maio de 2014.

## **APÊNDICES**

**Apêndice A - Modelo de ficha terminológica**

<b>LIBRAS-PORTUGUÊS</b>	
Ent.	<p>Sinal-termo: ALFABETIZAÇÃO</p> 
Var.	
Cat.	Substantivo feminino
Gên.	Feminino
Def.	AÇÃO O-U RESULTADO PRÓPRI@ ALFABETIZAR; SABER LER TAMBÉM ESCREVER.
Cont.	CRIANÇA SURD@ PRECISAR ALFABETIZAÇÃO CED@
Img.	Sem imagem
Fonte imagem	Sem fonte de imagem

Fonte: Adaptado de Prometi (2013)

**Apêndice B** - *Links* de acesso ao questionário

1ª parte: Letras de A ao E. Disponível em:

<https://docs.google.com/forms/d/1D4bSPOkIF4bigHg6OjwCfQvxIRbB-fe1YXqpN1UEbTU/edit>

2ª parte: Letras de F ao O. Disponível em:

<https://docs.google.com/forms/d/12iZhMWycznoQYe4HzEr5QWl2bhJIqpVY3Kgxd-ZBtvk/edit>

3ª parte: Letras de P ao Z. Disponível em:

<https://docs.google.com/forms/d/1JrVMyhAcWKywwbhKmKOYnz0feBXk58AiIcd5qHhK4cQ/edit>

4ª parte: Sinais-termo com prováveis variações. Disponível em:

[https://docs.google.com/forms/d/1WWM3EHM\\_VHM6Py8H7UJH-3fR8\\_Z5W9ZNPTMoPbiyjgY/edit](https://docs.google.com/forms/d/1WWM3EHM_VHM6Py8H7UJH-3fR8_Z5W9ZNPTMoPbiyjgY/edit)

**Apêndice C** - Link de acesso ao “*Léxico alfabético semibilíngue de sinais-termo do curso de Pedagogia*”

**Disponível em:**

<https://mega.nz/file/QiExQIAL#HLSjUh5kLp7ExkFoe3F7hy0vF3I1Gq9LIZIlyHgGTKk>